# TRIP

ANO 8 Nº 36 CR$ 2,00

## DINHO E BETTY PRADO

Arrepiando vagabundos no Minhocão

## CACO BARCELLOS

O repórter da Globo detona jornalismo, drogas, mulheres, casamento e Roberto Marinho

## PORTO DE SANTOS

O submundo do sexo, dinheiro e mistério

## MARCELO AUGUSTO

Loiro burro ou o novo Fábio Júnior?

Peça ao jornaleiro a outra capa desta edição. A escolha é sua.

## ESTRÉIA

Novas Colunas: TV com Marcelo Tas, música com Fábio Massari, saúde com Ricardo Bocão, bike, surf...

SARCIA
Guaraná

# BRºTINHº COM GUARANÁ

*ESTE É O SABOR.*

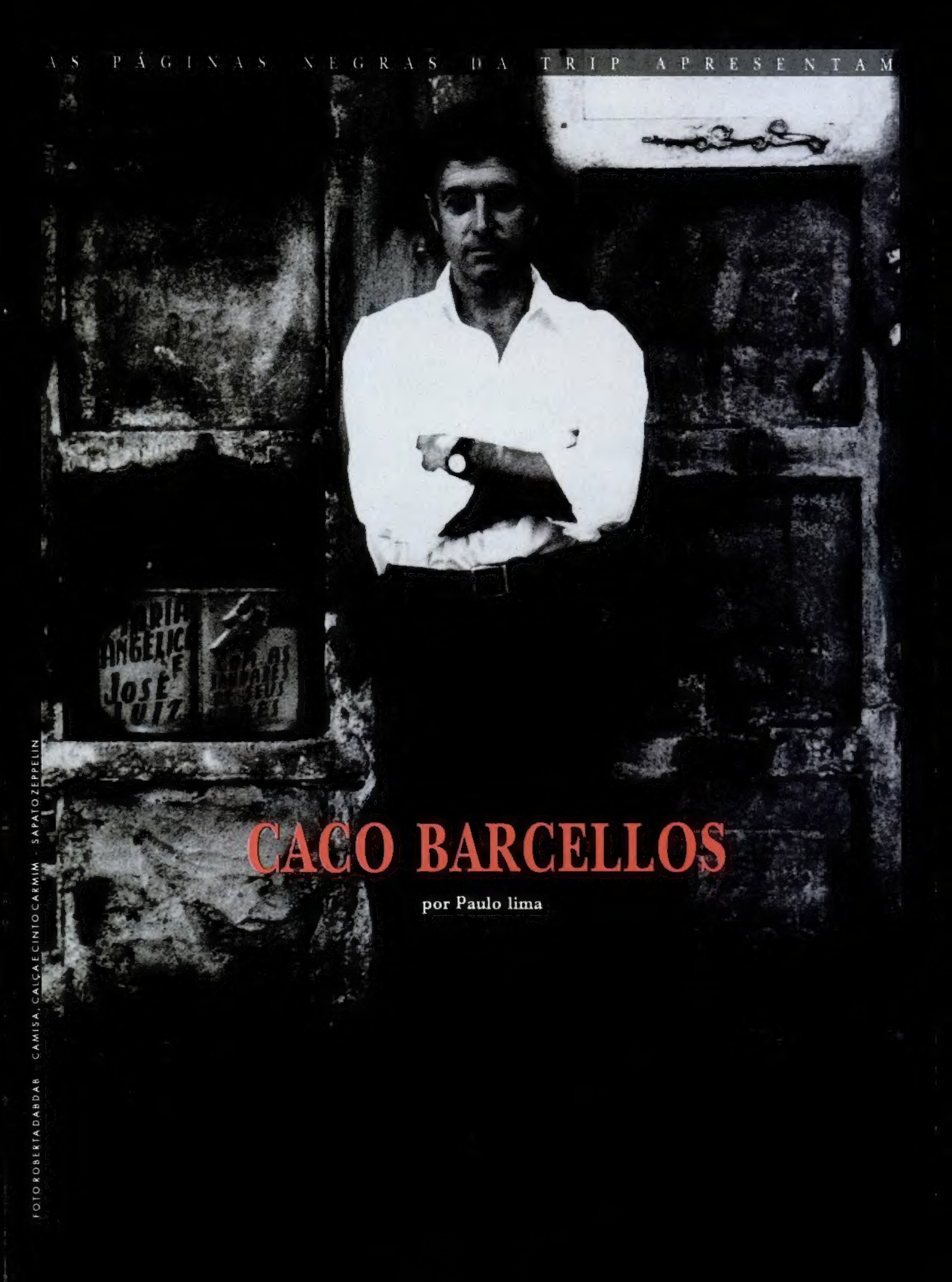
Materiał chroniony prawem autorskim

Materiał chroniony prawem autorskim

foto Cláudio Elizabetsky produção Carlos Calmon

*Na próxima TRIP, você vai conhecer o verdadeiro "Teen"*

This One
C7CG-8DC-TSKZ




# CACO BARCELLOS

por Paulo lima

FOTO ROBERTA DABDAB · CAMISA, CALÇA E CINTO CARMIM · SAPATO ZEPPELIN

**No Brasil, pobre só vai pra frente quando tropeça. Felizmente, Claudio Barcelos nasceu antes da época que suspirou a piada triste. Garoto carente da periferia de Porto Alegre, motorista de táxi quando jovem, Caco deu a sorte de viver na época em que pobre com talento subia na vida sem precisar de elevador. O repórter especial da TV Globo e autor do livro Rota 66 que revirou as tripas da Polícia Militar de São Paulo conta como foi.**

**TRIP** Como começou essa história de ser motorista de táxi?

**CB** Sou de uma família pobre da periferia de Porto Alegre, eu trabalho desde os 13 anos para ajudar no orçamento da casa. Na minha família tinha vários motoristas; meus tios que me ensinaram a dirigir. Eu tinha o maior orgulho: com 13, 14 anos, botava óculos escuros, um chapéuzão para parecer homem, pegava aquele puta carro achando que era maduro. Com 18 anos, no dia do meu aniversário, já estava com meu táxi. Meu não. Empregado.

**TRIP** E como era?

**CB** Eu virei repórter depois de estacionar em frente à redação. Claro que não foi pela circunstância de ser motorista de táxi: nessa época eu fazia um jornal com uma comunidade hippie. Vendíamos de mão em mão. Um dia um jornalista comprou, gostou e convidou toda a redação da comunidade para aparecer no jornal.

**TRIP** Como era ser motorista de táxi? Você tem boas lembranças disso?

**CB** Tenho belas lembranças, porque você não tem patrão no seu ouvido. De outro lado, todo mundo é seu patrão. O cara entra e se sente o dono do carro. Bêbado, então, é um negócio terrível. Ou também o cara entra e quer que você siga a mulher dele: "Aquela filha da puta tá lá naquele carro vermelho! Segue aquele carro!" E se deitava, porque o táxi não tinha o banco dianteiro... então facilitava pro camarada observar a mulher dele. Mas dos tempos de motorista de táxi eu guardo muitas coisas, por exemplo: dividir a vida e as pessoas entre as que aceleram e as que brecam. Eu sempre fiz parte do grupo que acelera. Odiava as pessoas que brecam na curva. Eu andava muito rápido, e era um problema, as pessoas se assustavam. Eu tinha um tipo meio esquisito: barbudão, cabeludo...

**TRIP** Você era hippie clássico?

**CB** Não porque, porra, eu trabalhava. Os hippies, quase todos, ficavam vivendo sem trabalhar, só com algum artesanato. Eu fazia artesanato também, mas era pouco, pra poder pagar a faculdade.

**TRIP** Qual era a tua especialidade?

**CB** Era couro, chinelo de couro.

**TRIP** Se tiver que fazer um hoje, dá pra fazer?

**CB** Ah, faço. Com borracha de pneu, pesado pra caramba...

**TRIP** Tem aquela história das mulheres terem um certo fetiche por motorista de táxi. Rolaram algumas aventuras nessa época?

**CB** Ah, sim...

**TRIP** Você tinha quantos anos?

**CB** Dezoito.

**TRIP** Então estava na fase?

**CB** Eu passava buzinando, umas me esperavam no muro da casa, tal. Uma vez eu fiquei com uma vergonha... Meu tio me flagrou no horário de trabalho —e nessa época eu usava o carro dele— no maior amasso com uma menina.

**TRIP** No banco de trás?

**CB** No banco de trás, que era o mais espaçoso do fusquinha.

**TRIP** Como era Porto Alegre nessa época? A moçada saía muito, se encontrava à noite?

**CB** Eu fazia parte de um grupo que era mais "avançado"—para usar um termo da época—, morávamos em comunidade, e ali rolava de tudo. Era época da revolução sexual, então o nosso grupo tinha uma vida bem interessante.

**TRIP** Como era essa comunidade? Quem morava lá?

**CB** Dependia da noite. Variava de 12 a 30 pessoas. A gente descolava comida barata, roupa quase sem pagar, endereços de outras comunidades no Brasil através do nosso jornal.

**TRIP** Como era a estrutura da comunidade ? Casarão, matagal?

**CB** Era um prédio de dois andares. O segundo andar era inteirinho nosso. O primeiro era ponto comercial. Eu demorava muito pra dormir porque ficava tomando chimarrão, e quase sempre era o primeiro a ver a polícia chegando. Nós tivemos duas invasões. Uma vez eu vi a PM entrando com capacetes brancos. Primeiro ouvi o barulho de portas batendo. Fui na janela e vi aqueles capacetes subindo as escadas. Hippie nunca tranca a porta. Comecei a acordar todo mundo. Tinha menina botando calcinha enquanto uma investigadora da PM ia colocando a gente na cozinha. Um amigo que era fotógrafo de um jornal da cidade deu uma idéia interessante: fotografar a "invasão a domicílio". Daí surgiram dois inquéritos: o da polícia nos acusando de formar "parelho" –que era um termo ainda do passado político– e o nosso contra a invasão de domicílio. No final não deu em nada.

**TRIP** Só as meninas perderam umas calcinhas...

**CB** É...

**TRIP** Quanto tempo você ficou na comunidade?

**CB** Dos 18 aos 23, morando em duas, três comunidades. Em São Paulo eu também acabei morando em uma.

**TRIP** Onde era?

**CB** No Butantã. Essa tinha 12, 13 pessoas.

**TRIP** Você fez faculdade enquanto era motorista de táxi, é isso?

**CB** É. Eu fazia PUC —porque pobre estuda na faculdade particular, e o rico vai pra faculdade gratuita.

**TRIP** Você sofreu preconceito por ser pobre ? Acho que o grande preconceito no Brasil é contra pobre.

**CB** Eu também acho que é o maior de todos. Tem também o preconceito racista. O pior é associar pobreza com negritude.

Caco comunga pela primeira vez.

**TRIP** Na época dos anos 70 as pessoas estavam descobrindo as drogas. Como foi com você?

**CB** Super de leve. Nunca peguei fundo. Vi amigos fazerem viagens sem volta

**TRIP** Com o quê, ácido?

**CB** É.

**TRIP** Você tinha muito medo disso?

**CB** Tinha a cabeça muito presa. Tive sempre um auto-controle que me incomoda. Com álcool também —eu nunca tomei um porre na vida.

**TRIP** Nunca ficou bêbado ?

**CB** Pra não ser mentiroso, meu primeiro e único porre foi com 14 anos. Não consigo passar da primeira dose de nenhuma bebida. Fiz várias tentativas com a ajuda de amigos, mas vou ficando mais careta na medida que eu vou bebendo.

**TRIP** Você separa as drogas? A legislação coloca tudo no mesmo saco. Como você separaria se tivesse que legislar sobre o assunto?

**CB** Acho que liberaria quase tudo, porque liberando você tem chance de informar melhor as pessoas sobre os riscos de cada droga. Liberaria a maconha, por exemplo, porque é leve. Acho que o cigarro causa mais danos do que a maconha. Como a gente vive numa sociedade hipócrita, ela não quer discutir a realidade. Então tem gente de todas as classes sociais morrendo por falta de informação. Com a liberação, pode-se fazer um controle até pelo preço. Se uma droga é perigosa, é mais cara. E deveria ficar claro que se pode morrer por causa de uma overdose.

**TRIP** Cocaína é uma droga que está em moda atualmente no Brasil. Hoje eu posso dizer que são raros os lugares onde você vai e não rola; até na praia já chegou forte. O que você acha dela como fenômeno social?

**CB** Tem vários aspectos que me preocupam. Um deles é que ela trouxe um componente de violência. Antigamente um policial corrupto enriquecia pegando uma grana de um contraventor do jogo do bicho, etc. Agora, se ele pegar um caminhão carregado de cocaína, pode ficar rico da noite pro dia. Então a concorrência entre os corruptos também é muito grande.

A faculdade de jornalismo era paga em bandeiradas. Na foto abaixo, Caco na fase cabelão, trabalhando na imprensa nanica.

**TRIP** Você está deixando de lado o usuário. Como você vê essa história das pessoas buscarem euforia provo-cada? O que você acha que está fazendo essa droga ser tão consumida hoje?

**CB** Acho que o aspecto da proibição sempre estimula. Por isso, talvez, a liberação seja um caminho . Cocaína serve de estímulo para quem não tem uma vida muito cinematográfica.

**TRIP** A sua vida é completamente cinematográfica. Você não fica um pouco assustado?

**CB** Eu fico sim. Mas ter me transformado em repórter foi a coisa mais importante da minha vida, por ter saído de um horizonte de possibilidades e passado a conviver com outro.

**TRIP** Você já entrou na imprensa como repórter policial?

**CB** Naturalmente eu caí nessa área. Era a época mais dura do regime militar e eu entrei com uma turma legal. **Eram os bandidinhos, o setor mais marginalizado da redação que fazia jornalismo policial. Eu lembro muito claramente que havia censura no setor de economia, de política —tinha até uma tabelinha de nomes proibidos. A área de polícia era totalmente livre,** porque só se falava de assalto de fulano contra cicrano. Aí nós começamos a usar aquela relativa liberdade para fazer as reportagens.

**TRIP** Qual foi a sua primeira grande reportagem?

**CB** Sobre como roubar passageiros de táxi. Era o único know-how que eu tinha. Alguém do departamento descobriu que eu era motorista.

**TRIP** E você deu a ficha.

**CB** Dei a ficha toda.

**TRIP** Quais eram os truques?

**CB** Se o taxímetro é do tipo alemão, tem um retângulo minúsculo onde se vê a bandeirada, 1 ou 2. Se você, motorista, recortar um chiclete mastigado, da cor exata daquele retângulo, usa a bandeira 2 de dia e de noite.

**TRIP** Na imprensa escrita você ficou muito tempo ou foi logo para a TV?

**CB** Fiquei dez anos aí. Cinco anos trabalhando de maneira independente na imprensa nanica. Ajudei a formar a *Versus*, que era uma revista de reportagens sobre a América Latina. A gente ia viajar pela América, parava numa cidadezinha, encontrava uma história legal e ficava escrevendo a história durante duas semanas. Nesses cinco anos eu fiz meu primeiro livro, porque uma das viagens acabou na Nicarágua, que estava em guerra contra a ditadura. **Eu me envolvi na guerra. Fui preso pelos guerrilheiros e fiquei amigo deles na prisão. Eles me prenderam pensando que eu fosse um espião americano,** porque nessa época eu morava em Nova York e cheguei com roupa americana e microgravador na cintura. Me prenderam, me levaram para a vala, ouviram o gravador e só tinha música — Stones e outras coisas que eu levava para ouvir.

**TRIP** No mesmo dia você ficou amigo dos caras?

**CB** Na mesma noite. No dia seguinte chegou o chefe das crianças guerrilheiras —que tinha 13 anos— e me liberou, mas eu pedi para ficar, para assistir a guerra ao lado deles. Para minha sorte eles venceram. Se tivessem perdido eu teria morrido junto.

**TRIP** Quanto tempo você ficou com eles?

**CB** No total foram sessenta e poucos dias.

**TRIP** Sua entrada na TV se deu como?

**CB** Eu tinha um preconceito contra TV. Achava que era um veículo oficialista, que não gostava de dar furo. Oficilaista era mesmo, acho que é ainda. Mas quando eu fui morar nos Estados Unidos fiquei absolutamente fascinado por TV, com as reportagens ao vivo e os programas especiais. Voltei para o Brasil e liguei para um amigo que tinha me convidado para trabalhar na TV uma vez e disse que tinha mudado de idéia.

**TRIP** Foi em que emissora?

**CB** Na Globo. Saí na equipe do Ernesto Paglia. Jamais

fotos arquivo pessoal

vou me esquecer. A parada não poderia ser pior: greve dos metalúrgicos no ABC. Chegando lá, "fora Rede Globo, o povo não é bobo", pedrada de todo lado. E ainda foi no dia que a polícia resolveu descer o cacete. Achei o Paglia incrível. Encarou os inimigos dos dois lados: os metalúrgicos e a polícia.

**TRIP** Como foi a situação de maior risco, de passar perto de morrer?

**CB** Foram algumas. Real, na Nicarágua, com franco-atirador, sem saber de onde vinham os tiros. Risco potencial foi na Colômbia, numa reportagem para o Globo Repórter e Jornal Nacional. A minha missão era fazer uma matéria sobre três engenheiros brasileiros que tinham sido sequestrados pelos guerrilheiros do Exército de Libertação Nacional. Durante o processo de produção, fui informado que os guerrilheiros queriam me pegar. Eles estavam pegando estrangeiros. Eram 19 reféns, alguns há dois anos nas montanhas, nas mãos deles. Eu estava sozinho. Contratei uma equipe de lá e comecei a pensar numa maneira de reverter aquela coisa. Gravava as passagens rapidamente —para não perceberem que eu era estrangeiro— e usava carro de produção colombiano. Se eu precisava pedir alguma informação, pedia para alguém da equipe perguntar. Eu gravava e voltava para o carro correndo. Mas aí eu peguei um ensinamento de assaltante de banco, que é usar o elemento surpresa a seu favor —é o único truque que eles têm. Eles conseguem entrar num banco e levar o dinheiro todo em três minutos —acho que são os únicos brasileiros que conseguem ter um bom atendimento em banco, porque o cidadão comum não consegue. Chegam com poucas armas, uma metralhadora no máximo, e encaram às vezes 2.000 pessoas, um corpo de segurança super bem preparado e levam a grana que quiserem. Então, como surpreender os guerrilheiros? Resolvi ir atrás deles também. Procurei guerrilheiro por toda parte. Em cidade pequena, comecei a sair à procura de estudantes de esquerda, sindicalistas e principalmente médicos —guerrilheiro não pode ir para o hospital. Peguei a lista telefônica e em todas as casas que tinham médicos eu perguntava: "Não sei se o senhor tem amigos guerrilheiros, mas se tiver um amigo médico que conheça algum por favor avise que eu quero muito falar com eles". Depois de dez dias veio o primeiro telefonema. Para resumir, depois de 42 dias de conversas diárias, eu estava com sinal verde deles para ir até as montanhas onde estavam os brasileiros. O risco potencial era furar o cerco de 2.000 homens do Exército da Colômbia para chegar até os reféns. Mas não houve nenhuma violência, nenhum confronto.

**TRIP** Aí você esteve com os brasileiros.

**CB** Aí consegui. Foi a coisa mais emocionante que eu já fiz na TV. E eles gostaram muito quando eu cheguei, também pelo fato de ser brasileiro.Eles estavam sendo muito bem tratados. O cativeiro era móvel porque as patrulhas estavam atrás da guerrilha. A distância era medida em morros. Se estivessem a um morro de distância, tinha que acelerar o passo, sempre em absoluto silêncio na selva. Mas os brasileiros não paravam de contar piadas que sacaneavam os guerrilheiros. Eles ficaram muito amigos. Quando eu cheguei lá, os guerrilheiros já estavam até dispostos a libertá-los, mas não tinham como. Tinham medo que os para-militares matassem e depois atribuíssem a culpa a eles. Tinha que ser alguém de confiança. O embaixador brasileiro não queria ir até o ponto de guerrilha por medo etc. E as autoridades colombianas eram inimigas. Tinha que ser um brasileiro.

Vivendo com os guerrilheiros colombianos e investigando a África (dir.).

**TRIP** Você trouxe os caras?

**CB** Não, mas eu disse que os guerrilheiros queriam libertá-los. Os sindicalistas petroleiros fizeram uma comissão e eu falei com os guerrilheiros. Eles aprovaram e libertaram os reféns.

**TRIP** E você tem contato com esses caras?

**CB** De vez em quando. Mas infelizmente as minhas amizades —quase todas— são assim: intensas enquanto eu estou envolvido na história, na aventura, depois eu tenho que estar em outra parada e custo a encontrar. Mas ficam coisas guardadas aí no peito. Coisas inesquecíveis. E com os guerrilheiros também. Outro dia eles me ligaram.

**TRIP** Você tem muito medo de morrer?

**CB** Puta merda! Eu sou o maior cagão.

**TRIP** Será que não tem um prazerzinho nessa história toda? Você poderia estar trabalhando no Esporte Espetacular, Alô Você...

**CB** Eu lido com a injustiça social. Eu não vou atrás da aventura pela aventura. Prefiro a aventura que me leve ao encontro de alguma coisa que está me indignando.

**TRIP** Você compara o seu salário com que categoria profissional?

**CB** Ganho na faixa dos diretores de empresa.

**TRIP** Como você, um cara que está sempre preocupado com as questões importantes, trabalha numa máquina que tem esse histórico delicado? Como é sua relação com a Globo?

**CB** Tenho um contrato com eles de não poder falar de assuntos ligados à TV. O que eu veja são as semelhanças nas imitações do meu perfil de trabalho

que eu tive nos outros veículos pelos quais eu passei. Só fui demitido de uma redação na vida. Justamente uma redação de esquerda, da revista Versus, que eu fundei junto com amigos. Eles queriam transformar o jornal num órgão do partido deles, e nós queríamos fazer reportagens.

**TRIP** Existem pautas proibidas? Tem alguma matéria que você já mandou várias vezes e foi sempre recusada?

**CB** Não, porque quando recusam uma vez, não mando a segunda. Vale dizer que eu não me envergonho de nenhuma matéria que eu tenha feito na TV. Eles não me forçam a fazer o que eu não quero. Muitas vezes eles não fazem o que eu quero. Mas isso é parte do jogo.

**TRIP** E o patrão? Como é o Roberto Marinho?

**CB** Entendo que a minha ideologia não é igual a do patrão. E ele é um bom patrão do ponto de vista trabalhista, pagando um salário justo, oferecendo uma estrutura legal.

**TRIP** Se você pudesse mandar um recado para o Sr. Roberto Marinho, qual seria?

**CB** Não ouso isso.

**TRIP** O que você consome como leitor?

**CB** Puta, eu consumo tudo, se for escrito. Até bula de remédio. Leio todo tempo que tenho, desde menino sou assim. Aprendi a ler sozinho, porque não tinha escola. Enquanto eu estava no ônibus lia os anúncios, luminosos...

**TRIP** Qual é o jornal que você mais gosta de ler?

**CB** Assinava o Estadão e a Folha. Agora estou passando para a Folha. Leio um jornal do Rio , que é o Jornal do Brasil, e outro de São Paulo. Quando estou no rio, leio O Dia e o Globo também.

**TRIP** Quando a Danuza Leão falou isso numa entrevista teve problemas. Falou que gostava mais do Jornal do Brasil e dançou na Globo.

**CB** Fazer o quê? Eu gosto mais.

**TRIP** Por que você está passando para a Folha?

**CB** Nunca sei como vai ser a edição da Folha no dia seguinte, curto isso. Mas às vezes ela é meio irresponsável, destruidora de experiências profissionais, usa muito a opinião —e não gosto da opinião no jornalismo. O Estadão é mais linear, dá uma sensação de igual, e isso me incomoda.

**TRIP** Você parece um cara bem comportado.

**CB** Tenho uma imagem séria, mas no fundo não sou.

**TRIP** Como é a sua relação com as mulheres?

**CB** Não sou extrovertido, sou conversador.

**TRIP** E essas conversas geraram dois casamentos! Como foram eles?

**CB** Distintos. O primeiro, super tumultuado pelo perfil dos parceiros — minha ex-mulher era mais imprevisível. O outro ainda está sendo.

**TRIP** Era isso que te atraía na sua primeira esposa?

**CB** A beleza me atraiu ,sem dúvida; gaúcha, olhos verdes...uma beleza de cinema. E ela é uma pessoa extrovertida, até um pouco temperamental, muito diferente de mim. Talvez essa diferença me atraísse.

**TRIP** Quanto tempo durou esse casamento?

**CB** Nove, dez anos.

**TRIP** Como terminou?

**CB** Com o desamor. Da minha parte rolou desamor uns dois anos.

**TRIP** Houve brigas?

**CB** Foi uma sequência de brigas.

**TRIP** Você acha que a convivência destrói a relação? Você atribui parte do final da sua relação ao dia-a-dia?

**CB** Se não tiver cuidado, sim.

**TRIP** E vocês tiveram filhos?

**CB** Um único filho.

**TRIP** É o teu único filho ou não?

**CB** Tenho dois: Yam e Yuri. Parece dupla caipira. Estão putos comigo. Aliás, o mais velho, Yam, primeiro por causa do nome. Quando ele tinha uns nove anos perguntava se não tinha outro nome para colocar, como Pedro ou João. Eta fascinado por nomes comuns.

**TRIP** Você está casado há quanto tempo pela segunda vez?

**CB** Cerca de três anos.

**TRIP** Então você acha que dá para cuidar da relação? O que você faz para não desgastá-la?

**CB** Diálogo é fundamental, além de não deixar acumular insatisfações. O direito à liberdade alheia também. Já fui muito ciumento, então agora cuido de reprimir o meu ciúme.

**TRIP** Você já foi traído?

**CB** No primeiro casamento sim. No segundo, espero que não.

**TRIP** O que você faria se desconfiasse de uma traição: cortaria a relação, iria atrás para descobrir ou pararia para conversar?

**CB** Acho que não tem regra, rola o que pinta na hora. Mas sem dúvida me incomodaria muito se eu me visse de repente investigando o corno que eu levei.

**TRIP** Entre os dois casamentos você namorou muito?

**CB** Não. Namorei pouco na vida.

**TRIP** Houve um espaço entre eles?

**CB** Dois, três anos.

**TRIP** Mudando de assunto, você usa equipamentos que existem hoje para fazer reportagens? Eu vi, nessa sobre prostituição, câmera escondida, microfone direcional. Você usa muito esses equipamentos?

**CB** Eu procuro ao máximo não parecer repórter, se for durante a exposição do entrevistado na TV. Acho que a câmera é um veículo transformador da realidade, sobretudo se for de um veículo que quase monopoliza a audiência, como a Globo. O que mais me incomoda na câmera é isso: ela exerce um certo fascínio sobre as pessoas. Você chega num velório, num ambiente de tristeza, tragédia, liga a câmera e tem um felizinho lá no canto. Então, se não tiver cuidado, você acaba transformando tudo, por onde passar. A câmera é inimiga da investigação, ela te transforma.

fotos arquivo pessoal

Yam, o mais velho, e o pai.

**TRIP** Não te incomoda ver a tua matéria no Jornal Nacional, apresentada pelo Cid Moreira, num formato mais careta?

**CB** Não. Até me atrai, eu estou ali, perto da notícia. No Globo Repórter eu também gosto, por ter oportunidade de aprofundar mais, mas por outro lado eu me sinto meio enferrujado. Penso: "Pô, tá rolando a maior confusão lá em Brasília e eu aqui no Acre, atrás da garotinha..." Não é o factual.

**TRIP** Um cara que passa 200 dias por ano fora de São Paulo não falta como pai, por exemplo?

**CB** Falta como pai, como irmão, como tio, como amigo, como tudo.

**TRIP** Você acha que vale a pena?

**CB** Procuro compensar sendo intenso quando estou junto.

**TRIP** Mas não há criança de dez anos que entenda...

**CB** Nem de 15, de 17, nem de dois. Quando eu ligo para o pequeno, ele me diz para ir dormir com ele, quer que eu vá para lá...como explicar para ele que se está a 7.000 km de distância? Sofro muito com isso. Mas não sofro onde estou. Sou feliz nos lugares por onde passo, tenho facilidade para mudar. Não sei se tenho alguma origem cigana desconhecida. O problema é pensar nas pessoas que ficam em São Paulo.

**TRIP** E essa história de casamento em casas separadas? Foi decisão de quem?

**CB** Não foi uma decisão isolada minha, mas sim dos dois, por desavenças em relação à estrutura que a gente tinha em casa. Sempre achei que era legal ter espaços definidos e se encontrar para namorar.

**TRIP** Do que as suas mulheres mais se queixam?

**CB** Ausência.

**TRIP** E quando você está presente?

**CB** São tantas queixas...Hoje não. A minha primeira mulher me ofendia muito quando estava nervosa comigo. Quando ficava bem contradizia tudo.

**TRIP** Elas têm muito ciúme? Duzentos dias fora...

**CB** Ambas tem ciúmes.

**TRIP** Elas se conhecem, se dão bem?

**CB** Não. Acho até que tenho que me limitar aqui para não dar problema!

**TRIP** Você se acha bonito?

**CB** Tenho algumas coisas bonitas. Acho que tenho coerência visual. Gostaria de ser mais alto. Tenho 1,69m, gostaria de ter 1,79m. Mas sou pequeno harmonicamente. Se eu fosse pequeno e barrigudo ou pequeno e careca, me incomodaria. Acho que não tenho grandes problemas nem grandes virtudes. Mas eu recebo alguns elogios das mulheres e me convenço.

**TRIP** Em quais situações você recebe elogios?

**CB** Na TV, carta pra caramba, algumas falam do visual...e as minhas namoradas me convenceram também.

**TRIP** Onde você compra as suas roupas?

**CB** Muitas fora do Brasil. Compro muito na calçada, esquema "homeless", por exemplo. Em Nova York eles faziam a festa quando me viam. O que realmente me interessa é o design, não me importa se está no lixo ou numa boutique. E tenho mania de sapato.

**TRIP** Tipo Imelda Marcos? Ela tinha 400 pares.

**CB** Tenho um monte. Uns 50 pares, incluindo tênis. Um dia gostaria de mexer com design de sapatos. Quando eu era garota, desenhava para uns amigos.

**TRIP** Você disse que recebe muita carta na Globo. São de ordem sexual, por exemplo?

**CB** Já recebi também.

**TRIP** E como você reagiu?

**CB** Não reagi não. Tenho dificuldade em responder as cartas...

**TRIP** Todas? Inclusive as de mulher?

**CB** Tem várias. Eu carrego algumas comigo durante meses.

**TRIP** O que tem dentro da sua pasta?

**CB** Minha agenda —sempre no passado, nunca consigo chegar no presente, muito menos no futuro— porque não posso agendar nada. De que adianta eu marcar um jantar com uma amiga se eu não sei se no final de semana eu vou estar aqui? Então não dá pra planejar o futuro. **Tenho um chamado da Justiça para depor amanhã. Meu filho foi refém num assalto e eu interferi porque o cara roubou todo o equipamento fotográfico da minha ex-mulher e botou um capuz no meu filho.** Se colocou um capuz num garoto de 17 anos é porque é conhecido. Aí eu resolvi usar minha experiência profissional para interferir nessa história. Acabei identificando a quadrilha e recuperando tudo que havia sido roubado. Eram amigos de uma ex-gangue de rua do meu filho.

**TRIP** Como você agiu com teu filho nessa história toda?

**CB** Sempre passei essa técnica pra ele: facilitar a ação e entregar tudo. Já fui assaltado 11 vezes. Tenho um puta know-how. Se o re-lógio tá difícil, fala da grana a mais que tem aqui. A sua vida é o que interessa. Tanto que ele ajudou o camarada a levar um vídeo pra passar pelo porteiro. Bom, aí eu fui atrás das namoradas dele. Pedi que uma me mostrasse —sem ele saber— quais eram os amigos dele e expliquei toda a história, porque ela me ajudou. Fiquei fazendo observa-ção dos meninos...

**TRIP** Pessoalmente?

**CB** Pessoalmente.

**TRIP** E você tinha tempo pra isso?

**CB** Não tinha, mas descolei. Achei grave, uma perda grande em dólares. Equipamento fotográfico, Nikon, várias lentes, câmera... Em resumo, eu achei. O cara já tinha anunciado no jornal e eu peguei o anúncio. Tinha vendido alguma coisa, fui no camarada que comprou. Usava truques do tipo: "Tô vendendo uma 300mm..." e eles respondiam que tinham acabado de comprar. Eu ia atrás...

**TRIP** Os caras se meteram no lugar errado...

**CB** É, eu ainda fui na família do cara que tinha o maior volume e disse: "Olha, eu descobri tudo. Entrega ou eu chamo a polícia." No dia seguinte o advogado me pediu a relação. O cara me devolveu tudo. Acabou assim a história.

**TRIP** Você já fez análise?

**CB** Estou tentando. Estou no quinto mês e nos últimos dois fui a uma única sessão. Isso foi sempre difícil, porque eu sempre quis fazer, quero me auto-conhecer. Acho que fiquei investigando o exterior muito tempo e descuidei um pouco —ou bastante— de mim.

**TRIP** Quem são seus amigos de verdade? Ou se você não quiser dizer quem são, quantos são?

**CB** Isso está me inquietando muito. **Te digo tranqüilamente: não tenho nenhum grande amigo.** Porra, porque se eu pensar daqui a dois dias em visitar alguém, não tenho ninguém. Não visito freqüentemente ninguém, nem sou visitado.

**TRIP** Você está há quanto tempo na Globo?

**CB** Sete anos.

**TRIP** Você não é do tipo que é parado numa pizzaria, por exemplo. É isso que acontece mesmo ou não?

**CB** **O que acontece muito comigo são as pessoas me conhecerem de algum lugar e não saberem direito de onde, aí perguntam: "Você não é balconista do Mappin?"** Tem aqueles que sabem que eu sou repórter da Globo, e tem também aqueles que sabem meu nome, acompanham meu trabalho, colecionam e gravam as matérias que eu faço. É frequente eu estar num restaurante e vir um cara pedir autógrafo. **Quando as mulheres me olham, não sei se estão me olhando porque sou repórter, se é porque estão afim de mim, se é porque estou babando ou porque esqueci a calça aberta.**

**TRIP** Queria saber um pouco da parte heavy da história, que são os

"Já recebi cartas de ordem sexual, mas tenho dificuldade para responder".

livros. O *Rota 66* foi lançado em 92, e teve até aquela história de você se enfiar no IML pra fazer a pesquisa. Como você conciliou essa pesquisa com o seu dia-a-dia?

**CB** Não concilie, foi uma coisa quase desumana, estúpida em alguns momentos. Nos últimos dois meses eu não conseguia mais dormir. Ficava no computador, os olhos ardendo por causa da exaustão, mas no caminho entre o computador e o quarto eu perdia o sono. Então peguei a cama de solteiro do meu filho, botei ao lado do computador e quando eu desabava de cansaço, já estava na cama.

**TRIP** Você acha que isso te envelheceu?

**CB** Meus cabelos brancos nasceram aí. Eu tive pesadelos terríveis durante o processo de investigação, eu era perseguido pela PM nem se fala. Levei tiros em todas as partes do corpo nesses pesadelos. Tem sensações de tiros que eu chequei como eram depois das investigações. Mas foi um processo interessante. Fiquei sete anos envolvido numa investigação mais objetiva. E na medida que fui batendo no computador, os pesadelos foram desaparecendo progressivamente.

**TRIP** Você tirou do inconsciente e passou para o papel.

**CB** É, quando atingi 80%, comecei a ficar feliz. Deixei de sofrer e os pesadelos desapareceram completamente.

**TRIP** Você nunca tomou um tiro?

**CB** Felizmente nunca.

**TRIP** Você já se machucou em alguma situação?

**CB** Na Nicarágua, fiquei rastejando.

**TRIP** No livro, durante esses sete anos de preparação e finalização, você esteve em alguma situação de perigo?

**CB** Na época eu guardei segredo absoluto.

**TRIP** Só você e um garoto sabiam?

**CB** Cheguei a trabalhar simultaneamente com cinco pessoas que eu contratava na medida em que me sobrava grana do trabalho. Mas quase sempre era um, dois. Mantínhamos o segredo; alguns ficaram conhecendo só parcialmente as coisas. Tipo esquema de sequestro. Sempre uso um pouco da experiência da bandidagem para as coisas que considero bandidas na vida. Também tinha a esperança de conseguir ajuda dos funcionários do IML, de funcionários da Auditoria Militar, e fiquei um ano e meio na Auditoria, no ambiente dos caras mesmo. No IML fiquei dois anos. Acreditavam que eu tinha duplo emprego no final. O Sidney, que era o garotão que estava comigo, chegou a ter a chave de algumas salas do IML. Manter o segredo tinha dupla importância para a continuidade do trabalho. Primeiro, o sigilo era fundamental para garantir progresso às descobertas. Segundo, as pessoas não poderiam ser responsabilizadas no futuro por não ajudar, não sabiam do que se tratava. Eu mantive esse segredo e acho que foi bom até para a minha segurança. Estava tranquilo, ninguém sabia, alguns militares me procuraram durante a fase de pesquisa da Auditoria Militar querendo saber sobre o que se tratava.

**TRIP** E você dizia o quê?

foto arquivo pessoal

Nas reportagens longas, banco de estação vira cama de hotel cinco estrelas.

**CB** Acho que não se deve mentir nunca, nem falsear a identidade quando se trabalha. Falo sempre o meu nome quando quero esconder. Me apresento como Cláudio, meu verdadeiro nome. Carteira profissional, sempre tenho duas: uma branca e a outra com registro profissional que eu tive ao longo da vida. Não uso carteira falsa.

**TRIP** Por que o livro começa com o episódio da Rota 66?

**CB** Depois que eu identifiquei os maiores matadores, fui atrás de uma história que sintetizasse esse violência da PM e que não tivesse muitos personagens. A leitura poderia se tornar cansativa. E é um problema sério escrever um livro desse tipo porque o lado oficial do crime é sempre igual, é uma mentira. É impossível que os bandidos todos ajam da mesma maneira. Se eu fosse reproduzir a versão oficial, estaria contando histórias iguais e o leitor iria me abandonar na segunda página. Identifiquei os 20 maiores matadores e fui atrás de uma história onde eles aparecessem juntos, matando. O 66 isso. É um caso interessante do ponto de vista da apuração e julgamento dos crimes. Ele tem uma característica histórica, que é o fato de ter sido o primeiro caso julgado pela Auditoria Militar. Antes os crimes praticados pelos PMs eram julgados pelos tribunais civis, e não pelos militares. E o terceiro fator que me fez escrever o 66 é o fato de que o leitor nunca é pobre. Quem mais deveria ler o livro, no meu modo de ver, é a classe média baixa, média alta, ou rico. Então tinha que ser uma história com alguma identidade com essa gente, algo que se aproximasse do leitor potencial. Se eu fosse só na região da periferia, pobre, miserável, talvez me afastasse muito desse leitor.

**TRIP** A conclusão deste trabalho te deu um pouco de nojo do Brasil? Você ficou com vontade de largar tudo?

**CB** A conclusão não, mas sim todo o processo. Desde a época que eu corria da polícia, que eu era garotão, me causava uma puta indignação. Chegou num ponto que eu decidi o seguinte: ou eu mudo, abandono a profissão, ou mudo de área. Me senti ofendido como repórter também, mas muito mais como cidadão. Você tá convivendo com esses assassinatos em série – 8.000 pessoas assassinadas oficialmente, fora aqueles que não se sabe – e assistir passivamente a isso ouvindo mentiras. Uma coisa que você tem certeza que não é verdade...

**TRIP** Um dos episódios que eu me lembro bem do livro é aquele da Brasília, que o cara tá meio de otário e é baleado com sete, oito tiros — na boca inclusive — e fica debaixo dos outros corpos sentindo escorrer o sangue e consegue se salvar se fingindo de morto, depois entra no hospital e é salvo. Como é que você fez para levantar cada detalhe do lençol, da gota de sangue que escorria nele etc?

**CB** Ouvindo o cara dois meses depois. A grande dificuldade de você contrapor a versão da polícia é encontrar uma testemunha. Eu corri pro hospital quando soube que tinha um vivo. Mas ele estava baleado na boca e não podia falar. Ele era um garoto crente, eu ia com o meu disfarce, levava uma Bíblia, ficava ali rezando baixinho. E um mês e meio depois ele me contou tudo.



continua na página 80

A MAIS TRADICIONAL ETAPA DO CIRCUITO BRASILEIRO DE SURF PROFISSIONAL

ECOLOGICAL SURF COMPETITION

# OP PRO 94

# IMBITUBA

SOUTHERN BRAZIL

REVISTA INSIDE

wynkz

97 ROCK 97.7 MHZ S. PAULO

21, 22 E 23 DE JANEIRO DE 1994 - IMBITUBA - SANTA CATARINA - INSCRIÇÕES: ABRASP (0482) 22-8993 E OCEAN PACIFIC (011) 241-5077

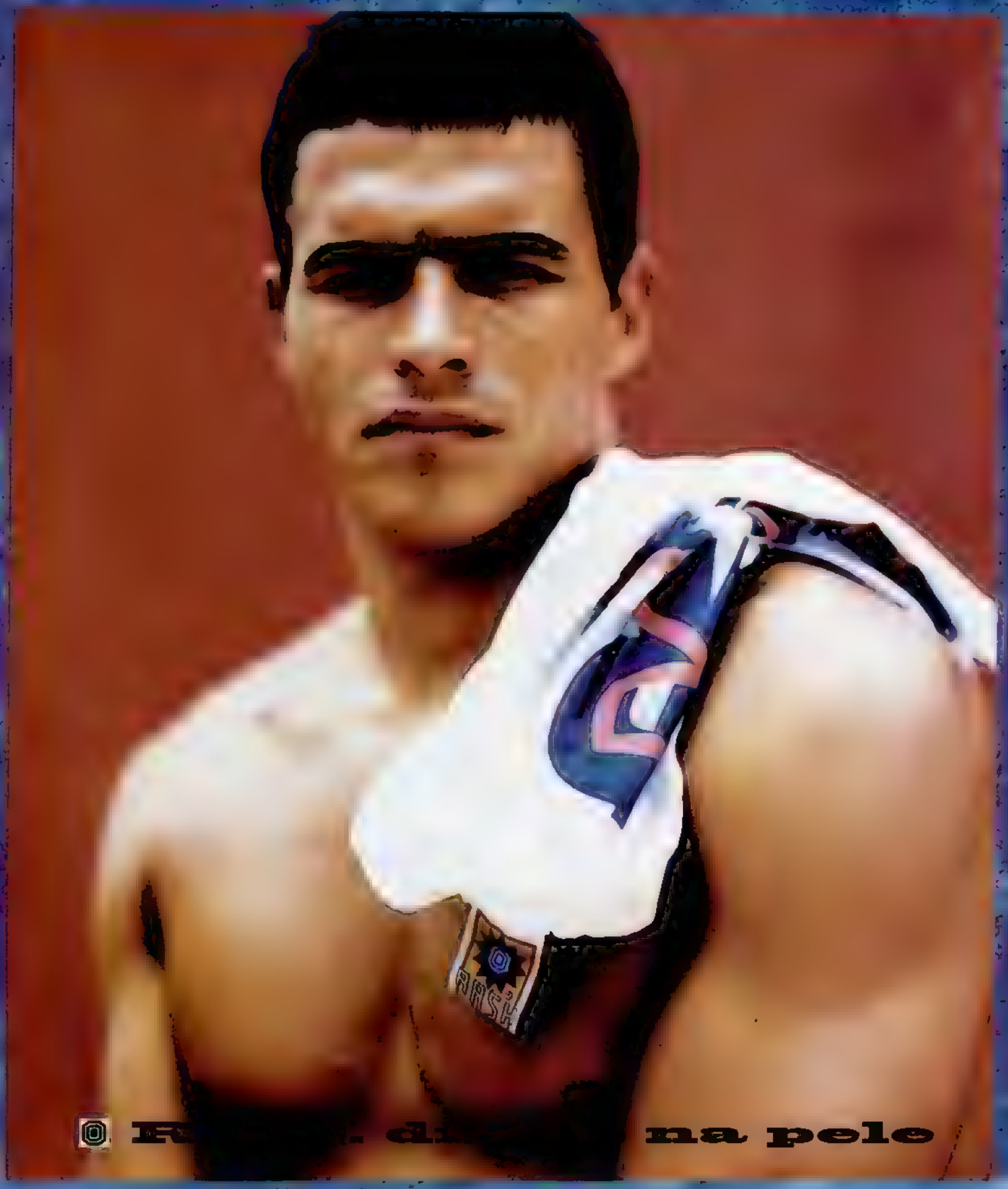
Santa Catarina

ABRASP

IMBITUBA GOVERNO E COMUNIDADE PREFEITURA MUNICIPAL DE IMBITUBA

ESPN

asp WORLD TOUR




PHONE (011) 814-1736 FAX (011) 815-4948

**FABRICA**
**PHONE:(011) 743-1293**
**743-9292**
**FAX: 743-8738**

**REPRESENTANTES**

(SP- CAP. INT.) FERNANDO-(011) 743-9292
(ABC) DANIELA- 467-2199
(RJ) BILLY (0243) 42-51-00
(PR) MAURO (041) 267-52-49
(PR) NANCY - BRUNO (0442) 23-21-13
(BELEM) HENRIQUE (091) 231-6057
(BA) IVAM (071) 241-2960
(NE) GLAUBER (098) 238-2529
(PE) JORGE (081) 465-3276

# Soul Sur

"Só quem compete
Entregue entre na
que um vil
sobe
uma
final e se

Lierne Herdy

Jair de Oliveira

Seaclub professional surfwear

# THE NEW GOLD STANDARD IN BASKETBALL

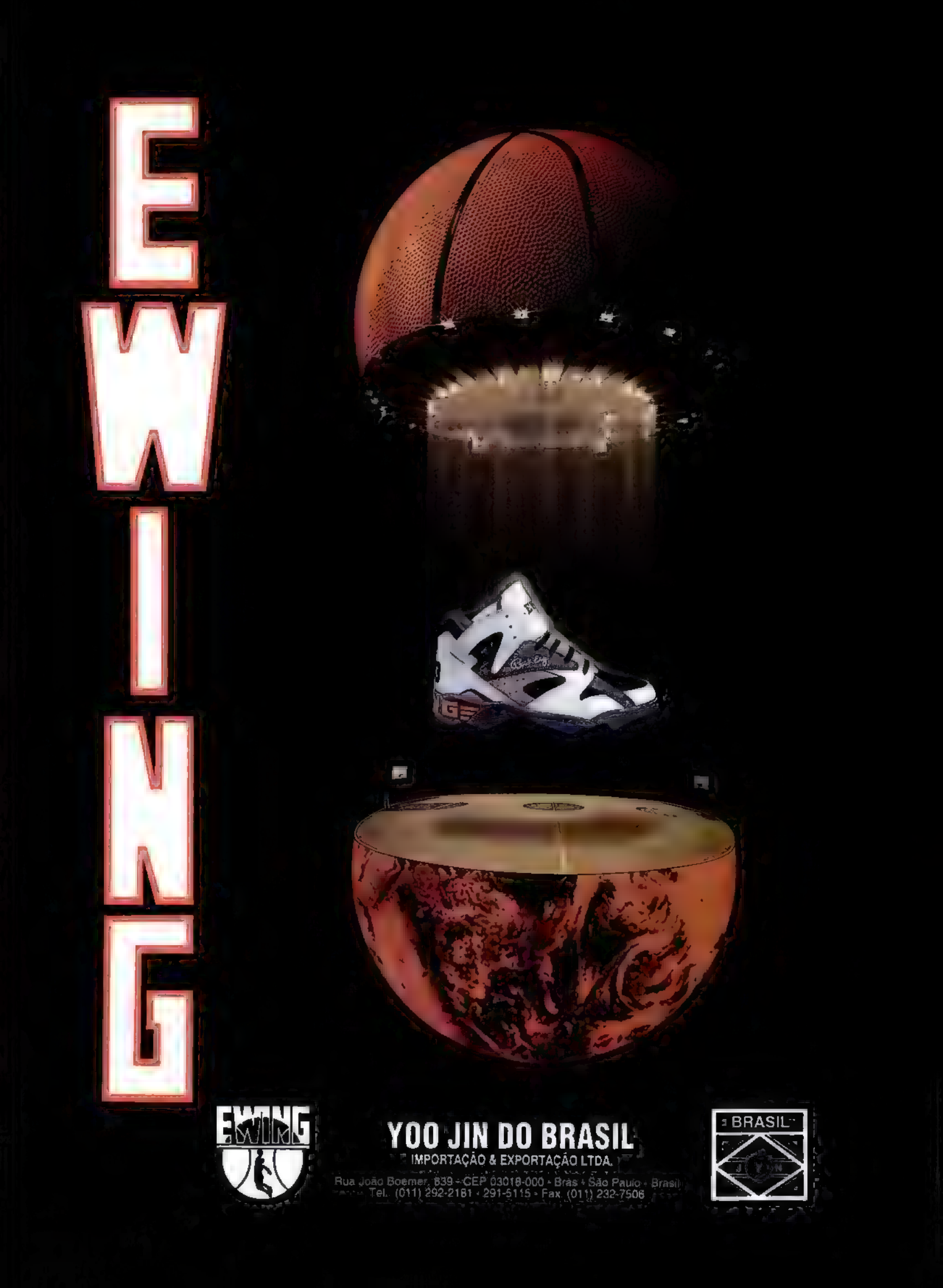
EWING

BRASIL
J Y N

# EWING ATHLETIC FOOTWEAR

**YOO JIN DO BRASIL**

TELS:(011) 292-2181 / 291-5115 / 264-7910
FAX. (011) 232-7506


EWING
EWING
YOO JIN DO BRASIL
IMPORTAÇÃO & EXPORTAÇÃO LTDA.
Rua João Boemer, 839 - CEP 03018-000 - Brás - São Paulo - Brasil
Tel. (011) 292-2181 - 291-5115 - Fax. (011) 232-7506
BRASIL

TRIP

EDITOR Paulo Anis Lima
DIRETOR ADMINISTRATIVO Carlos G. Sart
PROJETO GRÁFICO Rafic Jorge Farah

**ARTE**
DIREÇÃO Hector Hungria
CHEFE DE ARTE Wagner S. Graciano
ASSISTENTE Silvio Luiz Vieira
ARTE FINAL Raquel Duarte Armond
ARTISTAS CONTRIBUINTES Cassio Leão Camarero, Estação Manda e Marcelo Pallotta
PRODUÇÃO GRÁFICA Carlos G. Sart
ILUSTRAÇÃO Angel, Gianluca Barbera e Speto

GERENTE DE COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO
Mônica Mendes
ASSISTENTE Patrícia Soares

**REDAÇÃO**
DIREÇÃO Silvia Carone
EDIÇÃO DE VARIEDADES Ricardo França Cruz
ASSISTENTE Thais Curia
EDITOR CONTRIBUINTE DE MÚSICA Fabio Massari
COLUNISTAS André Barcinski, Carlos Sarli, Fabio Massari, Ignácio Aronovich, Marcelo Tas, Tico Cavalcanti, Ricardo Bocão e Rogério Gallo
FOTO STAFF Aaron Chang, Aníbal Neto, Ignácio Aronovich e Shoichi Hori
COLABORADORES DE TEXTO Arthur Veríssimo, Cristina Franco, Celso Lobo, Eduardo Farias, João Elas, Mary Nigri, Marcelo Bonfim, Marcelo Nova, Nelk, Nixon e Vavá Ribeiro
COLABORADORES DE FOTO André Sadee, Christian Cau, Elizabetsky, Kaxlee Aede, Mario Fontes, Paul Cohen, Priscila Farias, Roberta Dabdab e Rodrigo Monte

**DEPARTAMENTO COMERCIAL**
ATENDIMENTO Eliza Helena R. Cardoso
**CONTATOS COMERCIAIS**
São Paulo - representação exclusiva junto a agências de propaganda: Sgarbi & Monteiro
tel. (011) 813-24 8/814 7975
Rio de Janeiro: Chico Snard
tel. (021) 286-4260
Rio Grande do Sul: Dennis Magalhães
tel. (0512) 31-5619

**DEPARTAMENTO FINANCEIRO**
GERÊNCIA Shoichi Hori
ASSISTENTE Simone A. Soares
TRÁFEGO Roberta de Santis Gil
AUXILIAR André Pereira da Costa
ASSESSOR AUTORÍCIA Silvio G. Shultze

**SERVIÇOS GRÁFICOS**
FOTOLITOS Gra color, Overall e Fox
DISTRIBUIÇÃO Fernando Chinaglia SA
rua Teodoro da Silva 907, Rio de Janeiro, RJ
DPL - Distribuidora de Publicações (Portugal)
IMPRESSÃO Gráfica Círculo
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista TRIP, uma publicação bimestral da TRIP EDITORA E PROPAGANDA LTDA. Não vendemos espaço, mas não vendemos opiniões. Administração e publicidade: Av. Juscelino Kubitschek, 1479
São Paulo - SP - CEP 04543-0

PARA FALAR COM A TRIP LIGUE DO FAXEIE
PABX (011) 829 4355

roberta price

## QUEM VÊ BUNDA NÃO VÊ CORAÇÃO

**Nos anos 70 um livro era frequentemente recomendado aos estudantes das escolas mais liberais. Chamava-se BRASIL TERRA DE CONTRASTES, de Roger Bastide. Dificilmente, ao escrevê-lo, o autor teria apostado na atualidade do tema tantos anos depois.**

**Esta edição da TRIP, além de apresentar as primeiras pinceladas do novo projeto editorial que estará consolidado nas próximas duas, trata destes contrastes. Nas página negras, Caco Barcellos fala sobre o tempo em que o filho de uma família pobre tinha dignidade e sua ascensão profissional e social dependia apenas de dedicação e talento. Nossa equipe passou semanas convivendo com o submundo do porto de Santos onde coabitam fortunas incalculáveis, miséria revoltante, trabalhadores honestos e mafiosos casca-grossa.**

**Num encontro internacional de comunidades alternativas em Amsterdam, você vai ver os europeus que levam a vida sem grana por opção. No ensaio Os Amantes Do Minhocão, atacamos com os dois pés a idéia de que dois conceitos não podem coexistir no Brasil: pobreza e dignidade.**

**Quem vê bunda não vê coração.**

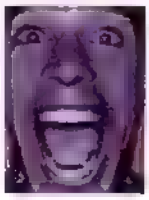
***Paulo Lima***

← Emmanuelle Bernard fotografou Dinho Ouro Preto e Betty Prado no alto do Minhocão em São Paulo, com iluminação da Loc-All, coordenação de produção Mônica Mendes, figurino de Pazetto, cabelo e bauty de Wagner Pincerato

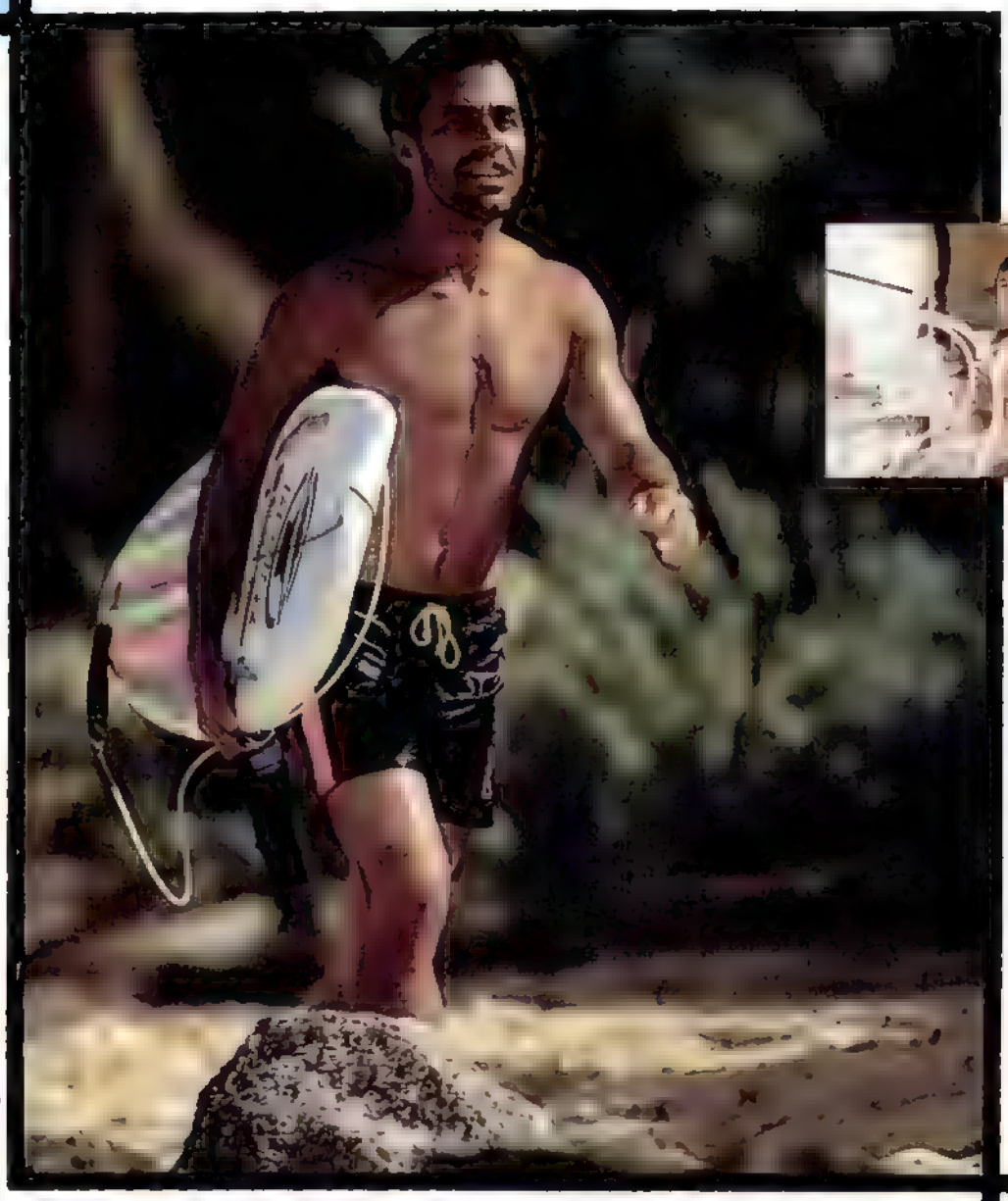
Ana Cláudia pega de surpresa pelas lentes do fotógrafo Cláudio Lucchesi →

FOTO MORGADE
TEL (011) 530 [illegible]60/531.8792
FAX (011) [illegible]771

**A coluna CORPO da TRIP —que falará sobre saúde, forma física e principalmente prazer— não poderia ser escrita por um professor de ginástica que faz anúncio do revolucionário "Academy House" ou por um mestre Zen de yoga. Escolhemos alguém que tem saúde sem sofrer por isso. Ao contrário, usou a observação, as viagens e o prazer de viver para obtê-la. Se saúde fosse vendável, Ricardo Bocão seria milionário.**



por Ricardo Bocão



aaron chang

gordinho

"Boca, você está chegando nos 40 com, cara e corpo de 30..." Foi o que eu ouvi como argumento no convite para escrever esta coluna. Viajando pelos quatro cantos do planeta, presenciei muita coisa diferente em termos de hábitos alimentares e condicionamento físico. Também li alguns livros e converso sempre sobre o assunto com pessoas que defendem diversas teorias sobre o que é bom e o que é ruim pro nosso corpo e espírito.

No começo dos 70, se instalava no Brasil, em certos grupos, a consciência de questionar a procedência e o tipo de processamento dos alimentos. Sem nenhum radicalismo, cortei quase a zero as carnes vermelhas e as frituras. Arroz e pão só integral, queijo branco, mel de figo ou açúcar mascavo em lugar do branco, diminuição da quantidade de sal na comida e a valorização dos legumes, verduras e frutas (se possível plantados organicamente). Num último estágio, passei a comer menos e mastigar bastante.

Na parte de exercício físico, o surf (que faço há 25 anos) trabalhou bem o meu corpo da cintura pra cima. Para as pernas, corria quase diariamente entre 4 e 6 km. Em 1980, descobri o alongamento. Todo dia, além da rotina, eu alongava um novo feixe de músculos, associado a uma respiração cadenciada que aprendi através da ioga. Para a pele, tem uns dez anos que uso hidratante.

Me arrisco a dizer que a parte mental/espiritual é tão importante quanto a física no que diz respeito a um corpo saudável.

Carrego quatro pensamentos há mais de vinte anos:

1) Encaro tudo de maneira positiva.

2) Tenho ambições como todas as pessoas, mas vivo feliz com o que tenho.

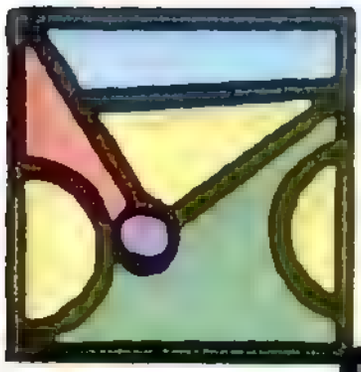
3) Procuro trabalhar somente em áreas que eu goste.

4) Trabalho para o sistema mas não sou escravo dele.

Tudo isso é fácil de dizer/escrever, mas o desafio dessa nossa passagem é batalhar pelas coisas em que a gente acredita.

**Ricardo Bocão no condomínio Kuilima e na praia (Hawaii). A foto maior é de 78; a outra, de 91**

FASHION VICTIMS
FUCK THE FASHION!
VISION
STREET WEAR
SÃO PAULO
Deodoro
GOIÂNIA
LONDRINA
JACAREÍ
FRANCHINI



**O espaço que a TRIP mantinha para o triathlon e o mountain bike no período de 89 a 92, bem antes da onda das duas rodas começar a varrer o país retorna à revista pelas mãos e lentes de Ignácio Aronovich, nossa cria, meio homem, meio bicicleta.**

por Ignácio Aronovich

Você pode não ter notado, mas a bicicleta está aqui para ficar. Há duas bicicletas para cada carro no mundo. Bicicletas, somente na Ásia, transportam mais pessoas que todos os carros do mundo. Só em alguns países da Europa e na China a bicicleta é reconhecida oficialmente como meio de transporte. No Brasil, há o exemplo de Curitiba, com uma ciclovia eficiente e um programa para financiar a compra de bicicletas pelo trabalhador.

Enquanto isso, em São Paulo, somos "presenteados" com os 1.500 m da *ciclovia* que circunda a pista de cooper do parque Ibirapuera. Pior que isso, São Paulo é uma cidade impiedosa com os que se aventuram a se locomover de bicicleta. Táxis, ônibus e caminhões parecem ter um perverso prazer em dificultar a vida de quem — apesar do ar irrespirável, risco de assaltos, atropelamentos etc— insiste em pedalar, ou simplesmente não tem outra opção.

Os motoristas irados vêem os ciclistas passando com um largo sorriso enquanto eles poluem o ar parados em seus carros no rush —aí eles buzinam.

fotos ignácio aronovich

### VÁ DE BIKE

Em Palo Alto, na Califórnia, grandes empresas —como a Xerox Corp.— pagam US$1 e mais por dia para seus empregados que vão ao trabalho de bicicleta. Oferecem também chuveiros e toalhas. Vinte por cento de seus empregados vão trabalhar de bicicleta.

### BICICLETA NÃO PODE ANDAR NA RUA

No dia 23 de dezembro, testemunhei o trágico atropelamento de um jovem por um ônibus que causou morte instantânea. Mais chocante que o IML remo-vando os seus restos, foi o comentário do povo: "Tem que morrer mesmo...Bicicleta não pode andar na rua...São todos uns folgados".

### NÃO COLA

Colar um adesivo do Greenpeace no seu carro pode tornar as pessoas mais conscientes, mas não ajuda a salvar o planeta. *Ride a bike.*

*Fonte: Worldwatch Institute*

apo o

Na Califórnia, alguns homens da lei fazem suas rondas de bike. Na foto menor, a ciclovia da praia de Venice

bike

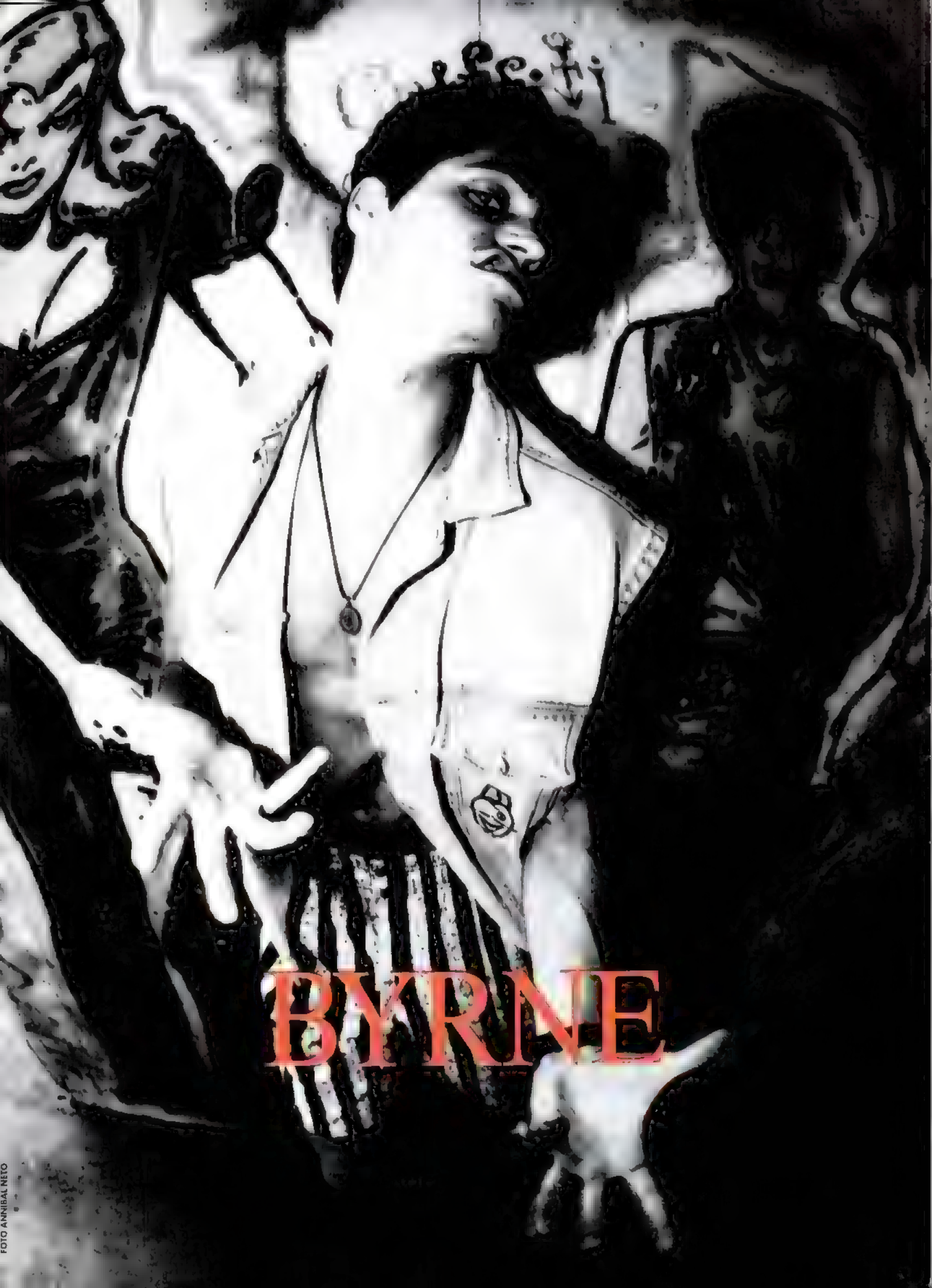
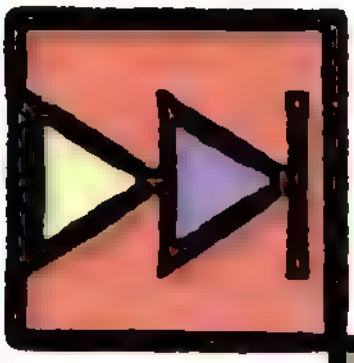



FOTO ANNIBAL NETO



**Um dos pontos principais do novo cardápio da TRIP se chama música. Fabio Massari, revelado nos últimos anos pela 89FM e pela MTV como um dos mais competentes observadores do cenário musical, assume no nosso staff o cargo de editor contribuinte de música. A partir desta edição, e em todas as próximas, a coluna Batida e muitas outras intervenções do professor Massari.**

por Fábio Massari

## CARTA ABERTA A FRANK ZAPPA

Alô Frank,

como vão as coisas? Desculpa por não ter mandado o tradicional fax de aniversário, é que me parecia perto demais do dia em que você morreu, a linha ia estar meio congestionada. Correria, você sabe. Preferi deixar para um rápido bilhete gigante. Não repare se ele demorar a chegar. É sempre assim: escrevo um pedaço, saio andando, rabisco mais duas linhas, daí até ir ao correio...

Você precisava ver, até o Jornal Nacional deu a sua morte. Aquela coisa: "O gênio do rock e do jazz...". Confesso que dei até risada — eu sei que é extremamente estúpido te associar à imagem global do Chapelin, mas que foi engraçado, foi. Aliás, você não acredita o que ligou de gente me dando os pêsames. Fiquei contente, afinal é um tipo de reconhecimento de serviços — honestíssimos — prestados, mas em alguns momentos fiquei constrangido. Me achei meio ridículo, ou são os que me ligaram? Não sei. .

Depois que você morreu, ameacei um daqueles meus balanços pessoais; afinal, quais os melhores, os prediletos da casa? Desisti em poucos segundos. Passei por aqueles de sempre, concordando com você em alguns *Joe's Garage, Freak Out, Broadway The Hardway, Just Another Band.* Aí você percebe que a lista já passou dos 16 títulos: anulada

Devo dizer que me surpreendi um pouco na minha reação ao saber que você tinha morrido — num sábado, e eu só soube, como a maioria, na segunda. Uma emoção toda infantil, inocente, não triste, disfarçadamente fria, levemente incômoda, paradoxal .. esquece, isso não importa.

Fico me perguntando se agora vão começar a prestar mais atenção na tua obra Você sabe do que eu estou falando: "Morreu, ah que maravilha, eu disse, ouçam isso, é frente de seu tempo.. ". Quer saber? Isso também não importa.

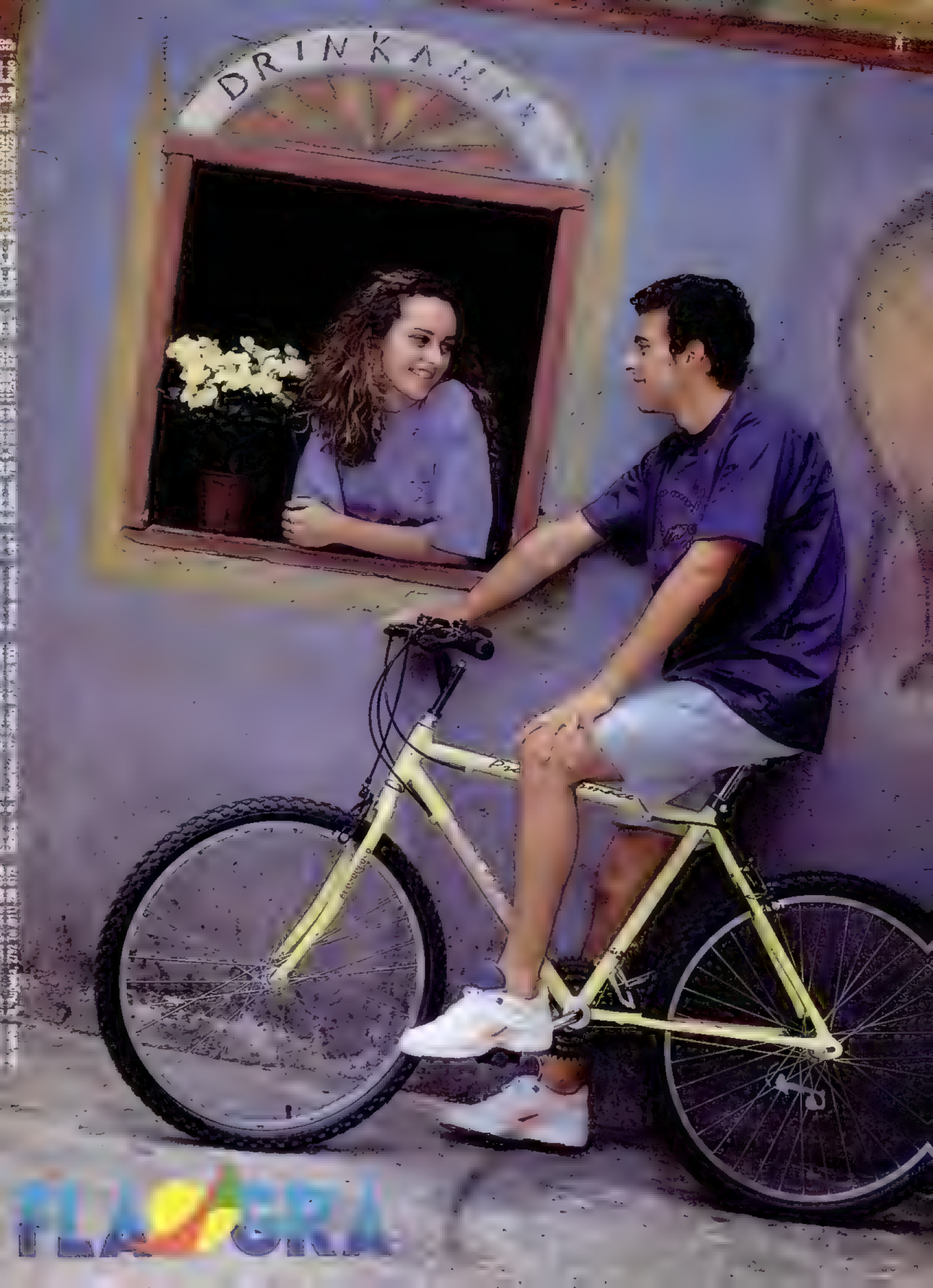
O foda em você sempre foi isso: deixe-os falar. Eu me alimento das suas babaquices e grosserias pretensamente intelectuais. Deixe o estabilishment —qualquer— se cagar todo, cagar na gente, que eu jogo a merda de volta Dialética maluca da merda existencial e uma música sem fronteiras, magnífica

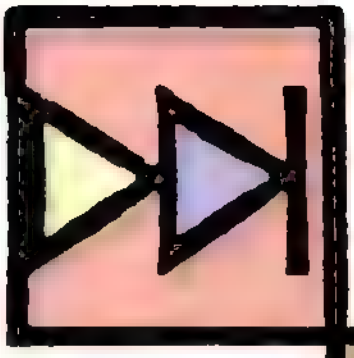
Acho que vou ficando por aqui, tenho umas coisas para fazer. Afinal, você gostou daquela pinga que eu te dei? Na hora de responder, por favor mande as suas impressões sobre a atuação Clinton-Gore (principalmente do velho Gore) e me diga uma coisa: você acha que o Micheel Jackson aprontou com o(s) garotinho(s)?

Valeu, até a próxima. Abraço.

ilustração Angeli

**A TRIP descobriu mais um Zappamaníaco. Aqui, a homenagem de Angeli para Frank**


DRINKAKIN
PLAGRA



## PERGUNTAS ESTÚPIDAS, RESPOSTAS BRILHANTES

A entrevista que fiz com Buddy Guy para o programa *Clássicos MTV* foi uma das minhas grandes de todos os tempos. Foram apenas 20 minutos, o suficiente para que a minha meia dúzia de perguntas que procuravam fugir do óbvio instigassem um depoimento "bluesy" de proporções e implicações espirituais, banho sagrado de "atitude" rock com raríssimos precedentes no grande mapa desse rock. E um dos melhores momentos veio justamente na hora em que fiz aquela pergunta que eu tinha prometido não fazer. Tinha alguma coisa a ver com as "influências" do Buddy Guy.

"Ninguém... eu não sei... eu tentava fazer guitarras com fios e elásticos. Eu cresci numa fazenda, no meio das plantações... Me lembro da chuva caindo no meu rosto [leia essa frase de novo]... Cada vez que chovia na casa dos meus pais eu colocava um elástico na parede e tentava tirar uns sons. Não havia luz elétrica naquela época."

## HAWAIIANCORE

Nunca estive no Hawaii, mas se na noite em que conheci o Chokebore eu tivesse que adivinhar de onde vem a banda, não, eu não diria Hawaii. Admito uma tendência ao pensamento clichê, sol-ondas-saúde e afins. Portanto, o que eu esperava de uma banda havaiana (agora radicados em L.A.) era uma atmosfera "pra cima", radicalmente livre dos anzóis enferrujados que vieram agarrados à pele do Chokebore. A primeira vez que ouvi a banda foi nessa noite, ao vivo, no minúsculo palco do CW Saloon de San Francisco. O clube de bikers arruaceiros estava totalmente invadido pelas tribos do skate e amantes do som australiano, prontos para uma noite especial com o hardcore granítico e festivo do power trio Cosmic Psychos (volto a falar deles o mais rápido possível). Como estes haviam acabado de assinar com o selo barulhento de Minneapolis, Amphetamine Reptile, chamaram um "label mate" emergente para abrir a noite, Chokebore.

Em meia hora de show, a banda despejou sobre um "pit" indeciso seus lamentos nervosos. "Por que você está sempre partindo?/por que você está sempre sangrando?" "eu vou te ensinar a não aprontar comigo, agora que estou só", embalados num protótipo de hardcore irregular, soluçante, sujeito a disparos incontroláveis e poses de um heroísmo caído. Pouca gente entendeu alguma coisa, o que sempre é um bom sinal. Como se não bastasse, a banda desceu do palco e sentou num canto para vender seus "seven-inch" com um ar gostoso de vencedor, que parecia saber que aquela "dureza" tinha seus dias contados.

Pouco depois daquele show, no final de 93, o Chokebore lançou seu disco "Motionless", e caiu de novo na estrada. Se tudo der certo, essa estrada vai dar muito o que falar em 94.

## FUCK, MAN, FUCK!

Da série respostas interessantes para perguntas oportunas: Phil Anselmo, do Pantera, na constrangedora (motivos numa outra oportunidade, mas a culpa é um pouco nossa!) entrevista coletiva do Hilton Hotel de São Paulo. Minha pergunta tinha a ver com a morte do Zappa, então recém-ocorrida. Anselmo não sabia.

"Fuck, man, fuck!", batendo na mesa com força, punho fechado, olhando para os lados, expressão honestamente transformada. "Fuck, fuck, ninguém pode falar do Zappa. Ele era um gênio. Merece o respeito de todos nós, não podem falar dele, ninguém é capaz... fuck..."

reprodução

ignácio aronovich

**Phill Anselmo berrou muito nos shows que rolaram em São Paulo, no final de 93. No detalhe, a capa do "Motionless" do Chokebore**

# Trilha da praia

**Uma rádio no litoral paulista tem chamado a atenção. A 98 FM transmite diretamente de São Vicente uma mistura fina de classic rock, reggae, dance music e música brasileira. Descubra como é produzido o melhor som da praia — depois do barulho do mar.**

**O diretor da 98 FM Cláudio Mussi (esq.) e o DJ Fábio Luiz**

Até pouco tempo atrás, quem descia para a Baixada Santista não tinha muita chance de escutar alguma coisa diferente de samba e pagode quando ligava o rádio. A 98 FM, nascida em 92, colocou no ar o que os habituados a bom rock'n'roll e esportes de ação queriam escutar.

Com uma fórmula simples, a 98 começou a dominar aquela parte do litoral paulista —e agora aumentou a potência e pode ser escutada de Ilha Comprida até Maresias, a fatia mais povoada e badalada do litoral paulista. Ainda não foi possível saber o tamanho exato do sucesso da rádio — Santos não tem Ibope—, mas os 600 telefonemas que a 98 recebe por dia para eleger o que vai tocar no *Hora do Rush* já podem servir de medida.

Cláudio Mussi e Panda estão no comando da 98. Além do *Hora do Rush*, a Operação Descida —um casamento de verão da 98 com a Jovem Pan— rola de sexta a domingo.

Para que a rádio assumisse uma postura mais eclética, a direção resolveu dar uma geral na programação. Substituiu os locutores antigos por gente nova que já tivesse o perfil da 98 e investiu em todos os segmentos da música jovem. Na 98, depois de uma paulada anti-polícia do Body Count, você pode se deparar com um reggae enfumaçado de Bob Marley, seguido pelo hino do hip-hop "Hip-Hop Hurray", cantando por um dos grupos mais famosos da cena, o Naughty by Nature. É justamente essa mistura fina da programação que faz a cabeça dos ouvintes que curtem boa música, sem se preocupar com esse papo de estilo e tribo.

Quem se liga em esportes de ação e informação jovem pode sintonizar aos sábados à noite (das 19h às 20h) o programa Trip, produzido e apresentado pela equipe que faz as revistas TRIP e TRIP College. Numa união perfeita, a 98 e o Trip fazem a trilha sonora do litoral.

Agitando ainda mais o verão, a 98 abre na alta temporada junto com o Limelight o *La Fiesta*, uma casa de lona no morro da Nova Cintra onde rolam shows, discotecagem, circo — até o Carnaval, vários shows vão esquentar a galera, inclusive o número 1 Jorge Ben Jor.

**A prancha sempre teve importância capital nas páginas da TRIP por um único motivo: a magia que estes objetos são capazes de produzir. Neste espaço, o diretor da TRIP e colunista do jornal Folha de S. Paulo, Carlos Sarli, vai ajudá-lo a entender porque o skate, o windsurf, o snowboard e principalmente o surf deixam a rapaziada de quatro há tanto tempo.**

por Carlos Sarli

## HERÓI DE SHORTS X LADRÃO DE CASACA

Como diria o síndico Tim Maia, roubar é o verbo do Brasil. Rouba-se desde um beijo ou o pirulito da criança até 36% do orçamento das empreiteiras.

Quem nasce pobre nesse país sofre todo tipo de discriminação. Pior que racial ou ideológico, o preconceito com os pobres só contribui para que o verbo nacional seja cada vez mais conjugado.

O futebol, mais do que nunca esporte número um do país, sempre foi uma das principais catapultas sociais para muitos mal-nascidos. O surf, ultimamente mais organizado e rico, tem contribuído para a formação de seus "self mades". Como aconteceu com o esporte, que se auto-geriu, alguns dos atletas das ondas assumem hoje posições de destaque social.

Podemos tomar como exemplo dois bicampeões brasileiros de surf profissional, Carlos Lima, o Tinguinha, e Jocélio de Jesus, o Jojó de Olivença. Ambos negros, pobres, como se isso fosse um estigma de Deus, se não tivessem em suas infâncias recebido uma esmola original — uma prancha de surf — teriam grandes possibilidades de estar conjugando o maldito verbo. Não quero com essa idéia definir traços da personalidade dos dois, mas não é difícil afirmar que a dificuldade alimenta a contravenção.

Tinguinha teve a luz de se mudar ainda criança para o Guarujá. A proximidade do mar e a ajuda dos amigos o levaram para as ondas. Hoje tem seus apartamentos, carro do ano, sítio em Camburi, três filhos e uma vida saudável. É também suplente de vereador. Pode em seu futuro político desenvolver um papel de extrema importância: melhorar a qualidade de vida das pessoas, apoio que ele não teve.

O baiano Jojó de Olivença aprendeu a surfar nas águas da praia que traz como apelido o distrito de Olivença, ao sul de Ilhéus. Nem prancha tinha no começo: era um pedaço de tábua improvisado. Mas foi o bastante para pegar gosto. Trocou a vida preguiçosa da terra de Gabriela pela dedicação ao esporte. Em pouco tempo foi pras cabeças. Após a conquista do primeiro título nacional se mudou para o Guarujá e virou surfista de Cristo. É casado, pai de um filho, Kaipo, conhece boa parte do mundo e leva uma vida que jamais imaginou. Recebe prêmios e salários em dólar e tem muitos planos para o futuro.

Os dois fazem parte do time brasileiro que invade o circuito mundial da primeira divisão. O exemplo dos surfistas campeões é campeão.

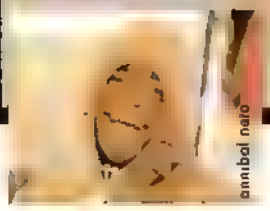
Marginais são aqueles que nascem ricos e poderosos e, ao invés de contribuírem para o alívio das distorções sociais, se aproveitam de suas confortáveis condições e, de maneira ilícita e com ambição doentia, fazem o esquema Robin Hood às avessas. Tim Maia também nasceu pobre, e hoje vende mais discos que a Xuxa.

Acho o discurso careta, mas cada um traça seu destino. Pobres e ricos, Tims e PCs.

**Tinguinha, no início dos anos 80, antes dos carros, casas, viagens, patrocínios... só surf. No detalhe, Jojó, baiano de Olivença, só esperando a hora de invadir o circuito mundial.**

shoji hori

calado



annibal neto

apoio

A evolução que as manobras do skate atingiram nos últimos anos podem ser percebidas também numa *session* na neve. O snowboard chegou junto no *downhill*, no *half pipe* e agora também se aventura nas manobras de *street* simulando os obstáculos das ruas. A atitude "nem aí" e jeito folgadaço dos skatistas fazem parte do pacote. Na foto, os paulistas Daniel Trigo e Xixo experimentam na neve californiana o que aprenderam no asfalto brasileiro.

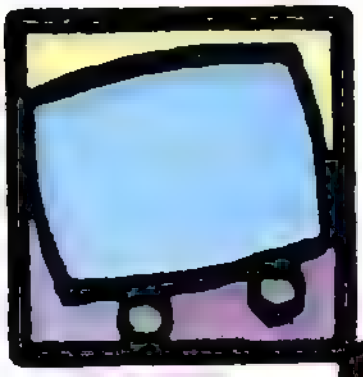
prancha

Foote, Cone & Belding

**FOLHA DA TARDE. UM JORNAL QUE VÊ GRAÇA NUM MONTE DE HOMENS DE CALÇÃO CORRENDO ATRÁS DE UMA ONDA.**

Eleita pela Association of Surfing Professionals, a Fifa do surf, como o **melhor jornal do mundo** na cobertura do circuito internacional de surf 93.

*Folha da Tarde*



**A coluna TELA abre espaço na TRIP para uma análise esperta do que rola em cinema, vídeo e TV. Quem escreve é um dos mais respeitados e engraçados jornalistas, videomakers e atores do Brasil. Marcelo "Ernesto Varella, Bob Mac Jack, Professor Tibúrcio" Tas. Enjoy it.**

por Marcelo Tas

Já que uma das principais tarefas e ocupações do adolescente é revoltar-se contra o mundo, esta é a hora da grande rebelião. Não dá para aguentar tanta provocação. O primeiro a tomar peteleco tem que ser o maluco que inventou essa mania de chamar o adolescente brasileiro de *teen* (pronuncia-se "tiiim", batendo a língua nos dentes da frente, como nos "tes" do sotaque do pessoal de Sorocaba: "Leite que dói o dente"). Logo que surgiu a moda, alguém soprou esse trocadilho infame no meu ouvido: o legítimo *teen* é o filhote do bode, o *cabriteen*. Apesar do trocadilho ser mesmo infame, ele grudou na minha cabeça de um jeito que até hoje não consigo desvincular a figura do cabritinho —o *cabriteen*, animal adolescente— da figura do *teen*, o adolescente animal.

Não que eu ache os adolescentes uns animais irracionais, filhotes de bode. Pelo contrário, cada vez mais sou surpreendido pela inteligência e pelo charme de algumas garotas e garotos que vou esbarrando por aí. Estou falando é da imagem distorcida e "modernosinha" do adolescente, parida pela mídia nos últimos três anos.

Vamos aos fatos. Repare como o adolescente é exposto ao ridículo nos comerciais de televisão, por exemplo. Noventa e nove por cento do tempo, o *teen* ou a *teen* é obrigado a carregar na face um sorriso vazio, como um sorriso dos cordeirinhos. Nesse tipo do comercial, o *teen* nunca caminha. Ele se locomove aos pulos (saltitante como um bode). Nunca diz uma frase completa, emite monossílabos, gritinhos de euforia (berrando como uma ovelha). Também nunca está só, anda sempre em bando (como as cabras e seus *cabriteens*). O adolescente é mostrado como um débil deslumbrado, um jequinha enfeitado por grifes e inutilidades domésticas. Exagero? Faça um *rewind* mental e tente se lembrar do último comercial que você viu na TV. E comprove na TV, o *teen* é vendido como um *cabriteen*.

No outro oposto, igualmente falso, a publicidade inventou a imagem do *teen* inteligente, super legal, o chapchura da turma, o *teen* gênio...Neste caso, o gênero *cabriteen* é substituído pelo gênero blasé, incompreendido, autocentrado, consciente do poder de fogo do cartão de crédito do papai. Dá depoimentos incríveis para a câmera sobre qualquer assunto. Sabe tudo de si e morre de tédio e nojo do mundo. É o *teen* culto e *cool*. Um rebelde amestrado. Um *cabriteen* com bode da vida. Outro equívoco, outra sacanagem com os jovens do Brasil.

Alô, alô, rapaziada brasileira: às armas, boicote, greve de consumo, arrastão, porrada...Como diz o tio Bóris: "É uma vergonha!".

ignácio oronovich

### BODE-PAI

Talvez o pai do estilo **cabriteen** na televisão brasileira tenha sido aquele antigo comercial da revista VEJA. Um grupo de meninos com guitarras na mão pulando e berrando: "A agressão à natureza já diminuiu mas a impunidade ainda continua no Brasil..." Lembra? Deveriam ser punidos por isso. A pena poderia ser assistir o comercial ininterruptamente durante vinte e quatro horas, vinte e quatro dias.

### PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES

Obviamente que nem toda a publicidade trata os *teens* como **cabriteens**. Uma das exceções é a atual campanha das roupas Omino. Ao invés de botar o *teen* pulando e berrando como um cabrito, os filmes da campanha mostram os adolescentes em situações dramáticas e divertidas. Como aquela do casal transando no quarto dela, até que a mãe chega de viagem e eles conseguem arrumar o quarto antes de serem pegos no flagra.

### EFEITO MTV

Campanhas como esta da Omino só chegaram à TV depois da MTV. Antes, a televisão e a publicidade brasileiras não davam tanta bola para o público adolescente. Notadamente, a MTV brasileira foi responsável pela melhora da qualidade dos comerciais para jovens na TV. Mas, involuntariamente, também estimulou o surgimento do estilo **cabriteen**. Involuntariamente porque apesar de abrigar o gum cepticismo, a MTV mostra vinhetas criativas e bem realizadas. Mas pelo jeito muita gente boa acabou comprando gato por lebre, confundindo o estilo MTV com gente pulando, adição picotada e berros de cabrito.

**Manada selvagem de *Cabriteens* no cercadinho do *Hollywood Rock*. Abaixo, *Cabriteens* em processo de reprodução**

Foto: Ferrarezi

# TERRA DOS GIGANTES

Reportagem **Silvia Carone**

Fotos **Mario Fontes**

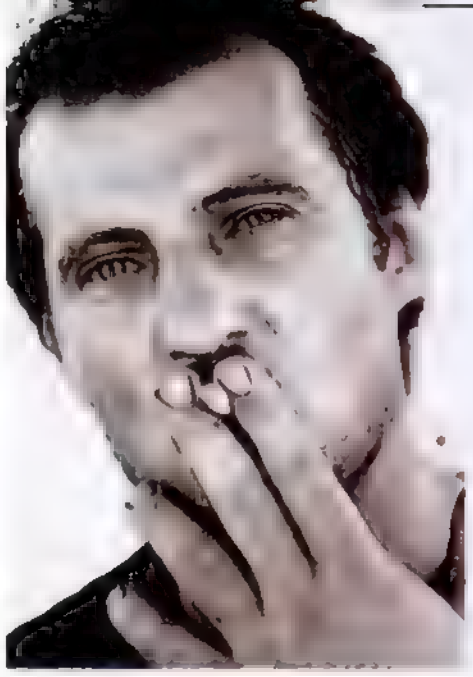
Assistente **Thais Curia**

O porto de Santos é o Brasil.
Manadas de carros importados
e bilhões de dólares dividem
espaço com miséria, prostituição
e doença, vinda ou não das
drogas. Lixo e luxo num
*container* para exportação.
O luxo segue seu caminho.
O lixo mora lá.

**Doca, bailéu, grabe, lingada, gato, mortadela, padre-nosso, parede de estiva, estropo, funda, cortado, caverna, dobra, matriculados, bagres. Se o problema para entrar no mundo do cais do porto fosse só de vocabulário (esse é o be-a-bá), seria muito simples. Mas o porto de Santos fica fora do Brasil, do lado da Guarujá e é mais controlado pela polícia que muitos Carandirus juntos. E quem vive perto do cais parece ter nascido sob encomenda para a trinca *feios, sujos e malvados.***

No porto de Santos acontece de tudo — tudo de sórdido que é possível imaginar. Os estivadores são abrutalhados e ferozes, as putas são horrorosas e infelizes, os guardas portuários burocratas e estúpidos, os navios enormes e sujos, os marinheiros bêbados e amargurados de tanto mar.

Não é de hoje. Desde o tempo em que era da família Guinle —aquela do Copacabana Palace—, o porto era um lugar pesado, que cheirava a peixe, óleo e corrupção. Continua. Só que com os agravantes da miséria do Brasil, da Aids e da cocaína.



**O marinheiro russo Elrehuk depois de um porre**

## Guichê X Michê

Antes de se debater com a cara feia e desgraçada de todo mundo, quem quiser ver o cais de perto vai ter que ganhar a gincana da burocracia. São alguns dias de Receita Federal, cópias autenticadas, chefes, sub-chefes e *otoridades* em geral, RGs, CICs, números de série dos equipamentos fotográficos e muitos sorrisinhos e explicações para qualquer um que aparecer de quepe. Depois da canseira, a bíblia de autorizações perde o valor: o "tão comigo", dito por algum funcionário do porto, vai resolver qualquer parada lá dentro.

Do lado de lá das grades, enfim, está o cais (e do lado de cá as putas e os motoristas de táxi que levam e trazem os marinheiros dos *H.O.s*). São 12 km de navios, cada um deles carregando 500 ou mil *containers*, cada *container* com 15 ou 30 toneladas de qualquer coisa —qualquer coisa mesmo, de açúcar a carro, de carne a tapete persa. Dentro do navio, nos porões, os estivadores. Fora, os doqueiros, que carregam no braço os sacos que vão para o porão de algum *Esperanza, Finisterre, Captain Churilov* ou outro navio qualquer.

# Marinheiro só

No navio não pode entrar. Mas como o porto de Santos fica mais ou menos no Brasil, de algum jeito se entra — nesse caso, foi o capitão grego George Zafires, louco por uns minutos de conversa depois de sete meses navegando, que convidou a reportagem da TRIP para uma voltinha no navio.

O capitão George Zafires tem 55 anos e está no mar há 36. Navega nove meses por ano e costuma passar o verão em Atenas, onde moram a mulher e os três filhos. Ele comanda um navio cipriota com tripulação filipina —a mão-de-obra mais barata da Terra para esse tipo de atividade— e nos últimos sete meses já passou por Singapura, Tailândia, China, África do Sul, Nigéria e Brasil. Ver o mundo resumido em água e ar durante três quartos do ano serve para pensar muito e/ou enlouquecer. O capitão faz força para só pensar: "Depois de algum tempo, você se dá conta de que todo mundo está viajando o tempo todo. *Life is a trip*. Isso não é privilégio de marinheiro." Ao ouvir a palavra saudade, o grego fortão desmorona e chora um pouco. Para se justificar, diz que estava pensando nas dificuldades e injustiças do mundo.

Antes de descer do navio, dois minutos de conversa com os estivadores, debaixo de chuva. Nem sombra da receptividade do capitão Zafires. Antes de fazer qualquer pergunta, quem dá entrevista é a repórter. Não muito convencidos com o que escutaram, eles começam a se explicar e tentam dissipar a imagem que têm de trogloditas.

Nem precisava explicar. Basta olhar para entender a origem de tanta grossura e sordidez. Todo dia, os estivadores chegam no porto e se amontoam onde estiver a parede de estiva —o lugar onde acontece a escolha dos que vão trabalhar nos navios. Em cada parede aparecem uns cem homens para *fazer uma fé*. O critério de escolha é uma mistura de darwinismo com as vantagens que levam os "amigos do mestre". Mestre é um estivador-mór, que faz a seleção dos outros. Depois de bastante gritaria, os vencedores correm até o navio e começam a empilhar ou desempilhar a carga. Até a centésima tonelada —é, depois de cem mil quilos—, eles terão ganho US$ 3. Bem perto deles está a sede da Presidência da Companhia das Docas do Estado de São Paulo. Segundo um funcionário da Codesp, o órgão arrecada um milhão de dólares por mês.

Com tanta tonelada nas costas e medo da fama de brucutu, eles não querem nem ouvir falar de perguntas comprometedoras. Depois de escutar a palavra droga, param de conversar. Gritaria e confusão. Melhor ir embora do navio... Mas dois estivadores mais enfurecidos vão atrás. "Tu foi muito infeliz. Toma cuidado com o que tu fala por aqui, pode não sair viva. O porto é um lugar muito suspeito." Tá bom, tá bom...

Ao lado deste navio, um outro, o Ro-Ro (apelido do *Roll-on Roll-off*, que transporta carros) solta uma verdadeira manada de Vitaras da Suzuki, todos pretos. Os estivadores ficam só olhando —para as cargas mais *chiques*, os armadores contratam funcionários especiais.

No fim da tarde, a equipe se reaproxima dos estivadores —dessa vez para ver de perto a parede de estiva. Nada feito. Nem o "tão comigo" do guarda portuário funcionou. O fotógrafo rouba uma foto e todo mundo apressa o passo.

Na parede de estiva, a fraqueza vai ser vencida pelos mais fortes

Ignácio Aronovich

ESPERANZA
VALLETTA

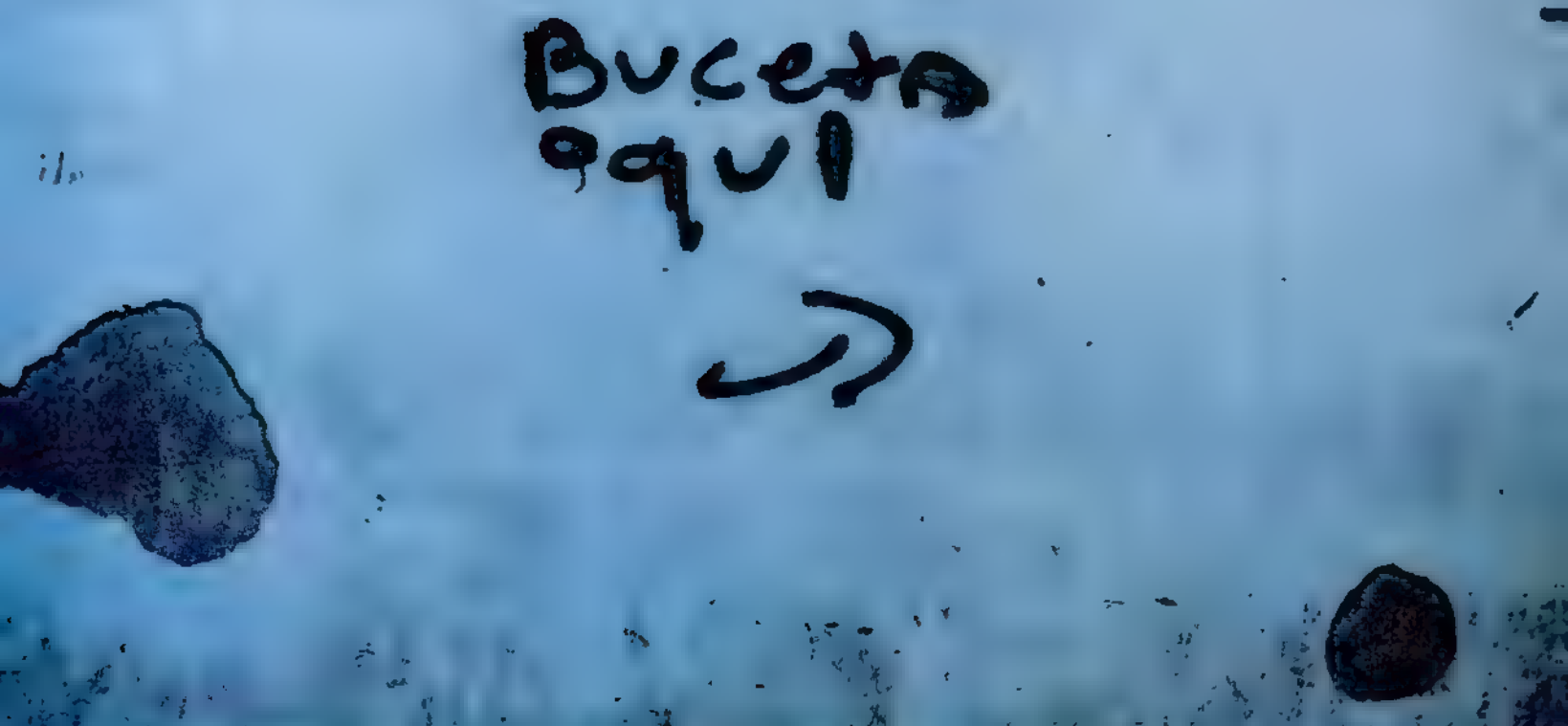
Uma da manhã de terça-feira. De frente para alguns guindastes e o casarão neoclássico onde funciona um departamento administrativo da Companhia das Docas fica o *Red Light District* do porto. O *Love Story* promete show "erótico" às quintas, sextas e sábados. Já lá dentro, uma das putas é convidada para sentar na mesa da reportagem. Ela não entendeu: "Programa com casal é mais caro", disse, se referindo à repórter e ao fotógrafo. Quando entendeu, hesitou um pouco, mas aceitou ser entrevistada.

Pelo menos naquela noite, ela se chamava Milena Alves dos Santos, tinha 22 anos e era cearense. Disse que ganha US$ 4 para dançar e fazer strip-tease das dez da noite às 4 da manhã e por um programa de meia hora cobra mais ou menos US$ 5, "dependendo da idéia que dá pra trocar com o cara".

"Só venho aqui quando tô legal." Naquela, noite, no entanto, ela não estava nada legal. "Cheirei direto desde ontem, me deu a maior dor de cabeça, perdi a fome. Aí fumei um baseado para ver se acalmava um pouco e batia fome. Dormi umas duas horas, mas não comi nada. Cheguei aqui e já peguei mais um pacote de farinha, então tô meio confusa. Me paga um Dry Martini com soda? É que encarar o palco de cara limpa não dá.". Antes de mostrar o camarim, ela some. Volta dez minutos depois, rindo, e conta para a amiga que tinha ido dar uma rapidinha atrás da boate. "Só que quando tava quase, chegou o segurança e o cara saiu correndo sem pagar."

A amiga Magali tem 29 anos e é bem gorda. Diz que passou uns anos casada e distante das boates. Agora separada, voltou a fazer strip-tease e programas. Ela não acha a menor graça na vida que leva. "Principalmente quando eu danço só pras mesas, o bar vazio... aí resolve com farinha." No fim da noite, às 4 da manhã, Milena reaparece: "Não se preocupa, pode colocar o meu nome na matéria. Eu não chamo Milena, eu não tenho 22 anos e nem sou de Fortaleza".

No *ABC House* fica a rainha do porto. Ela é magra, bonita e tem cara limpa. Não bebe, não cheira e não dá conversa. De vestido vermelho e *scarpin* preto, ela perambula pelas boates, fazendo cara de difícil para todos os homens. Cansada, *the woman in red* vai dormir um pouco no banco de trás de um táxi —o motorista parece trabalhar em sociedade com ela. A maior parte das putas faz assim: se associa a algum taxista que serve de protetor e chofer e ele em troca recebe uma parte do dinheiro que elas conseguem com os marinheiros. Quando ela vê que repórter e fotógrafo se aproximam, faz sinal para o motorista e ele arranca com o carro.




O muro perto das boates já avisa onde é. Ao lado, o resultado de um roubo de fotos na zona do cais, num domingo

ELECTROLUX
77
ZUELL

**Dia de festa com putas e marinheiros no Zorba's**

**Tédio de damas ao lado das catraias, em frente ao canal**

## Ilha Grega

No meio das boates, um bar esquisito. Na entrada, duas colunas dóricas com um enorme *Zorba's* esculpido no gesso. Lá dentro, música grega ao vivo. As garçonetes, brasileiras, atendem todo mundo falando grego e o chão está cheio de pratos quebrados. A cerveja é cobrada em dólar.

O dono é Yannis, um grego que veio para o Brasil há quatro anos. Ele não pára um minuto: conversa um pouco, sai correndo para apartar uma briga na porta, volta para o caixa, serve uma mesa, canta um pouco, senta outra vez na mesa, levanta e volta a olhar para a porta, como quem confirma o fim da briga. Na pista, um marinheiro chamado Hércules dança música grega com duas garotas de Santos —que pelo visto já têm bastante tempo de *Zorba's*, porque dançam bem. Yannis diz que Hércules é um velho conhecido seu e que ele "tem mais tempo de zona que urubu de vôo." São cinco da manhã e o bar está cheio, todo mundo cantando alto e bebendo muito, em clima de despedida. É que no dia seguinte um navio de tripulação grega iria partir.

**Terminal de *containers***

## Jesus Explícito

Duas noites depois, a equipe da TRIP reaparece no *Love Story* para ver o show de sexo explícito ao vivo, prometido para logo depois da meia-noite. Enquanto Marcelo e Cássia não começam a trabalhar, o público tenta se divertir com a passarela de strip e os vídeos pornográficos. O locutor anuncia "a maravilhosa Roberta". Aparece uma mulher medonha, de biquíni, tênis e meia, dançando virada para o espelho. De vez em quando se pendura em alguma coluna do palco e simula uma trepada. O público assiste indiferente.

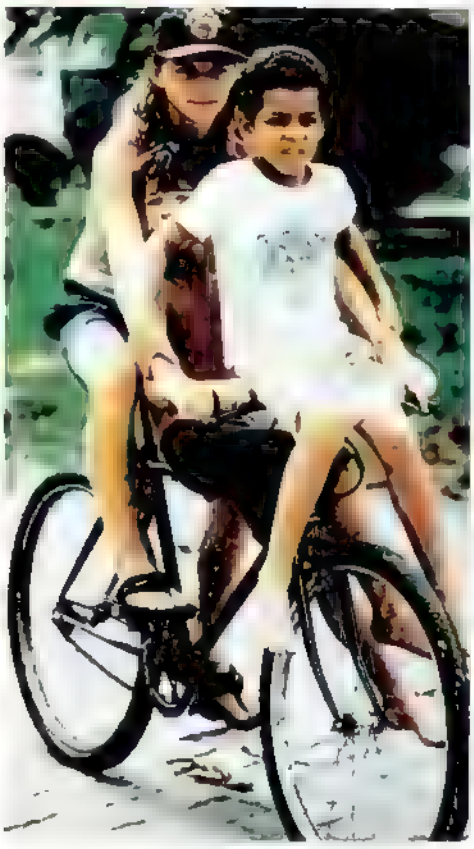
Duas e meia. O locutor continua prometendo para daqui a pouco o show explícito de Marcelo e Cássia.

Quatro e meia. Continua a sessão strip. Só sobraram as mais feias —as outras já saíram para os programas— e não por acaso elas dançam muito mais rápido, torcem a boca sem parar e não olham exatamente para nada.

Cinco da manhã. Aparece a polícia pela primeira vez, em quatro dias de reportagem. Os PMs parecem amigos do dono da boate. Um deles protagoniza a melhor cena da noite: ao atravessar a passarela, recebe no rosto uma bundada da garota que estava dançando e, sem graça, dá uma gargalhada. Mesmo parecendo amiga, a polícia faz a casa mudar de cara. O show pára por alguns minutos e o vídeo pornô é substituído por nada menos que uma propaganda da Legião da Boa Vontade. Jesus na tela.

Sem Marcelo, sem Cássia e sem conclusão, vamos embora. E não adianta procurar um fim: no porto de Santos não existe moral da história.

**Domingo no porto com Paulinho, Rodrigo e Marcos**



Mar azul,
areia branca,
praia limpa.
WAGON SURF LINE
HANDY BAG
WAGON LINE SPECIAL ACCESSORIES
(011)
829 3544

RUN, RUN, RUN, RUN,

RUN, RUN, WIN.
PRO-SPECS
The name of victory
PAIM, LAUTERT, MACEDO

# Disney

Por Paulo Lima

Fotos: Paulo Lima e Fernando Costa Netto

**Um festival na Holanda reúne anua**

**uma espécie em extinção: os hipp**

**eles soltaram as crianças numa fa**

**tempos fumando o cachimbo da**

# Lisérgica

**lmente os últimos remanescentes de**

**ies. No ensolarado verão europeu,**

**zenda e celebraram os bons velhos**

**paz e do amor.**

Donos de pensões em Mauá, old rockers que vibraram nos shows de Little Richards e Chuck Berry ou até mesmo você, que alugou seu galpão na Vila Madalena, em São Paulo, ou nas Laranjeiras, no Rio, chorem. Vocês não estavam no lugar certo na hora certa. O

pico se chama Ruigoord (fala-se — ou tenta-se falar — alguma coisa parecida com Raugrrord) e fica a 20 minutos de carro de Amsterdã, na Holanda.

Há 20 anos, durante duas semanas — sempre a última de julho e a primeira de agosto —, acontece nas terras cedidas por um fazendeiro um encontro mundial de tribos, comunidades e grupos alternativos. Hippies e freaks das mais puras e diferentes

linhagens. A pequena multidão de zoados do mundo inteiro monta um acampamento civilizado e convive em paz durante quinze longos, coloridos e perfumados dias.

## COCÔ NO MATINHO

Importante lembrar que falamos aqui de hippies de verdade, e do primeiro mundo. Ninguém faz cocô no matinho. Há banheiros, lanchonetes naturais, teatros, restaurantes, áreas cobertas com lonas de circo reservadas ao descanso, atividades para as crianças e barracas, centenas de barracas. Andando pelas tendas, encontram-se seis caras seminus tocando tambores sem parar enquanto um piano de cauda fica à disposição dos curiosos e músicos amadores. Alguns preferem fazer totens gigantes, esculturas em barro, fogueiras, danças, música, crepes, ervas para comer, beber e fumar.

Boa parte das pessoas (senão todas) agem com naturalidade. Parecem estar felizes e o clima é absolutamente cordial. Pode-se ver um rastaman discutindo horas com um velhinho de barbas brancas numa Harley, uma mulher fantasiada de urso

servindo bandejas de K-Suco natural para os bandos de crianças pequenas, todas devidamente pintadas e coloridas.

John Lennon, Janis Joplin, Marley, Charles Manson, Hendrix, Peter Fonda, Pelé e Tostão, Raul Seixas, Jack Kerouac, Grappete, Alice

Cooper, Suzi Quatro. Se pelo menos meia-dúzia destes nomes te dizem alguma coisa, no final de julho e começo de agosto a Disneylândia Lisérgica se instala pela 21ª vez em Ruigoord, um lugarejo no fim de uma estradinha num vale verde de embalagem de queijo cammembert.

FLAMME FATALE
LANDJUWEEL
2000

AMSTERDAM

# VERDADEIRA DISN

## Se você um dia pretende ir a Amsterdam, recorte es

**por Paulo Lima**

Em vez de arrancar os cabelos tentando descobrir as causas do fracasso do empreendimento, os executivos da EuroDisney deveriam ter tomado um trem para Amsterdam De Paris, apenas algumas horinhas de trem os levariam a um parque de diversões muito mais adequado ao gosto dos turistas que procuram a Europa e ao dos próprios europeus

Se você gosta de arte moderna, vai se amarrar. Se é chegado nos clássicos, está no lugar certo. Se faz a linha doidão underground mas já se encheu do CBGB, chegou ao paraíso. Se o seu caso é lua-de-mel, gol de placa.

Se o ser humano é realmente uma experiência que não deu certo, em Amsterdam a raça chegou mais perto do que se convencionou chamar de civilização moderna. Liberdade e organização, por exemplo,conseguem —incrivelmente— coexistir

Só pra começar, a bicicleta é o meio de transporte mais usado pela população. Em alguns minutos você aluga no subsolo da Central Station (estação central de trens) uma bicicleta preta com a mesma cara das usadas pelo vendedor de frutas, pelo executivo da Heineken ou pela loira deslumbrante —e não a burra — que perfuma a ciclovia.

Apesar das centenas de canais, o traçado da cidade é simples de entender e em dois dias você e sua bicicleta vão e vem sem problemas usando só um mapinha que se compra na casinha de informações da VVV, em frente à Central Station, que pode indicar e reservar um hotel pra você

Como já deu pra sacar, a cidade —principalmente para os turistas— gira em torno da tal estação —uma das maiores da Europa— de onde saem trens para todo o continente.

fotos pr se la tat as

### PARA LER E GUARDAR

— Não se exige visto para brasileiros.

— O dinheiro se chama *guilder* ou *florin*. Você troca dólares, traveller cheques e qualquer moeda melhor que o cruzeiro nos quatro cantos da cidade —em bancos, casas de câmbio e guichês de lojas ou estações. Atenção para as "taxas sobre serviços", que variam muito de um lugar para outro.

—Se precisar de transporte para locais mais distantes, troque a bicicleta por um táxi —seguro, confiável e não muito caro— ou pegue um *tram* (bonde elétrico). Há ainda os ônibus aquáticos que navegam pelos canais

—O aluguel de uma bicicleta com cadeado e trava sai 7,5 guilders por dia e requer depósito de 200 guilders ou o equivalente em dólares (o nome é TAKE-A-BIKE e fica em baixo da estação central de trem). Tel 624 8391

### VÂ VER DE QUALQUER JEITO:

a) **Leidseplein** - Praça que junta turistas, artistas locais e loucos do mundo inteiro, 24 horas por dia

b) **Red Light District** - O famosos bairro com as putas na vitrine. Já foi melhor, hoje anda meio deprê. Vale a visita, mas não entre numa de exibir dinheiro, seguir vendedores para becos escuros ou de tirar fotos das senhoras. Muito menos de solicitar seus serviços. Nem com camisinha de aço escovado.

c) **Rembrandtsplein** - Só rola à noite. Mistura shows de sexo ao vivo com restaurantes —alguns até decentes.

d) **Anne Frank House** - Obrigatória para turistas, a casa onde se escondeu a menina judia durante dois anos na época da Segunda Guerra. Dê uma olhada se tiver

# EYLÂNDIA DA EUROPA

## ıs páginas e mande plastificar. É o seu passaporte da alegria.

saco. Quem sabe você descobre porque ela virou nome de desodorante décadas depois. Tel. 626.4533

e) **Heineken** - veja como é feita a cerveja e beba uns goles por apenas 2 florins Tel. 523.9239

f) **Melkweg** (tel. 624 8492) - casa noturna que lançou o conceito de multimídia Sete ou oito ambientes trazem desde um show de música africana até um jantar hindu com luz de velas passando por um desenho animado de sacanagem. Você vê a programação nos cartazes e folhetos na porta. Cartão de sócio —válido para mais ou menos uma semana— 3,50 florins. Procure checar também a programação de shows do Paradiso (tel. 626 4521)

### BARES, RESTAURANTES E CLUBS

Há centenas na região da Leidseplein, Dam e redondezas. Escolha e boa sorte. A comida e a cerveja são quase sempre excelentes

### DICAS DE CASAS NOTURNAS PARA CONFERIR

Mazzo (Adzengracht, 114) - Vrankryk (Spuisspraat, 216) - Korsakoff (Lijbaansgracht, 159) - De Kroeg (Lijbaansgracht, 163) - Trut (Bilderdijkstraat, 165) -

### MACONHA E DERIVADOS

O mundo inteiro sabe que a Holanda pratica uma política civilizada de controle e orientação do uso de drogas. Como em toda a Europa, o problema é sério e principalmente a heroína está aniquilando a juventude.

A lei holandesa trata a questão com seriedade e portanto separa as drogas em grupos diferentes conforme os danos físicos e sociais que provocam. Desta forma, há cerca de 300 "coffee shops" onde a venda de maconha, haxixe e seus derivados é tolerada pela polícia e completamente aceita pelo *establishment*. Nesses bares, além de cervejas, refrigerantes e cafés, há um cardápio com amostras e preços de vários derivados de *cannabis* que devem ser consumidos no local ou levados para lugares apropriados. O consumo destas ervas, ao contrário do que muitos pensam, não é permitido em ruas, parques ou locais públicos

Acreditamos que a cidade é louca e viva o suficiente para dispensar aditivos. De qualquer maneira, os coffee shops geralmente são identificáveis pela folha de *cannabis* na vitrine e/ou luminoso

### PRA TERMINAR, DUAS DICAS FUNDAMENTAIS:

1) Compre o guia TIME OUT AMSTERDAM feito pela turma da revista inglesa Custa US$16 em méd a e vale cada centavo

2) Procure o posto de apoio do VVV e peça uma dica de hotel dizendo quanto você pode gastar e em que região quer ficar. Há de albergues a hotéis de alto luxo. Evite as proximidades da estação de trem. Tente se hospedar no hotel DE FILOSOOK (tel. 683 3013) cujo terraço dá para o parque central da cidade.

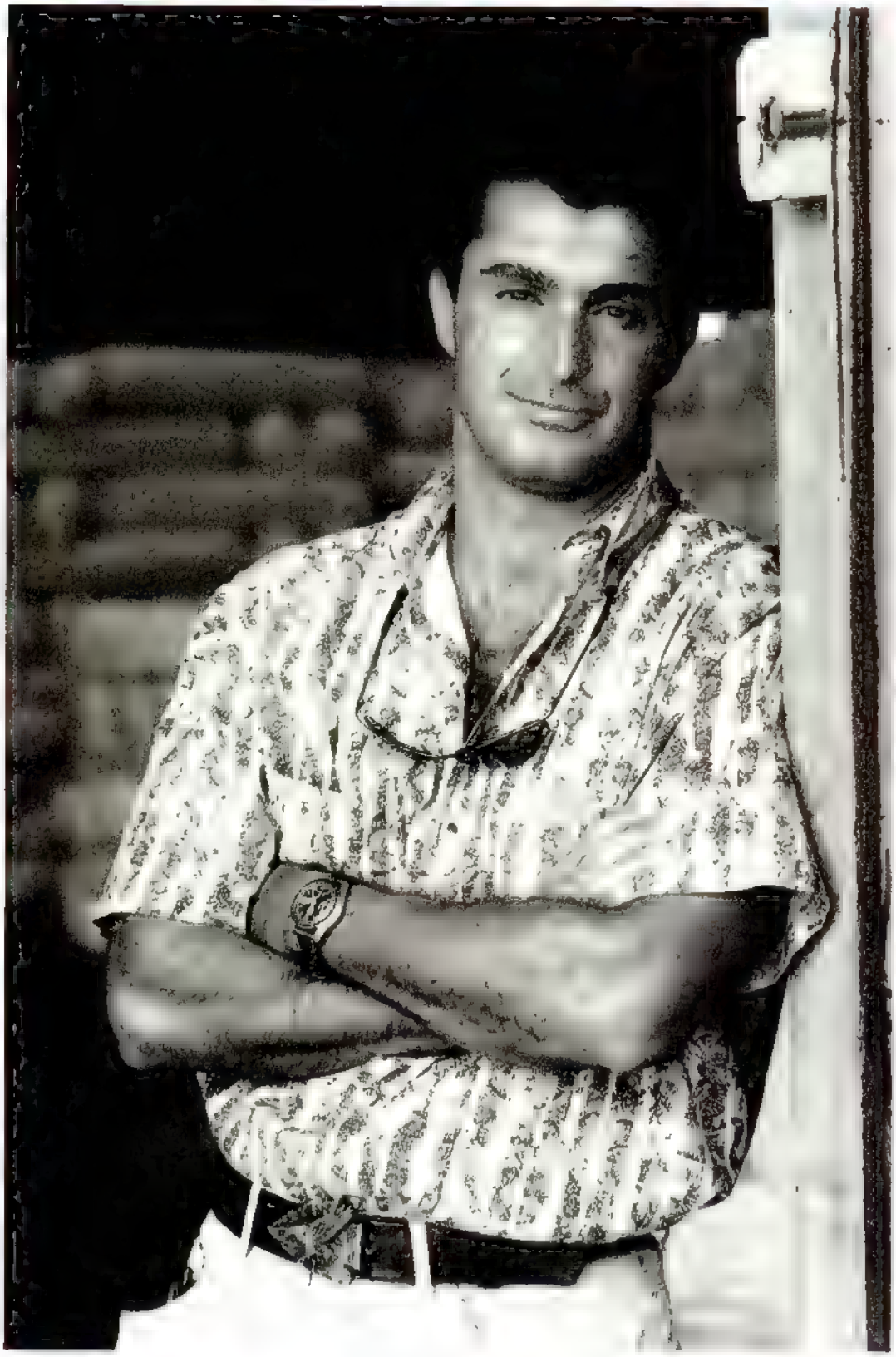
Se nada disso te atraiu, saiba que as loiras com que Gabriel O Pensador sempre sonhou —lindas e inteligentes— estão todas lá, e apesar do idioma oficial incompreensível para nós —o *dutch*— até os mendigos e junkies dominam o inglês. Se nem assim você se animou, tente a EuroDisney e tire uns malhos com a Clarabeia.

*Agradecimento especial a CLAUDIA DEWIT*

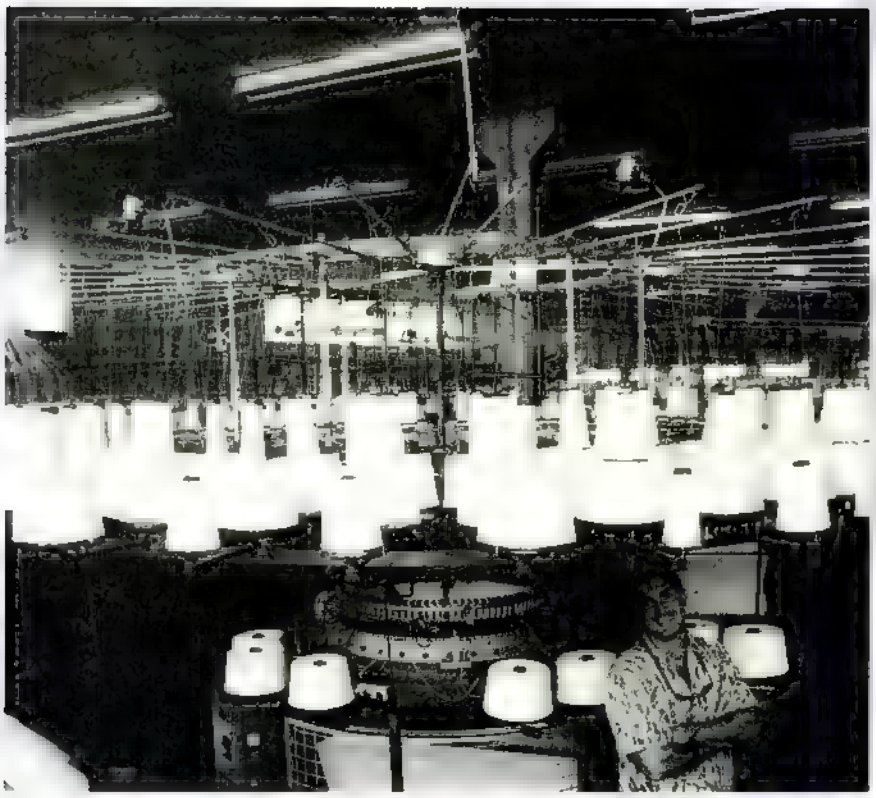
**Durante o Queen's Day (Dia da Rainha), loucos de todos os tipos saem da toca vendendo o que tiverem ou exibindo seus dotes artísticos (fotos 1 e 2). As casas-barco pontuam praticamente todos os canais da cidade (foto 3). De uma Levi's usada a um chifre de veado, o Mercado das Pulgas atende a todos os gostos (foto 4). A noite em Amsterdam tem desde um show de sexo explícito, até o cenário para performances de bandas famosas ou não. Algumas das opções mais interessantes são: o Korsakoff (foto 5), o Vrankryk (foto 6), o Dekroeg (foto 7) ou o Mazzo (foto 8).**

# Tecido Vital

Se os braços e pernas do marketing moderno são os eventos, o coração certamente é a indústria de confecções, que ajuda a organizar, patrocinar e divulga-los. Os fornecedores de tecidos —em especial as malharias— cumprem a função de bombear o sangue que vai para o coração e fornecem a matéria-prima para o produto mais usado pelos jovens do planeta: à camiseta. Com a especialização e modernização do mercado, existem malharias dirigidas pelos próprios jovens. Aos 31 anos de idade, Marcelo Osnaide dirige há 12 a Malharia São Paulo, que provavelmente tece a malha da camiseta que você está usando agora.



À frente da Malharia São Paulo desde 80, Marcelo Osnaide viu de dentro a formação e estruturação do mercado de confecções voltadas ao público jovem



**Quilômetros de fios fazem diariamente as toneladas de malhas que vão movimentar confecções, lojas, eventos, mídia, atletas e todo "acossistema" do marketing esportivo**

**"Ele me dá uma boa condição de trabalho e tem uma entrega rápida, além da qualidade que eu preciso."**
***Alberto Coelho Gonçalves, 32 anos***
***Desenvolvimento de Produto da M2000***

**" O que mais me atrai no trabalho da Malharia São Paulo é o desenvolvimento de tecidos exclusivos e a idéia da pronta-entrega com bons preços e qualidade."**
***Luizinho, 30 anos***
***Diretor e Designer da marca Window***

**Paulo Lima** - Como foi sua entrada no ramo de malharia?

**Marcelo** - Em 78 iniciei minha confecção fabricando produtos com a marca Piping Hot. Nessa época, conheci o Cláudio Fareze —namorado da minha irmã— cuja família tinha uma indústria de tecelagem e tinturaria. Através dele, comecei a ter contato com o meio de fiação e tinturaria. Daí foi um passo para iniciar a fabricação do meu próprio tecido para Piping Hot.

**PL** - Em que ano foi?

**M** - Em 1980 já existia a Malharia e eu já fabricava o tecido que usava na Piping Hot e começava a comercializá-lo em outras confecções.

**PL** - Apesar de ter feito a Piping Hot, você acabou se especializando em fazer tecido para vender para confecções. Por que?

**M** - Confecção é barra pesada. Eu tomava muita canseira. Logo descobri que a melhor opção era me especializar em malharia.

**PL** - Quer dizer que você optou por uma tendência que é a mais moderna dentro do marketing atual —segmentar a atuação e dar um atendimento especial. Você acha que a Malharia São Paulo dá um atendimento diferenciado para o cliente?

**M** - Tenho certeza. Inclusive por eu ter sido dessa geração dos confeccionistas que hoje são grandes. Essa gama toda de confecções que está arrebentando atualmente cresceu junto comigo. Isso faz com que eu interaja mais facilmente com meus clientes.

**PL** - Eu queria falar mais sobre esse atendimento especial. Você continua dando atendimento personalizado para todos os seus clientes?

**M** - Eu me sinto na obrigação de colocar a matéria-prima na fábrica dos meus clientes com a melhor qualidade e o menor preço, com os prazos de entrega atendendo as necessidades de cada um ou até mesmo como pronta-entrega, no que tenho investido mais nos últimos três anos. Sempre que possível, minha relação é direta com os proprietários.

**PL** - Como é exatamente essa história de pronta-entrega?

**M** - O cliente está precisando de qualquer tipo de malha, vai lá e pega na hora. No Brasil não se pode planejar muito. O que acontece é que entra um pedido na fábrica do cliente hoje e ele já fechou o preço em cruzeiros.

**PL** - Como é o teu dia-a-dia? Quantas horas você dedica especialmente ao trabalho e como são suas outras atividades?

**M** - Além de dedicar diariamente oito horas em média ao trabalho, quando posso, procuro manter uma atividade física, repondo as energias para desempenhar minhas funções na Malharia.

**PL** - Como seria o início da relação da Malharia São Paulo com um cara que está lendo esta matéria e tem uma confecção, por exemplo, no Espírito Santo e tem, volta e meia, problema com fornecimento de malha?

**M** - Ele liga para a pronta-entrega, no (011) 533.2557 ou 241.0731, conversa com nossa equipe de vendas e faz seu pedido. Normalmente o tecido estará na confecção no dia seguinte.

**PL** - O que tem no seu estoque que irá atrair o cliente?

**M** - Os preços, os prazos, o atendimento e a qualidade do tecido —que indiscutivelmente todo mundo já conhece.

**PL** - Que roupa um cara pode estar vestindo agora que é feita com a tua malha?

**M** - Desde camisetas, bermudas, abrigos, os tops de cotton das meninas, calças fuseaux etc. Com certeza, boa parte saiu de nossas máquinas.

# Os Amantes do Minhocão

Houve um tempo em que ser pobre no Brasil não significava necessariamente abrir mão de dignidade. Ao contrário. Mesmo sem dinheiro, havia maneiras de se preservar a integridade física, o charme, o amor e até a elegância. Neste ensaio com o rocker Dinho Ouro Preto e a top model internacional Betty Prado, a fotógrafa Emmanuelle Bernard resgata o discreto charme dos miseráveis e o analista de comportamento Jacob Pinheiro Goldberg condena à morte com palavras aqueles que tornaram imagens poéticas como estas possíveis apenas em páginas de revistas.

CONCEITO E FOTOGRAFIA
Emmanuelle Bernard

COSTUMES
Pazetto

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Monica Mendes

MONTE CARLO

TRIVIAL
RB

GONZALEZ MOLISTRINA
JUGUETES
GONZALEZ MOLISTRINA
JUGUETES

Antes (de quê?), a pobre podia ter dignidade, até um senso de requinte. Fazia questão de se vestir limpamente. Agora (a partir de quando?), até o rico faz questão de se portar porcamente. Rico, porém mal-educado. Antenor, seu criado. Era assim que as pessoas se apresentavam. O arroto é o cartão de apresentação do jovem que grita na galera "Curintiá, eu sou da Fiel", ou o estudante de medicina que no trote humilha o calouro até o fim da impiedade.

Topless não é curtido pela rebeldia ou pela contestação, como grito de guerra da emancipação feminina, ou nudismo filosófico e selvagem. É mostrar os peitos, porque dá quem pode, numa avacalhação de estilo e exposição de boçalidade. O despojamento, que já foi um luxo, é o cinismo do lixo. Axl Rose cospe na cara da tiete e ela goza, num orgasmo de animal vadio. Michael Jackson estupra criança e é "compreendido" pelos mortais. Sujo, mal-vestido, mau-caráter. É a moda consagrada. Ignorante, ou melhor "ingnorante" é a chave do sucesso. O ladrão que ganha na Loteria Esportiva, porque até Deus é cúmplice da canalha, ameaça suicidar-se na hipótese de cassarem seu mandato. Pois é. Quem sabe se fizessem em suicídio coletivo, pulando de Minhocão e cedendo espaço para os pobres de dinheiro e não os pobres de espírito. Eles têm estilo.

por *Jacob Pinheiro Goldberg*, analista de comportamento.

**Esta produção foi possível graças à LOC. ALL que iluminou as cenas.**

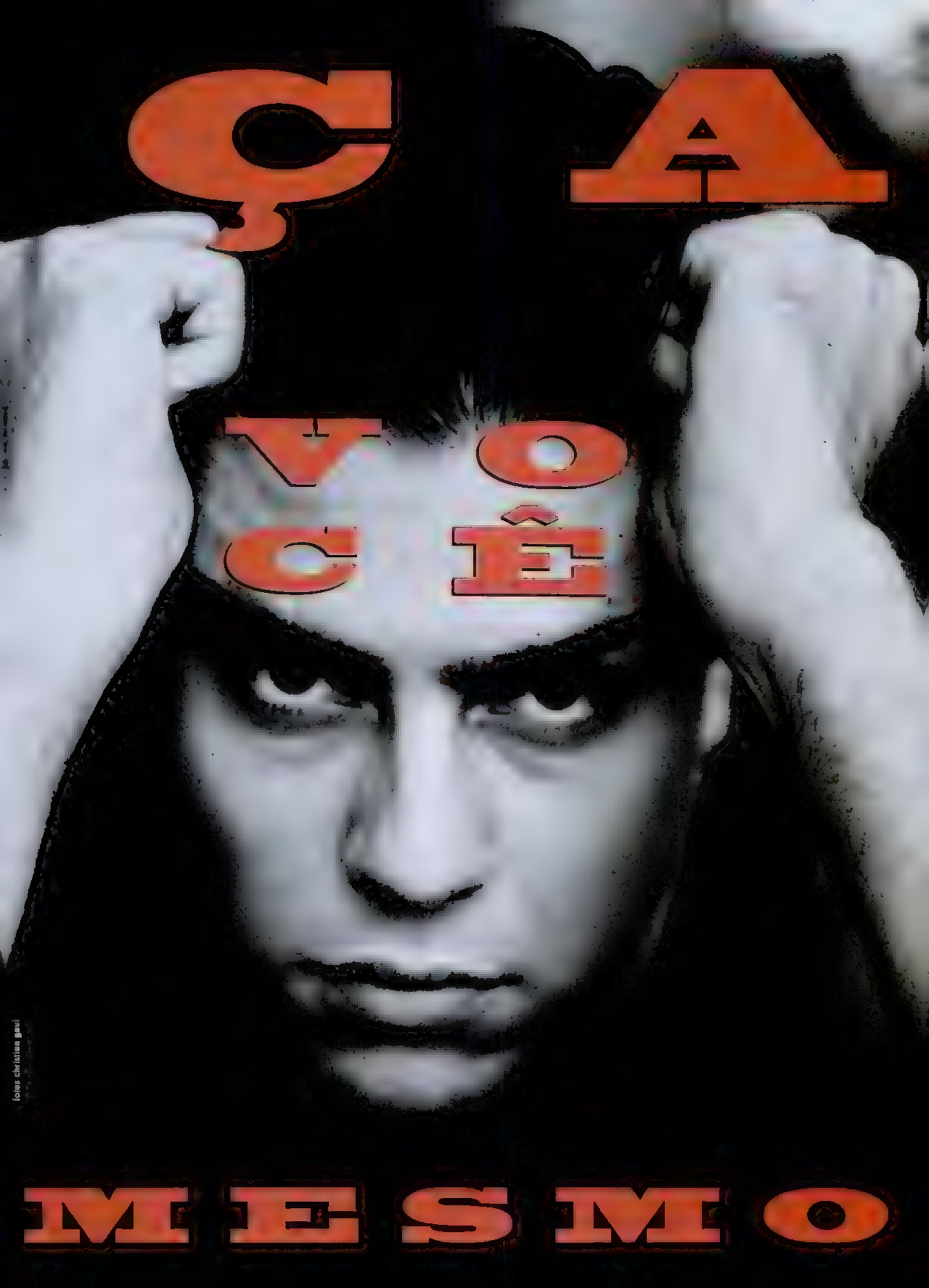
ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA.
**Paulo Anjo**

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO:
**Carlos Freitas, Cristina Bosco, Renato Rinaldi, Pedro Lupion e Patricia Soares**

MAKE UP & HAIR·
**Wagner Pinceratto**

AGRADECIMENTOS
**CET, 775, Zapping, Zoomp, Pág. 27, Cotton Loom, Armadilha, Século XX, Boat, Marcelo Bonito, Ópera Rock, Maradona e a cachorra Schula, Rodrigo, o rei da sucata.**

agito
METAL
DANÇA
NATUREZA
TEATRO
ASTRAL
GENTE.
TEEN
FM
Humor
PUNK
HITS
AVENTURA
Opiniões
VÍDE
Compo
OPINIÃO
AAAH!
AAH!
FESTA
ROCK
ETC.
TALENTO
ENTREVIST
Discos
Revolução
TUDO NA


ÇA
VOCÊ
MESMO
fotos christian gaul

# MEU NOME É

Fugir de casa com oito anos de idade, aliar-se à malandrgaem da favela da Paz, em São Bernardo do Campo (SP), passar um ano na Febem por latrocínio e ser o cérebro por trás de uma das bandas de rap mais polêmicas do país - o Pavilhão 9. Se ser *gangsta* e ter um *curriculum* desses e ainda ficar rimando letras sobre a vida na quebrada, Piveti, 18 anos, é *gangsta* da pesada. Como se não bastasse, a produção, é a melhor que o rap nacional independente já viu. O responsável: Piveti . Em março, sai *Piveti,Ex-Detento,* seu primeiro disco solo.

**TRIP** - Como foi o seu passado? Você estava contando que saiu de casa cedinho...
**P** - Eu tive um passado embaçadíssimo, saí de casa com oito anos. Eu não tinha aquele esquema que é mãe e pá, aquele abraço. Achei que podia ter uma vida independente e saí fora.
**TRIP** - Para onde você foi?
**P** - Fui pra Cidade Dutra, em São Paulo, porque eu conhecia uns punks lá com quem eu podia fazer uma caminhada. Fui pro ABC, lá conheci uns skatistas e me entrosei.
**TRIP** - Você já pegou uns B.O.s. Qual que foi a treta errada?
**P** - Peguei três. O primeiro foi por latrocínio, o segundo foi 157 (assalto à mão armada) e o terceiro foi 155 (arrombamento)...

# PIVETI

**TRIP** - E esse primeiro, como foi? Quantos anos você tinha?
**P** - Tinha 14. Fui eu e mais dois pra catar uma vídeo-locadora, eu fiquei de linha de frente e um camarada foi pra dentro. Na hora que ele deu o grito pra todo mundo deitar no chão com a mão na cabeça, a dona da locadora reagiu e pulou em cima dele. Meu outro camarada falou "atira! atira!". Aí eu saquei na cara, um tiro só. Saí fora e já dispensei a ferro. Passando três quadras a Rota me cutucou o pá, me levaram pra represa de Guarapiranga e eu fiquei três horas apanhando. Passei um ano na Febem.
**TRIP** - Como foi lá?
**P** - A Febem é uma firma de marginal, tá ligado? Se você não tiver um objetivo na cabeça sai de lá pior que entra, sem noção de nada. Eu saí e não sabia nem onde era minha casa, estranhei minha quebrada. É o seguinte: todo mundo tá ali esquemando pra se adiantar porque tá atrasado. Se você sai e não tem ninguém pra te dar uma força, um incentivo...
**TRIP** - Rodou muito lá dentro?
**P** - Pra caralho! No pavilhão você tem que andar com a mão pra trás e viver sentado, se quiser ir no banheiro tem que pedir licença pros inspetores. Na primeira vez que eu entrei lá, cheguei andando com as mãos abanando e já levei um estole. Mas nunca tive treta não, lá o banco da zona sul era forte, já conhecia vários.
**TRIP** - Teve alguém que te deu uma força?
**P** - Teve um camarada meu, que Deus o tenha, o MC Do. Depois da minha segunda passagem, ele chegou em mim e disse "aí mano, vamos fazer umas letras de rap, você tem que sair dessa. Vamos juntar o que a gente sabe." Eu já fazia letra lá dentro e a gente começou a fazer uns lances, mas aí deu outro desacerto. Passou um tempo assassinaram meu pai e esse camarada meu. Nessa época já fazia uns seis meses que eu estava em estúdio.
**TRIP** - E como está a sua vida agora?
**P** - Sem maldade, sem B.O., cem por cento. Mas se precisar a gente detona, na quebrada que eu vivo você não pode dar uma de lóqui.
**TRIP** - O que é dar uma de lóqui?
**P** - É o seguinte: tem uns caras que são muito "cabeção", fumam um, cheiram uma *bright* e se acham os malandrões. Esses são os malandros demais. Eu fico na minha, não ando naquela malandragem toda, liga? Mas se um camarada meu precisar de alguma parada, não tem miséria.
**TRIP** - Tem muito lóqui nessas de cheirar brabo. E você? Fuma, cheira...
**P** - Fumar pra ficar vacilando? Nem me ligo. Eu gosto é de ficar ligadão. Quando dá é o seguinte: se tenho uma grana e veja que não tá tirando da boca da minha filha (*Gabriela, 1 ano*), eu detono. Sou velho na quebrada, sempre tem umas presenças o pá...
**TRIP** - E o oitão fica em casa?
**P** - Tem que garantir, certo? Não pode ficar sem.
**TRIP** - As letras que você escreve falam da sua real ou é coisa que você vê por aí?
**P** - Tudo que eu falo se identifica muito comigo e a minha vida se identifica com a de muitos. Sei que o que falo por mim, falo por muitos. Não fui só eu que passei por esses lances. Falo de tudo o que eu tive de bom e de ruim dentro da malandragem.
**TRIP** - Como rolam as suas produções?
**P** - Fico ligado no levado, na base, nos samplers. Tem muito produtor aqui que não dá um trampo legal com as bandas. Meu trampo é trabalhadíssimo, coisa de estudo mesmo. Faço a base em cima da minha levada. Me espelho muito no Daboni, que já produziu os Racionais.
**TRIP**- Qual foi o pior momento da tua vida nesses 18 anos?
**P** - Tem muitos. Um foi quando cheguei num bar, na época que eu tava na rua, tinha um camarada tomando um lanche e eu pedi uma mortadela porque tava com fome. Aí ele olhou na minha cara e falou: "Mais um deles", desfazendo mesmo, e eu saí fora. No outro dia falei pro dono do bar: "eu passo uma noite limpando aí pro senhor e de manhã o senhor me dá um lanche." De madrugada, o cara pra quem eu tinha pedido o lanche chegou no bar e eu tava ajudando a atender. Fui obrigado a servir o cara.
**TRIP**- E o melhor?
**P** - Quando eu fui morar com Irene (*17 anos*), minha esposa.
**TRIP** - Para finalizar, se com rap não der certo, você volta para a bandidagem?
**P** - Não, mano. É o seguinte: tem que ser ligeiro, liga? Mas se não rolar com rap eu faço qualquer outra coisa, faço umas roupas e tal. Mas não vou pra bandidagem.


VOCÊ SABE ON-
DE ENCONTRAR

SHARON STONE,
AYRTON SENNA,
SALVADOR DALI
E MADONNA?*

3 MILHÕES DE FOTOS

R. GREGÓRIO SERRÃO, 254-SP
TEL:549.2766-FAX:575.1224

O SEU BANCO
DE IMAGENS

*A Sigla não possui direito de imagem.

# O gordo e o quase magro

Existem dois "doutores" Dre conhecidos no hip-hop. Um deles, o "Dr.", foi do N.W.A., já arrumou treta com metade das feministas dos Estados Unidos, produziu o melhor disco de rap de 93 e lançou o megasucesso Snoop Doggy Dogg. O outro, o "Doctor", não arruma com ninguém, tira uma nas *pick ups* — "Mas nada sério", diz —, há pouco mais de quatro anos foi selecionado junto com o parceiro Ed Lover para apresentar o *Yo! MTV Raps* e já aparceu no cinema no filme *Who's the Man*.

## Veja as diferenças:

**Doctor Dre**
**NOME** Andre Brown
**OCUPAÇÃO** É um dos apresentadores do *Yo! MTV Raps*
**PESO** 127 kg
**ALTURA** 1,92 m
**COR DOS OLHOS** Castanho escuro
**NASCIDO EM** Westbury, N.Y.
**TEMPERAMENTO** Gente fina
**AMBIÇÃO** Ser um *rap star*
**FRASES** "Hollywood homogeniza os grupos étnicos. Eles sempre tentam te mostrar a visão deles, do jeito que eles queriam que fosse. Eu estou de saco cheio de falar de mal de Hollywood, quando nós (os pretos) podemos ter a nossa *Harlemwood*."
"Os 'nossos' megastars têm que começar a pensar e produzir juntos, como um time." Precisa haver uma mentalidade de time entre Michael (Jackson), Michael (Jordan), Bill (Cosby), Prince, Magic (Johnson), Eddie (Murphy). "

**Dr. Dre**
**NOME** Andre Young
**OCUPAÇÃO** rapper,produtor e patrão do selo Death Row Records
**PESO** 81,5 kg
**ALTURA** 1,92 m
**COR DOS OLHOS** Castanho
**NASCIDO EM** Los Angeles
**TEMPERAMENTO** Folgadaço
**AMBIÇÃO** Ser uma personalidade da TV
**FRASES** "Eu nunca saí de rolê com gangues, sempre estive muito interessado em minha música" - "Para mim, ser um *gangsta* é não ouvir desaforo de ninguém. Eu passei por muita merda na minha vida e se eu precisar sobreviver nas ruas, eu sobrevivo. É assim que um *gangsta* faz."

# Perdendo a vergonha

Ameaçada pelas novidades onanistas que despontam no mercado, como o CD-Rom pornográfico e o simulador virtual de sexo, a indústria do vídeo erótico inova através do bizarro.

Atores e diretores famosos por seu trabalho no *mainstream* como Ron Jeremy e Randy West são obrigados a contracenar com mulheres exóticas ou gigantescas — para sorte das gordurosas Taylor Ghaburiella e Miss Twin Towers que se tornaram celebridades instantâneas no meio — enquanto atrizes delicadas como Kym Wilde e P.J. Sparxx passam por sessões de espancamento, imobilização, enema (lavagem intestinal) e outros fetiches em seus novos filmes. Tecnológica ou artesanal, a masturbação se revela um empreendimento cada vez mais lucrativo.

reprodução shoth hori

**Tente adivinhar porque a simpática Miss Twin Towers (torres gêmeas) tem esse apelido**

*Nilo Nixon, 25 anos, é químico e colabora com as principais revistas de cinema e filmes pornôs do país.*

# Quem liga para a opinião de Ice-T?

O fulano mais folgado de Los Angeles (pelo menos do bairro classe A de Beverly Hills, onde fica sua mansão de bacana), o *gangsta* original Ice-T, está prestes a estrelar mais um filme. Se você não se contenta em ouvi-lo e vê-lo, o cara também está para lançar um livro. Saiba o que ele tem a dizer a respeito disso tudo.

### O LIVRO

"O título é *Ice's Opinion, Who Gives a Fuck?* (algo como "A Opinião de Ice-T, Quem Liga para essa Porra?"). É uma compilação de todas as minhas entrevistas e foi escrito como uma longa conversa onde eu falo por tópicos, tipo educação, raça, religião, sexo, mentalidade do gueto...É como se a cada final de capítulo eu dissesse 'esta é a minha opinião sobre tal assunto, quem liga pra essa porra?' Não é para as pessoas darem muita importância, é uma coisa do tipo '*yo*, é assim que eu me sinto a respeito disso.' Eu só espero que o livro possa servir para as pessoas começarem a expressar suas opiniões. É isso que todos têm que fazer. Ninguém é Deus. Eu não sei de tudo, mas é assim que eu vejo as coisas nessse momento da minha vida, por isso é um livro real. Um dia desses você pode estar discutindo sobre determinado assunto com um chegado e dizer 'vamos ver que porra Ice pensa sobre isso.' Aí você lê e diz 'Ice é um cuzão da porra!', e alguém diz 'vá se foder, o cara tem razão!' Você pode ler o livro todo ou só as partes que te interessam."

ilustração gon la barbera

**Ice-T:** ***the original gangsta***

### O FILME

"Estou trabalhando num filme chamado *Surviving the Game*. É sobre um *homeless* que lê um anúncio do tipo 'contrata-se *homeless*'. O cara vai até o lugar do anúncio e vê que é uma espécie de campo de sobrevivência. Ele pensa: 'Eu tenho sobrevivido nas ruas, então sou capaz de arrumar um trabalho aqui.' É contratado por uns caras que pegam os *homeless*, os jogam numa floresta e vão caçá-los. Eu faço o *homeless* errado pra você zoar."

# CONDUZINDO MISS CADILLAC

**por Robson Brandão**
**fotos Christian Gaul**

**Rita Cadillac foi chacrete nos tempos áureos, posou nua para revistas "chiques" e hoje cobre o roteiro artístico "B" da periferia brasileira. Comemorando os dez anos de carreira solo de La Cadillac, a reportagem da TRIP ficou na cola da rainha do presídio do Carandiru e a seguiu em três apresentações numa só noite. É dela que o povo gosta!**

Sábado, 18 de dezembro, 23h26. A noite começa na saída do apartamento de uma amiga de Rita no bairro de Santana, em São Paulo, onde a cantora se prepara para encarar uma rotina que se repete quase todas as noites.

O Corcel II azul que conduz miss Cadillac atravessa a cidade em direção a seu primeiro show, no forró Fina Flor em São Bernardo do Campo. A farra começa uma da manhã. Em 45 minutos a mulher dá um banho na libido da rapaziada, detonando no rebolado e passando suas nádegas a uma distância mínima dos olhos esbugalhados dos espectadores. "Exta mulé mi mata, rapaz!", confessa um.

Mas é quando ela canta "você quer me mastigar / eu gosto / se você quer me comer / eu dou...eu dou...um pedacinho pra você" que o povo sai de si. Do palco, a deusa chama alguém da platéia para ajudar a tirar seu shortinho com a boca. Mas a empolgação é curta: ela usa um biquininho por baixo e não deixa ninguém passar dos limites. A apresentação termina sem nenhum problema.

Às 2h04, o Corcel estaciona na porta de um muquifo em Diadema — o Salão do Tuíga. Para seu segundo show da noite o furacão Cadillac é aguardado ansiosamente por um pequeno público de 30 pessoas. O clima era pesado, até Wagner Montes iria pensar duas vezes antes de intimar algum elemento ali. Como os manos já olhavam feio, o show dura apenas 25 minutos e Rita se manda para sua terceira e última apresentação, no forró Clube Seleto, no Ipiranga.

Foi o mais tumultuado dos espetáculos. Lotado, com neguinho saindo no tapa para jogar uma peça de roupa ou tentar alisar as pernas da moça. Às 3h52 o show acaba, depois de quase uma hora de palco.

Depois de muito forró, cenas hilárias — bizarras até — ,a reportagem da TRIP seguiu para casa às 4h15 da madrugada, com os ouvidos impregnados de música brega-erótica e totalmente abobada com a performance aérobica de Rita Cadillac. Ela prova que o estilo dificilmente perderá sua força. Edson "Bolinha" Cury que o diga.

# VIVENDO NA LAMMA

entrevista
Ricardo Franca Cruz

foto
Rodrigo Monte

**Existem mais de 30 milhões de mendigos no Brasil. Sub-raça? Gênios do despojamento e da humildade? Gandhis viajando pelo país? Pensadores mal compreendidos? Vagabundos? Quem são eles? Figura típica do Leblon, Damminhão Experiença se declara um admirador do Rio, "Aqui eu vejo a verdade." Para uns, ele é só mais um mendigo, igualzinho aos milhões de indigentes brasileiros. Para outros, um visionário que vê, ouve e entende sozinho a música do planeta Lamma.**

**TRIP** - O que é o planeta Lamma?

**Damminhão Experiença**- *(como se recitasse um poema)* O planeta Lamma é sete palmos debaixo do chão, não tem fulano não tem ciclano, todos nós vamos para o planeta Lamma, podem ser ladrões, podem ser barões, o fim de todos nós é no planeta Lamma, sete palmos debaixo do chão. É um planeta imaginário, imaginado pela minha mente, de onde eu criei minha filosofia. Lá não existe amor, existe verdade, porque amor é tudo o que te dá lucro.

**TRIP** - Você espera que as pessoas acreditem na sua filosofia do planeta Lamma?

**DE** - Eu não! Basta que eu acredite.

**TRIP** - Qual é a dessa suástica na sua roupa e nas capas dos seus discos?

**DE** - A suástica não quer dizer nada. Falam que existe uma democracia mas você não pode andar na cidade porque já é revistado, então os partidos são todos iguais, só muda a sigla. *Adolfo* Hitler era mais verdadeiro porque não mentiu pro povo, disse "vamos criar um tipo de gente, a raça ariana". *Adolfo* Hitler é meu pai, você não tá sabendo, mas é. Minha mãe é Eva Braun e minha tia é Isabelita Perón.

**TRIP** - Vocês se davam bem? Ele era racista e você é preto...

**DE** - Eu nã sou preto! (*exaltado*) - Não confunda uma coisa com a outra, a pele não quer dizer nada. O que existe é o cérebro desenvolvido.

**TRIP** - Você é preto, sim.

**DE** - Não seja burro, moleque! Você vive no padrão brasileiro, que é o planeta Brasil. Aqui tem mistura de cérebro dentro do outro cérebro, é uma confusão de coisas diferentes, de várias raças, e essa mente não pode ser desenvolvida. Você tem a pele escura e pode ter um cérebro puro, um sulco puro de inteligência. Hitler podia ser o que fosse, mas era inteligente, queria ver o primeiro mundo, não é um governo do Brasil que bota o país 300 mil anos atrasado. A raça ariana do Brasil, que são os ricos brasileiros, tem um cérebro atrasado porque não sabe viver com as coisas boas do mundo. Eu não sou nazista, sou realista. Não existe isso no universo, rapaz, é tudo uma coisa só.

Com seu violão de "cordas do mundo", o músico Damminhão mistura repente com a música do planeta Lamma

**MINI-GLOSSÁRIO DE LAMMA**

*funciorap* - mulher

*biofun* - homem

**TRIP** - Você falou, falou, mas não disse porra nenhuma. Você é preto ou não é?

**DE** - Entenda, o que você leva da Terra? Você goza a vida. Morreu, acabou. Não tem outra vida porque a Terra é um ser vivente, ela anda e se alimenta dos insetos que vivem nela, que somos nós. O inferno é na Terra porque o homem é o diabo da Terra. Ele é o diabo porque usa chifre, a mulher é o demônio porque bota chifre no homem. A culpada de tudo é a família. É por isso que eu digo "eu gosto de apanhar de mulher", por que não? Se a mulher tiver um padrão financeiro poderoso ela pode me arrebentar de porrada e matar os desejos dela sugando a minha vida.

**TRIP** - Você disse que a família é a culpada de tudo. Explica direito.

**DE** - Quem gerou tudo o que tem na Terra? Foi a família, numa união de duas pessoas que querem criticar as coisas do universo. O ladrão tem família, o corno tem família, a piranha tem família. E a família diz que isso tudo é coisa ruim, mas foi ela que botou isso na Terra. Se existe alguma coisa ruim na Terra é a família. Você sabe o que é droga? É medicina criada pela família. Existe uma maioria de gente sofrendo e uma minoria de gente vivendo. Uns sofrem para outros viverem bem. Tudo é dinheiro, tudo é indústria.O que traz toda a violência no universo é a desgraça da fome. Quem produz a fome? É a família! A família me produziu e não quer me aceitar.No Brasil acontece a mesma coisa que você vê na Somália, só que não é declarado. Por que a Igreja, que se diz a poderosa do universo, não acaba com a fome? A miséria é a riqueza dos poderosos.

**TRIP** - Você é casado, tem namorada, ou algum tipo de relacionamento com mulher?

**DE** - A mulher é tão forte que destrói qualquer homem, o homem é tão frágil que usa chifre pra dizer que é poderoso. Tire por mim, o homem é uma fraqueza. Eu gosto de uma pessoa e fiz essa música pra ela: (*cantando*) "Eu quero casar com ela, mas ela faz amor com o pai dela/ É um negão horroroso, mas ela me diz que ele é gostoso/ Que horror!/ Pior que é verdade, eu queria que fosse mentira/ Queria viver com ela na alegria..." Eu amava uma menina e descobri que ela dava pro pai.

# chips & salsa

● Passei o mês de dezembro no Brasil e fui conferir a tal cena roqueira brasileira. Amigos mais exaltados abriam champanhe para comemorar a overdose de "grandes" bandas que pintaram no país nos últimos meses. Depois de assistir uns três shows e ouvir cinco minutos de rádio, meu impulso foi pular no primeiro avião e me mandar.

● Só gosta de rock brasileiro quem não consegue diferenciar uma Stratocaster de um berimbau. Tenho certeza que em Dakota do Norte —o Piauí norte-americano— existem mais bandas decentes do que no Brasil inteiro. Em minha passagem pelo país, vi uma bandinha imitando o Primus, outra copiando descaradamente o Pixies. Um grupo banal de rockabilly está sendo considerado a nova encarnação do Stray Cats. Vamos com calma.

● Já existem duas cidades que são fortes candidatas ao título de "nova Seattle": San Diego (Califórnia) e Austin (Texas). A primeira é a casa da Cargo Records e de bandas como a Rocket From The Crypt e Drive Like Jehu, que fazem uma anormal mistura de punk, rockabilly e som de garagem. A cidade também tem uma cena de skate punk bem forte. Austin até agora era conhecida como a cidade dos Buthole Surfers, mas agora capitaliza todas as bandaças do Texas: Ed Hall, Crust, Brutal Juice etc. Esses grupos fazem um som noise com pinceladas de industrialismo, talvez influenciados pelo Seminal Scratch Acid, grupo local cujos membros fundadores acabaram montando o esporrento Jesus Lizard. As gravadoras já estão de olho nas duas cidades e a caça aos "novos Nirvanas" já começou.

● Cena mais engraçada do terremoto de Los Angeles: o chato Chevy Chase, o João Kleber norte-americano, quase chorando em frente à sua mansão de três milhões de dólares semi-destruída. Ele merece.

Boa notícia para os fãs de quadrinhos: o cartunista Don Martin, veterano do MAD, está lançando sua própria revista mensal, chamada... Ahn... "Don Martin".

● **É oficial:** José Mojica Marins, o cineasta que criou o personagem Zé do Caixão, vai para Nova York em maio como convidado de honra da Chiller Convention, a maior convenção de filmes de terror dos EUA. Durante os dois dias do encontro —que costuma reunir cerca de dez mil pessoas— será exibida uma retrospectiva da obra do Zé e haverá um debate sobre seus filmes. Parece que o Brasil é o único país do mundo onde Mojica ainda não é reconhecido.

Zé "Mojica" do Caixão

andré sader

● **Disco do mês:** "Five Dollar Bob's Mock Cooter Stew", novo EP do Mudhoney. Se alguém ainda tinha alguma dúvida de que o Mudhoney é uma das maiores bandas surgidas nos últimos anos, é só dar uma ouvida nessa maravilha. Garagem anos 60 + punk+ surf music. O show ao vivo também é matador.

● Falando em shows, aí vai uma lista dos mais recentes que pintaram por aqui, acompanhados das respectivas cotações:

● Smashing Pumpkins- Chato. Muito chato. Cada música levava 20 minutos. As músicas mais agitadas ainda dá pra aturar, mas as baladas são de lascar.

● Teenage Fanclub- Legal. Ao vivo, a banda não tem o mesmo pique dos discos, mas quebra um galho. Bom mesmo foi o show de abertura com o Yo La Tengo, uma esquisitice psicodélica qe mistura My Bloody Valentine com Sonic Youth.-Meteors- Sonhei a vida inteira em ver os caras e não me decepcionei. Psychobilly insano. A platéia estava lotada de carecas nazistas, mas ao contrário das versões tupiniquins, os daqui não mexem com ninguém e assistem o show numa boa.

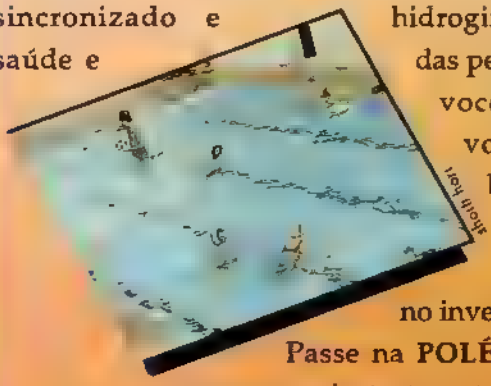
● Tad- Muito barulhento. Nota 9.

● Jawbreaker- punk melódico a la Husker Du. Muito bom. Outro show legal de punk foi o do Melces, grupo de Seattle que parece um Replacement mais porrada. DO.A- Já posso morrer em paz. Isso é que é show.


# GRANDE LIQUIDAÇÃO DE PNEUS NA

Se você se esconde na praia ou não tira a canga nem na hora de entrar na água, este anúncio lhe interessa. Se você está "na ponta dos cascos" e precisa apenas manter, este anúncio também é pra você.

A equipe de instrutores pró da **POLÉ** dá aulas de nível internacional em natação, polo aquático, nado sincronizado e hidroginástica. Além da saúde e das pessoas bonitas que você vai conhecer, você ganha de brinde, um corpo novinho pra usar no verão (e no inverno).



Passe na **POLÉ** e queime o seu pneu, nosso instrutor estará ao seu dispor.

**POLÉ ACADEMIA NATAÇÃO Rua Prof. Atílio Innocenti, 870 Fone: 828-0286**


# Cabeça doente num corpo sadio

ilustração tony/estação manda

Fórmula estrutural do GHB

Antes de descobrirem a verdadeira causa da morte de River Phoenix, vítima de um coquetel neurológico de vários entorpecentes, o principal suspeito da despedida precoce do ator era o GHB, um nova droga de efeitos hipnóticos, relaxantes e, dependendo da dose, psicodélicos.

A sigla significa gamma-hydroxybutirate, que é apenas mais um nome para o Oxibato de Sódio utilizado há anos por *bodybuilders* americanos para estimular o crescimento muscular. Seus efeitos quase lisérgicos foram descobertos quando aumentou consideravelmente o número de trogloditas que perdiam a base pelas academias, desmaiando ou falando sandices.

A droga foi recolhida das prateleiras pelo FDA (Food and Drug Administration) como um perigoso neuromodulador. Alarmismo típico das cruzadas anti-drogas dos Estados Unidos, já que ninguém quis comentar que o cérebro de um feto humano normal contém altas concentrações de GHB.

Niki Nixon

# Urbania

andréa dantas

A aldeia de Cumuruxatiba, no sul da Bahia

***Quantas vezes você já teve vontade de abandonar de vez o esquema trabalho/dinheiro/trânsito/preocupação? Nosso co-laborador Marcelo Bonito conta que tentou escapar mas se descobriu um doente urbano.***

Você já parou para pensar que, apesar de reclamar da vida na cidade, o trânsito, a correria, os prédios, a noite sem dormir, e talvez até as crianças pedindo dinheiro na porta do seu carro podem ser um grande vício?

É. Foi isso que aconteceu comigo há quase sete anos. Achei que iria morar em Florianópolis, tinha uma proposta de trabalho bem interessante feita por um amigo antigo, o Avelino Bastos. Estava tudo certo!

Grande foi minha surpresa quando percebi que o Sul no outono não era parecido com o Sul do verão, onde todos se encontravam. Senti que iria estagnar. Percebi que tenho a sede de informação que só um ser urbano tem. Avelino me disse: "Você tem urbania". Tive que concordar. Voltei.

Adoro saber que nada pára, acordar na madrugada e ter onde beber cerveja e conversar com amigos de quem não sei nem o nome mas que sofrem desta mesma doença: a urbania.

Recentemente, passei as férias numa aldeia de mais ou menos 300 habitantes no sul da Bahia - Cumuruxatiba. Voltei tentando entender como alguns cariocas, franceses e italianos, pessoas que viviam toda essa diversidade de informações e fatos como eu, puderam se estabelecer numa aldeia. A mais intrigante de todas as figuras locais é a sogra de um amigo. Jornalista em São Paulo durante anos, ela se tornou uma espécie de benfeitora social do lugarejo e adora dizer que sua casa tem lampião a gás, e não luz elétrica. É bem provável que quando a luz chegar à sua porta ela já tenha se mudado para mais longe. Evolução? Talvez.

***Marcelo Bonito, 30 anos, empresário e estilista.***

# Sepultura é interrogado de novo

sergio cotta/sepultura ao fundo, p. 26

Os irmãos Cavalera e Bruna, "a pensadora"

Não foi só a polícia de São Paulo que resolveu interrogar Max Cavalera (você já sabe quem ele é e o que ele faz, se não souber...), acusado de zoar com um símbolo da Pátria — a bandeira nacional. A "pensadora", poetisa, atriz e entrevistadora Bruna Lombardi chegou junto e levou Max e o irmão Igor para a frente das câmeras do programa Gente de Expressão. Agora, ela vai até os EUA assisitir a alguns shows da turnê americana do Sepultura para "entrar no clima". Prevista para ir ao ar em maio.

# Cobertura espetacular

Apesar das pentelhações do Vanucci e das palhaçadas constrangedoras a que se submete a apresentadora Milene Ceribelli, o programa *Esporte Espetacular* recebeu prêmio duplo: Melhor Cobertura do Circuito Mundial de Surf pela ASP (*Association of Surfing Professionals*) e Melhor Cobertura do Circuito Brasileiro pela ABRASP (Associação Brasileira de Surf Professional). Mais importantes que os prêmios — na verdade, *lobbys* das entidades com a mídia mundial — é o excelente trabalho de equipe do programa comandado por um dos mais competentes profissionais da imprensa esportiva brasileira: Emanuel Mattos.

***Paulo Lima***

ONDAS TROPICAIS - A MÚSICA DO 4º MUNDO - COM SÔNIA ABREU - BRASIL 2000 - 107,3FM - 2ª A 5ª DAS 21 ÀS 23H.

# tripas

de Ricardo Franco Cruz

## RAPEANDO

Há alguns anos, ser "rockeiro" — quando isso em São Paulo significava ser cabeludo, usar camiseta de banda, passar o sábado de rolê nas galerias do centro, ouvir o *Comando Metal*, do Walcir, e colecionar matérias e posters do grupo preferido — era ouvir uma pá de pentelhação do tipo "cabelo comprido é coisa de mulher", "todo rockeiro é maconheiro" e por aí vai. "Antes, gostar de metal era foda, dava até sujeira. Hoje, todo mundo gosta de barulho", disse o Max, do Sepultura, numa entrevista para a TRIP de março de 1992.

Agora foi a vez do rap aparecer nos pouco informados cadernos de cultura do país. Pouco informados porque jogam páginas e mais páginas nas mãos de jornalistas nada especializados. "Ah! Esse cara tá escrevendo isso porque queria estar lá, na Folha, no Estadão..." Aqui é meu espaço, manê!

O quase megastar Snoopy Doggy Dogg — 2.5 milhões de discos vendidos, segundo a sua gravadora Death Row Records — teve seu focinho de cachorro estampado em 1/4 de página da *Ilustrada* (Folha de S. Paulo) numa matéria *mezzo* chutada, *mezzo* chupada — eu aqui também chupinho, mas não chuto. Dou uns vacilos, às vezes.

O ano passado foi decisivo, o Hip-Hop gringo provou ser um negócio rentável — que nem o metal — e a mídia (nós), como sempre, cedeu espaço. Nessas, o rap nacional se deu bem. Do mesmo modo que os amigos jornalistas do Barcinski celebraram o novo rock daqui, tem gente babando ovo pro rap.

Só que falar que o rap nacional, no geral, é bom é coisa de ignorante musical. Rola uma cena forte, com milhões de nomes e discos. A rapaziada manda bem nos bailes e tal, mas a qualidade dos trabalhos é fraquinha, fraquinha. Como toda música de fora que é feita aqui, as produções são, em 99% dos casos, um lixo. As gravadoras do estilo são picaretas, pagam mal e se mantém às custas do trampo dos rappers e DJs. Os produtores são tão amadores quanto as bandas. E não tem esse papo de dizer que tem que dar valor só porque é nacional. Tem valor o que é bom.

Com raras e excelentes exceções — Racionais, Thaíde & DJ Hum, DMN, Gabriel, Piveti, Derek Sistem Rap, Baseado nas Ruas e mais alguns — as bandas do Brasil destilam rimas mal feitas, vindas de mentes fracas facilmente influenciáveis. É tudo ruim: desde a capa, passando pela prensagem, até o som.

O único programa de rap no *dial* das FMs paulistanas, o Projeto Rap Brasil, comandado pelo DJ Armando Martins, pode até ter boas intenções. Mas muito do que toca lá é merda. Tem umas bandas fazendo uns rapinhos *mellow*, daqueles pra dançar de rostinho colado, que dá licença!

Só mais uma coisinha: se você se liga mesmo em rap, escreve para a MTV. Pede pros *modafakas* de lá legendarem a porra do *Yo!* e produzirem algo por aqui. Mande uma foto sua, quem sabe você não vira o Fab Five Freddy brazuca



Material chronicy prawem a storskim

# O tal papo sobre *cybersex*

O último *media hype* é falar sobre o *cybersex*. Os principais jornais e revistas do mundo inteiro deram e tem gente achando que sexo, num futuro próximo, será feito com o computador no meio. Não é bem assim. Dizer que o *virtual sex* vai substituir o sexo real só pode ser pregação de entusiastas desinformados ou tecnofóbicos. É mais uma variação para estímulos sexuais externos, o que não é exatamente novidade para os seres humanos, afinal de contas.

O que vale a pena discutir é a fronteira entre o que se encontra restrito nos laboratórios e nas novelas de ficção científica e o que está esquentando a moçada no *cyberspace*. Há experiências em sexo virtual, mas nada muito animador por enquanto. O que realmente rola são os papos e encontros via BBS (*Bulletin Board System*) e a grande propagação dos CD-ROMs pornôs.

Para falar do assunto, esta tribo já conta até com uma revista própria e sua musa: *Future Sex* e sua editora, a californiana Lisa Palac, 29 anos. Escritora de contos eróticos e autora de um CD de áudio virtual chamado *Cyborgasm*, ela se auto-denomina pornógrafa.

divulgação

**A escritora Lisa Palac**

Uma palavrinha da moça em entrevista exclusiva: "A mídia *mainstream* tem falado muito sobre o *Virtual Sex* porque ele ainda não existe. Aqui na América é difícil para as pessoas falar de sexo — a menos que estejam bêbadas ou para dizer como é repugnante fazê-lo. Enfim, é fácil falar do sexo virtual porque está distante da nossa realidade. O melhor exemplo ainda são os papos em BBS. Foi num desses que eu encontrei meu namorado , que mora em Nova York, enquanto eu vivo em Frisco."

***Jô Elias**, 26 anos, é repórter especializada em tecnologia do Jornal da Tarde*

# Kid Eternity

O planeta está morrendo, a história está acabando, a humanidade atingiu sua fase crítica. O homem é um navio afundado.

Deus está definhando, arrependido de tudo o que fez, vivendo embriagado num bar de hotel no limbo. O Diabo foi ao seu encontro para exigir uma reparação por séculos de difamação.

No Olimpo, a vida volta a ser como era antes de um deus eclipsar muitos. Zeus, Mercúrio, Athena e Cupido celebram o renascer através do fim da divindade única.Kid Eternity, um jovem semelhante a um John Lennon reencarnado, tenta evitar o Caos. Possuindo o poder de evocar qualquer personagem da história para ajudá-lo, ele tenta de Neal Cassidy a Madame Blavatsky, de Freud a Blind Willie Dodge — um bluesman que vive num carro abandonado — que lhe diz *"I asked my baby for water, she gave me gasoline..."* ("Eu pedi água para a minha garota, ela me deu gasolina..."). Se você nunca se interessou por gibis ou acha que já leu de tudo, tente Kid Eternity, de Ann Nocenti e Sean Phillips, publicação mensal da DC Comics contendo a melhor trama dos últimos cinco minutos. *Em São Paulo, procure na Devir Livraria (rua Augusto de Toledo 83, Achimação). No Rio, na Banca do Osny, em frente ao número 155 da avenida Rio Branco, no centro. Preço: U$ 1.95 (dólar-livro).*

reprodução andré sader

***Marcelo Nova**, 42 anos, cantor, compositor e colecionador insano de discos, filmes e gibis nas horas vagas.*


SIDE WALK Sand®

FEMININO E MASCULINO
USAR COM OU SEM MEIA

COURO LEGÍTIMO
PRETO/MARROM

SANDWICH DE
CORTIÇA

DESIGN ANATÔMICO

Side Walk

**Venda exclusiva na rede Side Walk**

SEJA O PRIMEIRO A SABER

Só há uma publicação preocupada em antecipar o que há de mais quente quando se fala em young trends.
Assine TRIP já e saiba antes o que rola em São Paulo, no Brasil e no mundo.
Sua revista chega rápido, num envelope protetor personalizado, pelas mãos de portadores motorizados.
O preço fica congelado e você não toma pau da inflação.

"No mês de julho, a revista "Interview Sexy" vai fazer o que "Playboy" ainda não decidiu : estampar Neguinha na sua capa. Quem saiu na frente foi a revista "TRIP", que já mostrou a loira poltergeist nua em uma série de fotos feitas no Méier..."

REVISTA DA FOLHA (F.S.P.)
Domingo, 13 de junho 93

"O interesse constante pela inovação pode ser sentido a partir da hora em que se procura a TRIP na banca e descobre-se que se pode optar entre duas capas diferentes."

REVISTA PROPAGANDA
Maio 93

"Apesar desse visual heavy, Dadá é baixista da banda de rock Os Normais e foi escolhido como o Mel Gibson dos surfistas — em eleição livre e direta — pela revista "TRIP", especializada em young trends."

REVISTA INTERVIEW SEXY
junho 93

ASSINE JÁ
*e receba a TRIP por um ano (seis edições)*

CR$ 12.000,00

PROMOÇÃO VÁLIDA ATÉ 31/03/94

Mesmo que você não assine a TRIP, responda nossa pesquisa e envie para a redação (Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 1478 - São Paulo - SP - CEP 04543-011).

NOME IDADE
ENDEREÇO CEP
FONE CIDADE ESTADO
QUE RÁDIO VOCÊ OUVE?
QUE MARCA DE CAMISETA VOCÊ PREFERE?
QUANTAS VEZES POR MÊS VOCÊ VAI AO CINEMA?
QUE MARCA DE CADERNO VOCÊ USA?
QUE MARCA DE TÊNIS VOCÊ USA?

# O pensador de Mauá

***Nestas 36 edições e quase 9 anos de publicação, a TRIP nunca teve um colaborador como Arthur Veríssimo. Ele vai e vem. Edição sim, edição não, ele está lá — aqui — na sua tradicional posição de lótus, engendrando conceitos e idéias do alto de seu santuário, em Visconde de Mauá (RJ). Aos 34 anos, Arthur é filósofo, jornalista, radialista, budista praticante, DJ, mountain biker e, nos últimos meses, pai do pequeno João. Confira alguns lançamentos (livros e discos) selecionados a dedo por ele, o pensador de Mauá.***

● *O Teste do Refresco do Ácido Elétrico*, de Tom Wolfe, saiu aqui 25 anos depois de lançado nos EUA. Do começo ao fim é uma colcha de retalhos de acontecimentos reais da turma do escritor e "bem lôco"("ma muito lôco memo") Ken Kesey, autor de *Um Estranho no Ninho*. Seus relatos e viagens pela América com seu povo conhecido como Pranksters — a faceta da autêntica psicodelia — regados a muito ácido, *cannabis* e outros aditivos. Lançamento da editora Rocco

● ***Caça aos Turistas***, do jornalista Carl Hiaasen, lançado nestas plagas pela Companhia das Letras, é uma história que mistura elementos de ficção com realidade. Um grupo terrorista intitulado *Las Noches de Diciembro*, com o líder *El Fuego*, um eminente jornalista, mais um jacaré, um índio, um crioulão decadente do futebol americano e um chicano, começam a barbarizar — literalmente — Miami.

● ***Guiado Pela Lua***, da editora Brasiliense, é o típico livro para quem quer se aprofundar detalhadamente no culto e ritual do Santo Daime. Escrito e pesquisado pelo antropólogo Edward MacRae em diversas comunidades de norte a sul do Brasil, é na medida para leigos e curiosos em geral. Depois da leitura, só falta experimentar o Santo Daime. Mas esta já é outra história

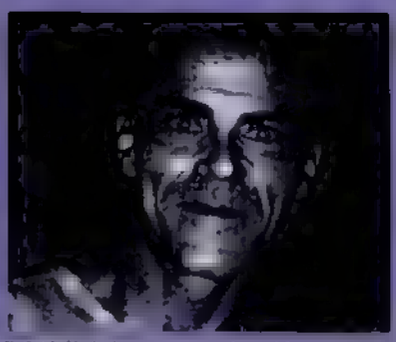
● Recentemente, dei um pulo na Jamaica com meu fiel escudeiro Zé Gonzalez. Quem já foi sabe o que é. Para quem não foi, é puro sol, rum, Red Stripe, sensimila, reggae, calipso, Montego Bay, ska, rasta, dancehall, muita fruta e, é claro, muito gringo bundão. Mas o incrível é a fartura da produção musical na ilha. Passe na sua importadora predileta de CDs ou espere deitado o lançamento por aqui

● Tiger com *Claws of the Cat*, um dos mais importantes mensageiros do raggamuffin, o mais irreverente e bandido. Lançado pela Chaos, este disco conta com produções das mais variadas, desde o mago Sly Dumbar e a dupla mais requisitada da ilha: Steely & Clevie. Mas o que impressiona e arrebenta em qualquer pista é a faixa "Who Planned It", produzida por Q-Tip do A Tribe Called Quest

● Você conhece Buju Bantom? É o artista mais amado da Jamaica no momento. Você pega um táxi, tá lá Buju. Entra num muquifo, tá lá Buju. Vai numa festa e o som é Buju. Em todas este DJ de 21 anos, descendente dos *maroons* — um bando de negros fugitivos que detonaram os colonialistas ingleses que queriam reescravizá-los — se destaca. Em suas primeiras experiências como cantor, Buju saiu do palco seguido por dezenas de latas de cerveja atiradas pela platéia. Hoje, o cara é milionário, anda sempre acompanhado de sua *maggie* (uma 357, Magnum) e se define como hardcore. Vale a pena correr atrás do *Voice of America*

Buju conquistando a América

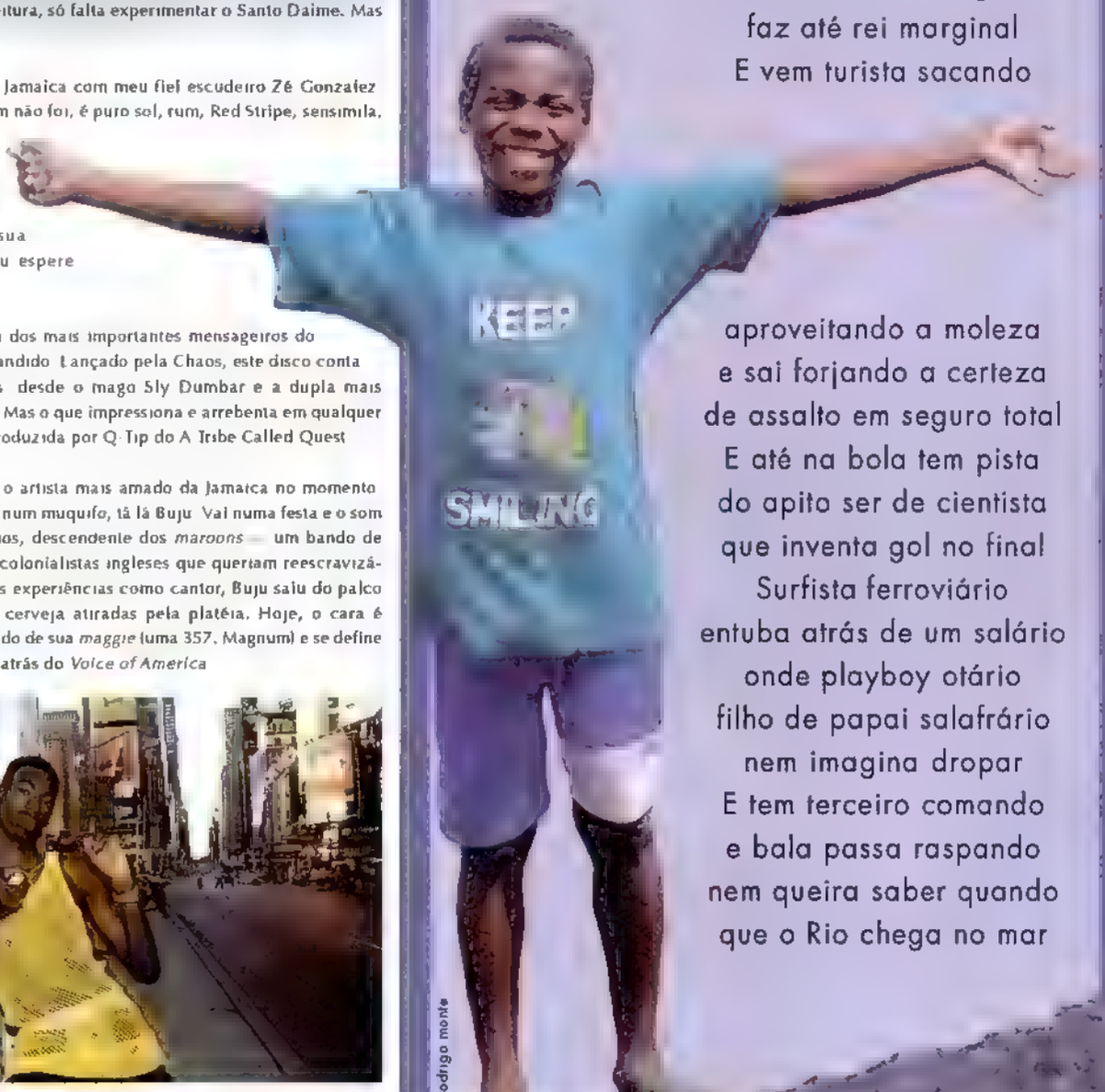
Tico Cavalcanti



## MAR LANDRAGEM NO RIO

O carioca Átila Paulino, 12 anos, toma conta dos carros na Pedra da Gávea. "O Rio é isso aí."

Rio mandou de Janeiro
na real fevereiro
um sete um alto grau
O bicho pega e no samba
mesmo com o bicho enjaulado
claro já foi avisado
gata do corpo dourado
calma vai ter Carnaval
E as águas rolam no Rio
batem na pedra cristal
branca malandragem
faz até rei marginal
E vem turista sacando




rodrigo monte

aproveitando a moleza
e sai forjando a certeza
de assalto em seguro total
E até na bola tem pista
do apito ser de cientista
que inventa gol no final
Surfista ferroviário
entuba atrás de um salário
onde playboy otário
filho de papai salafrário
nem imagina dropar
E tem terceiro comando
e bala passa raspando
nem queira saber quando
que o Rio chega no mar

# OSL da roger

Romário Gallo

**1.** Televisão por assinatura é uma delícia. Se você tem grana, assine. Aliás, custa menos do que geralmente se imagina. E confira a programação da TVA. Muito bacana.

**2.** É uma saída de primeira para a bosta que é a comunicação para o jovem no Brasil. Tirando duas ou três coisas, o que se produz é dispensável, vulgar, superficial, pobre, inculto

**3.** E a empáfia dos figuras que fazem comunicação "teen" é impressionante. São os reis da cultura inútil. Falam da última coletânea do mais recente grupelho dance —descartável— e da penúltima revista "In" de Nova York como se isso fosse assunto. Desprezam o público posando de sofisticados. Comportam-se como os porta-vozes do primeiro mundo, cagando regra nos ignorantes do terceiro Recuse o rótulo teen Recuse ser tratado como debilóide. Exija qualidade na informação que você consome

**4.** Falando em qualidade, mais um show de bola da CNN. A cobertura do terremoto em Los Angeles foi esplêndida. Mesmo em meio a uma situação de calamidade pública, os câmeras enquadram com bom gosto, os âncoras conduzem com charme e segurança, as vinhetas são legais. Uma aula de televisão

**5.** Também existe inteligência na nossa TV. O SBT tem Bóris Casoy, Sérgio Groisman, Jô Soares, Nélson Hoineff e a sensibilidade de Silvio Santos. A Globo é internacional e tem Carlos Manga, Guel Arraes, Luis Fernando Carvalho e o gênio de Boni. A TV Cultura é uma maravilha, pilotada por Roberto Muylaert. E a TVA e Globosat estão de vento em popa

**6.** Uma pena é o esvaziamento da MTV Brasil. A saída de Titti Civita e Thunderbird encerra um capítulo que foi muito produtivo na história recente da TV brasileira. Titti era a cabeça, sabe tudo de MTV. Thunder é a figura mais brilhante que a MTV revelou. Acabou o charme, virou mingau de bolhateen.

**7.** Mas a música vai mais do que bem. Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Jorge Ben Jor, Tim Maia, Gal Costa, Maria Bethânia. É um presente. Os cinquentões exuberantes fazem a trilha sonora da lavagem intestinal que o Brasil está vivendo

**8.** E preste atenção porque um gênio está entre nós. Carlinhos Brown."A cultura popular é não só nosso passado, mas também nosso futuro", diz Julio Caro Baroja

**9.** Eduardo Fisher foi rápido no gatilho e depois de João Gilberto e Tom Jobim, vestiu em Brown a camisa número 1 do Brahma

**10.** Não perca Andréa Beltrão, estrelando a nova minissérie da Globo — Madona de Cedro— dirigida por Tizuka Yamazaki. Andréa também é a nova estrela do comercial da Arno, criado pela W/Brasil.

**11.** Assista Vestido de Noiva, de Nélson Rodrigues, em cartaz no Rio de Janeiro, e veja de perto Malu Mader. Você vai descobrir uma atriz montando em pêlo em um texto tenso e intrincado, conduzindo a peça com força, carisma e competência. E bela como sempre

reprodução sherli hart

Malu Mader na telinha da Globo

**12.** Orson Welles, Pedro Almodóvar, Woody Allen. "Um filme nunca é verdadeiramente bom, a menos que a câmera seja um olho na cabeça de um poeta", disse Orson Welles. Quando esta TRIP chegar às bancas, os novos lançamentos desses diretores fabulosos possivelmente já estarão à disposição num cinema perto de você

**Fim de semana tem TRIP no rádio - Sexta 20h. pela 89FM - SP - sábado 19h. pela 98FM - Santos - Nove anos de independência no ar**

## Não fique sem calças em Paris

Se você já riscou Paris dos seus planos de viagem por achar que uma conta de hotel cinco estrelas não caberia em seu orçamento e tampouco estava a fim de encarar uma hospedagem de segunda, prepare-se para rever a questão. A dica é a rede de hotéis Compagnie Internationale Phenix Hotels que administra 23 estabelecimentos de duas e três estrelas na capital francesa. Os preços são bem mais assimiláveis e três estrelas em Paris deixa muito cinco estrelas brasileiro com vergonha das toalhas, do café da manhã ou do elevador demorado Os hotéis têm lobbys clássicos e chiques café da manhã com todos os croissants chás sucos frutas e doces que você puder comer, quartos charmosos com TV e geladeira em perfeito estado duchas fortes e quentes e telefone. Se você se acha muito velho para andar de mochila e dormir na estação de trem, ou muito novo para se hospedar na suíte presidencial do Paris Sheraton, informe-se aqui mesmo no Brasil pelo telefone (011) 34-9131

## Conexão

Enquanto os cães ladram, a VASP passa a operar São Paulo-Nova York São dois vôos semanais (terça e domingo) e mais um vôo às sextas com escala em Miami A empresa paulista atua agora em Los Angeles Miami Bruxelas, Buenos Aires e Aruba além dos vôos domésticos para as capitais brasileiras

## REI PISCO

O fotógrafo Pisco Del Gaiso acaba de faturar o maior prêmio espanhol de fotografia, o Prêmio Rei da Espanha —entregue pelo próprio em Madri. Além da viagem, ele levou US$ 7 mil Pisco ganhou o prêmio pela foto publicada na Folha de S Paulo de uma índia Guajajara amamentando um porco-do-mato — uma imagem que até então nunca havia sido registrada Pisco é mais um filhote da TRIP se dando bem por aí

# CACO BARCELOS

*Continuação da página 10*

**TRIP** Parece que o episódio mais pesado que rolou foi no coquetel de lançamento, noite de autógrafos .. como foi?

**CB** Foi o mais surpreendente. Eu imaginava que o meu sofrimento de sete anos iria acabar quando eu lançasse o livro. Claro que eu imaginava que pudesse ter consequências. E no lançamento já estava ali: quinto da fila. O campeão dos matadores. Botou o cartão dele em cima da mesa —nem precisava, eu já tinha visto que era ele— e eu fiz uma dedicatória. Foi a única atitude que me veio à cabeça.

**TRIP** O que você escreveu nessa dedicatória?

**CB** "Obrigado por ter vindo ao lançamento" —embora ele não fosse convidado— "espero ouvir a sua opinião sobre esse trabalho. Telefone se quiser". Deixei o número num cantinho da página. Ele leu e disse "Pois não. Eu vou te ligar ou você me procura. Porque a minha vida é um livro aberto"

**TRIP** Quem era o cara mesmo?

**CB** Gilson Lopes. O músculo dele do braço, duas vezes o meu pescoço. E o amigão dele à minha direita, de braços cruzados a noite inteira, mais outros quinze. Queriam saber quem era a minha equipe. Alguns beberam muito, começaram a agarrar as meninas. Como a gente não podia chamar a polícia, chamamos um câmera e começamos a registrar. Metade foi embora quando a câmera foi ligada.

**TRIP** Câmera de onde?

**CB** Da TV Globo. Um amigo tomou a iniciativa. Alguns saíram dando tiros pra cima. Havia um grupo de amigos —cinco, seis— e eles foram os últimos a sair. Saí com eles. Até levei um susto grande, porque tinha um cara grudado em mim que eu desconhecia, com jeitão de tira, mas fui saber no dia seguinte que era segurança do Markun, dono da Cervejaria Continental. Foi o que mais me deu medo. Eu não sabia que era ele.

**TRIP** Você foi dormir na sua casa?

**CB** Fui, porque tinha deixado o bebê em casa com a babá. Aí depois foi um horror.

**TRIP** O que aconteceu?

**CB** Eles continuaram a encher o saco. Muita coisa por telefone, e até uma sensação que talvez seja injusta. Não posso atribuir a eles o que aconteceu. O fato é que chegavam telefonemas na editora, na Bienal, podia ser qualquer moleque fazendo isso. **De concreto mesmo, que dava pra preocupar, foi a informação que veio do segurança do vice-prefeito na época, que presenciou reuniões de vários oficiais citados no livro tratando de dar um jeito em mim, de me pegar.** Um colega da revista Quatro Rodas falava num grupo reunindo grana pra dar de presente pra quem me pegasse. Acho que eram coisas circunstanciais do lançamento que incomodaram e depois esqueceram.

**TRIP** E a tua família nessa? Como ficaram seus filhos?

**CB** Esse foi o lado chato, porque um trabalho meu que não tinha nada a ver com eles acabou interferindo no cotidiano de todo mundo. **Eu acabei comprando um parque de diversões inteiro para os meus filhos não saírem do edifício onde eu morava.** Foi oferecida a segurança da polícia e eu não quis. Crio as minhas manhas particulares.

**TRIP** E você continua com esse sistema?

**CB** **Alguns hábitos eu não perdi, tipo a mania de andar sete passos de frente, dois de costas.** Depois que adotaram o esquema de matadores de aluguel, ficamos 100% vulneráveis. **O matador de aluguel não se preocupa com a testemunha. Ele veio do extremo Ceará pra te pegar na São João com a Paulista, vai ser visto por gente que jamais viu aquele cara. No dia seguinte ele está no Ceará de novo.** E a polícia vai procurar onde?

**TRIP** Você já chegou a ter vontade de matar alguém?

**CB** Jamais na minha vida. Sou totalmente contra violência. Odeio arma. As pessoas vão se armando de maneira indevida. Ficam se armando contra um inimigo que não é o que provoca violência, que é o assaltante. **Na cidade de São Paulo os assaltantes matam no máximo 300 por ano, menos de um por dia. E sabe quantos nós estamos matando? Nós, que nos armamos pra nos defender dos assaltantes? 7.500 por ano. Vinte por dia.**

**TRIP** E a polícia continua matando o mesmo número de antes do livro?

**CB** Não naquele padrão. Cinco por dia na época do lançamento e agora está matando 0.6.

**TRIP** Você tem a sensação de ter interferido com a realidade através de uma obra literária?

**CB** Acho que ela contribuiu para uma mudança de postura.

**TRIP** Você acha que eles não te pegaram porque Deus não deixou?

**CB** Deus e algumas pessoas aí. Eu acredito nessas energias positivas que vem das pessoas.

**TRIP** Mas quem são essas pessoas que de alguma forma te protegeram?

**CB** Eu vejo muito na rua essas pessoas que torcem por mim, que rezam por mim, umas velhinhas... **Quando eu entro numa Casa de Detenção, a galera grita: "Não morre porque a gente precisa de uma pessoa que nem você."**

**TRIP** Os presos se identificam na hora porque eles são as maiores vítimas...

**CB** Eles são as vítimas potenciais. Alguns até felizes porque não estão na cova. O risco de estar na cova é grande. Ainda mais depois de um episódio como o massacre.

**TRIP** Teu livro foi lido lá na cadeia?

**CB** Pra caramba, porque fala dos caras que botaram eles na cadeia.

**TRIP** Não é meio complicado ser tão ético no país da antiética, do roubo, da sacanagem?

**CB** Mas eu acho que tenho o dever de ser ético.

**TRIP** Você não se sente meio trouxa?

**CB** **Me sinto absolutamente otário. Quando eu volto em lugares onde eu fiz uma matéria algum tempo depois e nada mudou, fico achando que não contribuí com nada.**

**TRIP** Você está sempre fuçando a pior parte do país, da sociedade, das pessoas. Você acha que há solução? O ser humano é mesmo uma experiência que não deu certo?

**CB** Sou otimista, apesar de ver as coisas sempre piorando. Acredito muito nas pessoas, nas iniciativas individuais. Eu acho que se esse comportamento da classe que dirige o país fosse menos cruel seria um puta avanço. A violência contra o patrimônio não precisaria existir no Brasil. Um sujeito que ganhe um salário razoável pra consumir pelo menos a proteína básica —US$1.500 por mês— jamais vai fazer um assalto pra faturar US$50. Ele vai ser violento por outras vias: contra o patrimônio, que é o que mais está incomodando a gente. E o pior: quem produz essa miséria não é quem sofre esse violência. Quem sofre a violência é quem trabalha, quem perde pouco até. **O ricão de ir pra Miami mora nas melhores mansões, tem um puta corpo de seguranças, de alguma maneira pode se proteger da violência que ele produziu.**

**TRIP** Quem você gostaria de ver na Presidência da República?

**CB** Alguém que goste mais do país. De preferência que não seja um empresário.

**TRIP** E o recado pro Collor?

**CB** Difícil. Vote num trabalhador na próxima eleição.

**TRIP** Um recado para a Madonna.

**CB** Pra Madonna? Continue linda assim.

**TRIP** Quem é a mulher mais gostosa do Brasil? Como diz um amigo meu, que você "passaria o Fusca pro nome dela"?

**CB** Esses nomes assim? É que a gente tende a dar o nome que é famoso. Mas são tantas anônimas ...

**TRIP** Quero famosas.

**CB** Acho lindo a Maly Mader, a Cláudia Abreu...

**TRIP** Por enquanto está só no andar de baixo! Bom, voltando à loucura dos hippies, você chegou a transar com mais de uma garota ao mesmo tempo?

**CB** Não.

**TRIP** Você nunca fez uma loucura?

**CB** **Já transei com duas irmãs.**

**TRIP** Ao mesmo tempo?

**CB** Não, com algum intervalo! (risos). Fiquei chocado comigo mesmo. Mas como fui muito provocado, então... **As duas estavam nuas no mesmo momento, achei aquilo demais...**

**TRIP** Você tinha quantos anos?

**CB** Vinte.

**TRIP** Lá em Porto Alegre?

**CB** É.

**TRIP** Conta essa historinha...

**CB** Uma eu namorava. A outra eu achava fascinante, tal.

**TRIP** E a outra você queria namorar.

**CB** É, e ela me provocava muito, até que um dia rolou.

**TRIP** A que você namorava ficou sabendo?

**CB** Ficou sabendo agora (risos).

**TRIP** Até hoje você não tinha...

**CB** Não, não! Porque depois também passei a não namorar mais. Fiquei amigo da segunda, da última. E não rolou mais nada com a primeira.

## Jazz-rap paulistano

Parece que finalmente o povo da noite acordou e está se balançando com um som bem mais sensual e suingado do que os tecno-house-dance ou qualquer coisa do gênero, que combina melhor com um *bunker* alemão. O hip-hop e o jazz-rap estão cada vez mais presentes nas casas paulistanas. Sábado era uma noite meio caída até surgir o Sub-Club (na pista de baixo do Columbia), com discotecagem dos três Chapeleiros Loucos (Eugênio Lima e Will Robson, da Unidade Móvel, e André Cimiliato). O som chacoalha qualquer ser humano com um mínimo de sangue black na veia ou, melhor ainda, na alma. Listinha do que não sai das pick-ups e CD players dos três: qualquer coisa de New Jack Swing; Apache Indian; Toni, Tone, Tony; Jacksons, Guru, Neneh Cherry, Queen Latifah. Na pista, rappers e o povo do Unidade Móvel garantem as coreografias ensaiadas de *street dance*.

Outro que anda fazendo sucesso nas festas da cidade é o DJ Bid — que fez sua estréia numa das notórias *Trip Nights*.

Bid introduziu as *jam sessions* com rappers e músicos fazendo jazz-rap nacional. A mistura mais original dos últimos tempos que levou gente como o baixista Ron Carter a gravar com A Tribe Called Quest.

André Sader

**Aos sábados, o Sub-Club ferve ao som da *black music***

Bid levou o trompetista Valmir Gil e o saxofonista Proveta para as pistas do AZÊ 70 e da Ursa Maior, em São Paulo. Eugênio Lima também agitou sua banda de jazz-rap e logo, logo o Unidade Bop entra em estúdio pra gravar seu primeiro disco. Antena neles. Também agitou sua banda de jazz-rap e logo,

## High Times

A "esquadrilha da fumaça" na América adotou os charutos *Phillies Blunt* como *rollin paper*. A US$ 1.95 o pacote com cinco *Titan*, o maior de todos os *Blunt*, os charutões são cortados ao meio - ou esvaziados - e recheados com *cannabis*. Aprovado por nove entre dez rappers gringos.

shoiti hori

## Joga fora no lixo

Você sabe: lugar de lixo é no lixo. No litoral norte de São Paulo, fique ligado nas lixeiras espalhdas pela areia e mantenha-se longe da farofagem.

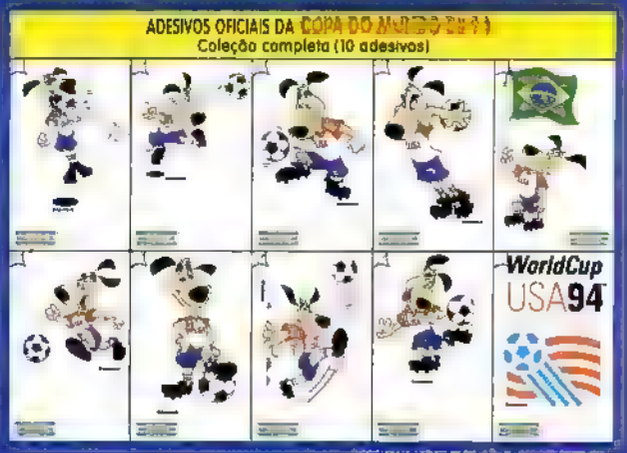
divulgação


ESSA VAI COLAR

RECEBA EM CASA A CARTELA COM 10 ADESIVOS OFICIAIS DA COPA 94

Preenha o cupom, e anexe cheque nominal à Mack Color Etiquetas Adesivos Ltda, no valor correspondente ao número de cartelas que você deseja, e envie para a Rua Francisco Marengo, 339 - Tatuapé - CEP 03313-000 - São Paulo - SP.

Nome _____
Endereço _____
Bairro _____ Telefone _____
CEP _____ Cidade _____ Estado _____
Quantidade de cartelas _____




DIMENSÃO DE CADA ADESIVO 95 x 60 mm

APENAS CR$ 700,00 CADA

ETIQUETA ADESIVA TEM NOME
MACK COLOR
(011) 941-4499

R. Francisco Marengo, 339
Tatuapé - CEP 03313-000
São Paulo - SP

Empresa oficial WorldCupUSA94 para etiquetas adesivas

Toda matéria viva (que nasce, vive, morre e se decompõe), é denominada de matéria orgânica. O lixo urbano é constituído em grande parte destes resíduos (matéria orgânica), restos de alimentos, podas de árvores, folhas e etc. No Brasil e no terceiro mundo, estes resíduos não têm uma destinação correta, sendo na maioria das vezes dispostos à céu aberto, trazendo sérios problemas de saúde pública, tais como a proliferação de insetos e roedores, normalmente transmissores de doenças.

Atualmente existem tecnologias que transformam (através de processos biológicos), estes resíduos em um excelente condicionador de solos para a agricultura (quase como adubo) e esta tecnologia propicia o fechamento do ciclo de reciclagem, "voltando à terra o que é da terra", claro que após a devida separação dos materiais não biodegradáveis e dos recicláveis.

O litoral de São Paulo não possui tradição agrícola, mas neste caso, o composto (lixo estabilizado biologicamente) teria grande utilidade na recuperação de taludes, servindo como adubo para o reflorestamento e até substituindo o material utilizado em aterros, o qual é criminosamente retirado dos belos morros, transformando-os em cicatrizes em meio à bela **MATA ATLÂNTICA**.

Rosvaldo Catino

**RECICLE & FISCALIZE**

# Mar azul, areia branca, praia limpa.

**WAGON SURF LINE**

## Cruzado no queixo e massagem

Antes de morrer, o ex-pugilista, ex-viciado, ex-alcóolatra e gênio em período integral Miles Davis andava inquieto pesquisando as novas possibilidades de interação entre sua música e outras vertentes e ritmos. Chamou o rapper Easy Mo Bee para produzir o trabalho que, infelizmente, se tornaria seu último disco — *Doo Bop*.

A fusão entre o hip-hop e o jazz funcionou como um cruzado na ponta do queixo do jazz calminho, e como uma sessão de shiatsu na agressividade pentelha do rap. O resultado lembra os tempos áureos de Joe Louis, o chamado doo bop — nome dado pelo próprio Miles —depois hip-hop jazz é calmo e sereno, mas pronto para se transformar em bicho quando menos se espera.

Enquanto os fãs do jazz ainda choravam a perda, algumas bandas já estavam misturando trompetes com samplers em garagens da Europa e América. O grupo inglês US3 (ou Nós Três, para os nacionalistas) talvez seja a melhor tradução da sacada de Miles, e o álbum *Hand on the Torch* é absolutamente obrigatório. Um alento numa época tão vazia de música realmente nova e criativa. Não é sempre que aparece um som que inova em cada frase. ***P.L.***

## Moda de interiores

Ao comprar uma calcinha, quais critérios você usa para se decidir entre um modelo e outro? Esqueça-os se você for até o atelier do estilista paulista Alexandre Herchcovitch, 22 anos, e estiver procurando essas sublimes —não nas mãos de Herchcovitch— peças femininas. Tem até um modelo que, digamos, já vem com os pentelhos pintados no devido lugar. Outro com uma caveirinha *crossbones* estampada na frente da "perseguida". A reação das pessoas é achar graça. "Não era essa minha idéia. As minhas calcinhas foram feitas para serem usadas sem nada por cima, você só precisa ter coragem", diz o estilista. Para as corajosas, o endereço do atelier de Herchcovitch é rua Aurora Pontieri, 42, Sumaré, em São Paulo.

fotos christian gaul

**Escolha o seu modelo, corajosa**

# cartas

**A TRIP quer saber a sua opinião, receber suas sugestões e avaliar suas críticas. Escreva, o endereço é: Av. Pres. Juscelino Kubitscheck, 1479, São Paulo, SP, CEP 04543-011. Se preferir, mande um fax para (011) 829-4355. É importante.**

### RECADO DO CAPETA

Prezados Senhores,

Queremos parabenizá-los pelas matérias da edição número 35 da revista TRIP. Há apenas uma restrição a fazer quanto a matéria *Street Wear*, onde, numa foto do desfile da Zoomp no Studio Fathon, aparecem os *riggers* da nossa empresa que montaram a iluminação do evento e não os *roadies* do som, como citou a revista.

Esperamos sua compreensão e aguardamos providências.

***Lucifer Produções Ltda - Alto do Sumaré, SP***

### FUCK THE FASHION AND TATOLA TOO

Estou parabenizando vocês pelas excelentes matérias da edição número 35 da revista TRIP. Adorei a matéria *Fuck The Fashion*. Agora, não estou gostando do Sr. Tatola. É um medíocre que pensa que é o rei da carne seca. Acho seu grupo ridículo. Moçada da TRIP: continuem mantendo o nível nas próximas edições!

***Angelo Augusto Costa***
***Jardim da Saúde - SP***

### A ÚNICA IRA QUE DÁ TESÃO

Moçada da TRIP: achei a última edição muito vazia. Tem uma hiper reportagem do Serginho Groisman, mas a matéria da Ira Barbieri deveria ser mais ampla. Uma gata daquelas, toda gostosona, tem muita coisa pra dizer para os fãs. Acho que ela deveria tirar umas fotos mais sexys. A que ela tirou mostrando o ânus dá a impressão que está morta...

***Eduardo V. Alvarenga***
***Itaquera - SP***

*Eduardo,*
*Como você conseguiu ver esta parte tão escondida do corpo humano naquela foto?*

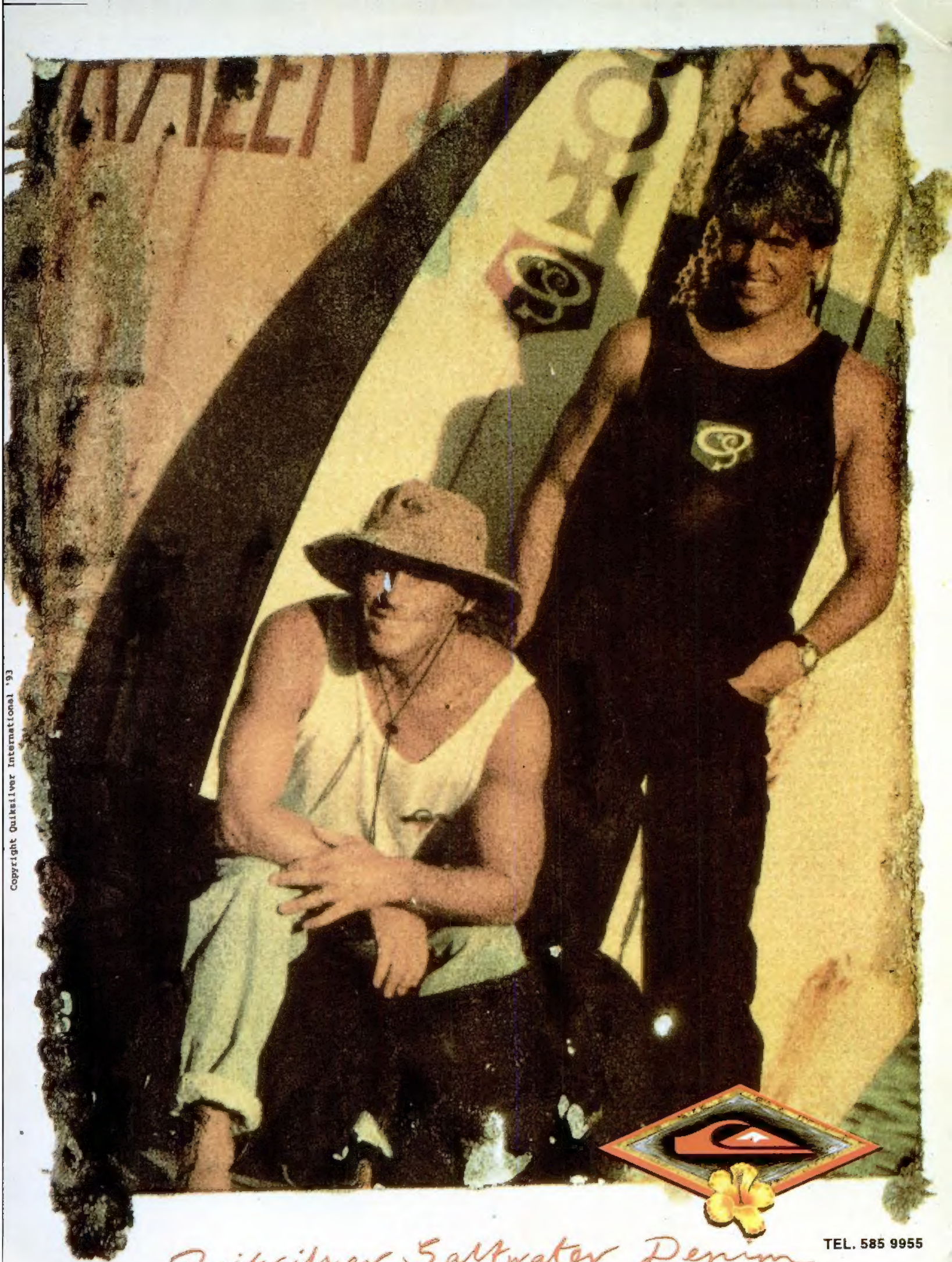
### APRENDENDO COM A TRIP

Tem vezes que estou lendo a TRIP e penso porque não conheci esta revista há mais tempo.O legal é quando estou com ela nas mãos: aprendo e conheço coisas novas, ares diferentes. Isso é muito legal!

***Sebastião D. Cirilo***
***Inhumas - GO***

s a l a d a

Material chroniony prawem autorskim




Copyright Quiksilver International '93

Materiał chroniony prawem autorskim

26 KODAK 5005 EPP 18 KODAK 5005 EPP 19 13 KODAK 5005 EPP 14 15 KODAK 5005 EPP 16

26 ▷ 26A 18 ▷ 18A 19 13 ▷ 13A 14 15 ▷ 15A 16

17 KODAK 5005 EPP 18 19 KODAK 5005 EPP 20 21 KODAK 5005 EPP 14 KODAK 5005 EPP 15

7 ▷ 17A 19 ▷ 19A 20 21 ▷ 21A 14 ▷ 14A 15

20 KODAK 5005 EPP 22 KODAK 5005 EPP 23 11 KODAK 5005 EPP

20 ▷ 20A 22 ▷ 22A 23 11 ▷ 11A 1

©KLAUS MITTELDORF LOJAS EXCLUSIVAS: (011) 826 4288

# TRIP

ANO 8 Nº 36 CR$ 2,000,00

## DINHO E BETTY PRADO

Arrepiando vagabundos no Minhocão

## CACO BARCELLOS

O repórter da Globo detona jornalismo, drogas, mulheres, casamento e Roberto Marinho

## PORTO DE SANTOS

O submundo do sexo, dinheiro e mistério

## MARCELO AUGUSTO

Loiro burro ou o novo Fábio Júnior?

**Peça ao jornaleiro a outra capa desta edição. A escolha é sua.**